



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Língua Portuguesa e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa**

**Contribuições para a Fonética e Fonologia
da Língua Manxineru (Aruák)**

Fábio Pereira Couto

**Brasília
2012**

Fábio Pereira Couto

**Contribuições para a Fonética e Fonologia
da Língua Manxineru (Aruák)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília
2012**

Fábio Pereira Couto

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Brasília, 13 de dezembro de 2012.

Profª. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues (Membro interno)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Wilmar Rocha D’Angelis (Membro externo)
Universidade Estadual de Campinas

Profª. Dra. Regina Célia Cruz (Membro suplente)
Universidade Federal do Pará

Ao meu filho Arthur, que faz todo o meu esforço valer a pena. À minha esposa, por todo o apoio, dedicação e carinho. A todos os meus irmãos, Paulo, Vicente, Solange, Roberto, Márcio e Valdinei. Aos meus amigos queridos, Alexandre Severo, Adriano Sampaio. A Francisca Cordélia e ao José João de Carvalho. Ao meu grande amigo Lucas Manchinery. Ao meu pai Hermínio, à minha mãe Lúcia e à minha segunda mãe Suelene. Enfim, a todas as pessoas que eu amo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por permitir que eu realizasse mais esse projeto de vida.

À minha querida e ilustre professora orientadora Ana Suelly, por sempre ter acreditado em mim, mesmo nos momentos mais difíceis, e por ser essa pessoa sincera e genial a qual, desde já, deixo meus eternos e sinceros agradecimentos.

Ao professor Aryon Rodrigues, por ser a pessoa mais dedicada e mais inteligente que até hoje eu pude ter o prazer de conhecer e conviver.

Ao professor Wilmar D'Angelis, pelos ensinamentos em fonética e fonologia e por ter me dado todo o apoio nos meus estudos tanto em Brasília quanto em Campinas.

A Professora Regina Cruz, pela valiosa ajuda nas correções das considerações em uma perspectiva da fonética acústica de minha dissertação e pelas demais correções sugeridas.

Ao Páltu kamaiwra, por ser o primeiro a me motivar a mergulhar nos estudos linguísticos em língua indígenas, e por ser, hoje, meu amigo.

Ao meu grande amigo e mentor intelectual Jorge Lopes, que sempre me ajuda a superar dúvidas e inquietações de pesquisas, e por ter contribuído, e muito, para revisão e formatação desta dissertação.

Ao Fernando, pelas primeiras orientações básicas para o uso do Praat.

Ao Maxwell Miranda, Sanderson Oliveira e Marcelo Jolkesky, por ajudarem nos meus estudos.

Ao Ariel, por ajudar nas nossas dificuldades tecnológicas.

À gentil amiga Suseile Andrade Sousa, por ser essa pessoa simples e dedicada com todos do LALI.

A Ana Aguilar e todos os colegas do LALI, que são meus companheiros de estudo e de conversa.

Ao CNPq, por conceder a bolsa de estudos, sem a qual tornaria minha trajetória acadêmica mais difícil.

Aos professores do PPGL, que contribuíram para os meus conhecimentos linguísticos.

Aos meus colegas de trabalho, Patrícia Alcântara, Juscimary Sousa, Fabrício Martins, Carlos André, Maria Izabel, Benjamin Lacerda, Perla Alves, Marta Lima, Lilia e demais colegas.

A todos, que de certa forma, contribuíram e contribuem para o meu sucesso, pessoal, intelectual e pessoal.

“Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes, estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas.”

(RODRIGUES, 2002, p. 17)

RESUMO

Nesta dissertação apresentamos uma análise e descrição de aspectos da fonética e fonologia da língua Manxineru, variedade da língua Yine (família Aruák), falada no sudeste do Estado do Acre (Brasil), por uma população indígena de aproximadamente 1000 pessoas. Este trabalho foi pensado como uma contribuição ao conhecimento da língua Manxineru e foi desenvolvido em uma perspectiva fonética articulatória, observando detalhes da articulação dos sons no “aparelho fonador”, para o que foram fundamentais referências como Pike (1971), Ladefoged e Maddieson (1993), entre outros; e em uma perspectiva fonológica, considerando princípios de análise fonêmica, tem como orientação fundamental a distribuição dos sons em sequências sonoras mais largas, tais quais sílabas e palavras. Consideramos também o princípio de que os sons são modificáveis pelo ambiente e que esses sons são fonemicamente distintos se provado que não são simplesmente modificações causadas pelo ambiente em que ocorrem (TRUBETZKOY, [1939] 1976, PIKE, [1947] 1971).

Com base em dados de mais 1550 palavras e várias sentenças, descrevemos 20 fones consonantais e 44 fones vocálicos para o Manxineru; descrevemos também 16 fonemas consonantais e 5 vocálicos. Analisamos e descrevemos a propagação de nasalidade, vozeamento, dessoantização e redução vocálica, com base na teoria autosegmental e com suporte teórico e técnico de dados acústicos. Na análise acústica dos sons foram referências principais Ladefoged e Maddieson (1993), Ladefoged (2001, 2003). Os trabalhos descritivos sobre a fonética e fonologia das variedades Yine, que serviram de referências principais para a presente dissertação, foram Matteson (1965) e Hanson (2010). Amparados por princípios, procedimentos e instrumentos da fonética acústica, descrevemos o padrão silábico canônico (C)V(C) para o Manxineru e não CCV ou só CV, como postulados em outras obras sobre a variedade Manxineuru e variedade Piro. A presente dissertação possui não só uma finalidade científica, mas também aplicada ao ensino da língua Manxineru na formação de professores dessa língua, tanto do magistério, quanto dos cursos interculturais indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Manxineru. Redução e alongamento vocálico. Dessoantização. Nasalização. Sonorização.

ABSTRACT

In this dissertation I present an analysis describing aspects of the phonetics and phonology of the Manxineu language, a variant of Yine (Aruák family), spoken in the southwest of the Acre state (Brazil) by a population of some 1000 individuals. This work has been conceived as a contribution to the knowledge of the Manxineru language and has been developed into an articulatory perspective, observing details of sound articulations (cf. PIKE, 1971, LADEFOGED & MADDIESON, 1993, among others), and also under a phonological perspective, considering principles of phonemic analysis such as the one which takes as fundamental the distribution of sounds into more large sequences such as syllables and words, but also considering the principle under which sounds are modified by the environment, and that they are phonemically distinct if proved that they are not simply modifications resulting from the environment in which they occur (TRUBETZKOY, [1939] 1976; PIKE, [1947] 1971). Based on data from over 1550 different words and sentences, we have described 20 consonantal phones and 44 vowel phones for Manxineru; we have also described 16 consonants and 5 vowel phonemes for that language. We have described and analyzed the spread of nasality, voicing, dessoantização and vowel reduction based on the autosegmental theory with theoretical and technical support from acoustic data. The acoustic analysis has been benefited by the works of Ladefoged and Maddieson (1993), and Ladefoged (2001, 2003). The descriptive studies about phonetics and phonology of the Yine languages that served as reference for the present dissertation are Matteson (1965) and Hanson (2010). Supported by principles, procedures and instruments of acoustic phonetics, we have described the canonical (C)V(C) syllabic pattern for Manxineru and not just CV or CCV, as postulated in other works on the range and variety Manxineuru Piro. The present dissertation has a scientific purposes, but also an applied one, for which we intend to adequate its results to the needs of the linguistic teaching of the Manxineru language in the formation of teachers of that language, in high school programs as well as in undergraduate programs for indigenous teachers.

KEYWORDS: Manxineru language. Vocalic reduction and lengthening. Dessoantização, Nasalization. Sonorization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 — Localização da Terra Indígena Mamoadate	18
Espectrograma 1 — Processo de dessoantização do /l/ na palavra ['nõ:ndi]	87
Espectrograma 2 — Processo de dessoantização do /l/ na palavra [hĩ ,nali 'kã:ndi]	88
Espectrograma 3 — Processo de vozeamento do /h/ na palavra [ka 'fia:li]	90
Espectrograma 4 — Processo de vozeamento do /h/ na palavra [hĩfi'e 'reko]	90
Espectrograma 5 — Processo de vozeamento /h/ na palavra [,ʃi'e 'hõhõni].....	91
Espectrograma 6 — Exemplo do /h/ em realização surda na palavra ['ha:ʃi]	91
Espectrograma 7 — Exemplo do /h/ em realização oral na palavra ['pe:hẽ].....	92
Espectrograma 8 — Exemplo de vogal oral diante do /h/ na palavra [pi 'haliʃi]	92
Espectrograma 9 — Exemplo de vogal oral diante do /h/ na palavra [hap ⁱ 'liri].....	93
Espectrograma 10 — Redução vocálica em sílaba inicial na palavra [p ⁱ ni 'ka:le]	100
Espectrograma 11 — Redução vocálica em sílaba inicial na palavra [p ^o 'la:taʃi]	101
Espectrograma 12 — Redução vocálica em sílaba inicial na palavra [n ⁱ 'pi:kə]	101
Espectrograma 13 — Redução vocálica em sílaba medial na palavra [,rat ^a la 'latə]	102
Espectrograma 14 — Redução vocálica em sílaba medial na palavra [pat ^a 'lapə].....	102
Espectrograma 15 — Redução vocálica em sílaba medial na palavra [hĩ 'tak ⁱ li]	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Classes of Rhythm Groups (MATTESON, 1965)	27
Tabela 2 — Vowel (MATTESON, 1965)	30
Tabela 3 — Consonant (MATTESON, 1965)	30
Tabela 4 — Classes of Clauses (MATTESON, 1965)	31
Tabela 5 — Consonates (SEBASTIÁN, 2006)	35
Tabela 6 — Vogais (SEBASTIÁN, 2006)	35
Tabela 7 — Inventário fonético dos segmentos consonantais (SILVA, 2008)	36
Tabela 8 — Inventário fonético dos segmentos vocálicos (SILVA, 2008)	37
Tabela 9 — Fonemas assilábicos da língua Manxineru (SILVA, 2008)	38
Tabela 10 — Fonemas silábicos da língua Manxineru (SILVA, 2008)	38
Tabela 11 — Inventário fonológico das consoantes (HANSON, 2010)	39
Tabela 12 — Inventário fonético das consoantes do Manxineru	42
Tabela 13 — Inventário fonético das vogais do Manxineru	49
Tabela 14 — Inventário fonológico das consoantes do Manxineru	61
Tabela 15 — Inventário fonológico das consoantes do Manxineru em uma interpretação da Escola de Praga	62
Tabela 16 — Inventário fonológico das vogais do Manxineru	62

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

Abert	–	aberto
APPL	–	applicative (aplicativo)
br	–	breve
BVD	–	boundary vowel deletion (apagamento da vogal em fronteira)
C	–	consoante
CL	–	compensatory lengthening (AL – alongamento compensatório)
CMPV	–	completive (completiva)
DECL	–	declarative (declarativa)
EXCL	–	exclamative (exclamativa)
Fech	–	fechado
F	–	feminino
Ft	–	metrical foot (pé métrico)
IMP. DECL	–	impersonal Declarative (declarativa impessoal)
intrans	–	intransitive (intransitivo)
lo	–	longo
LOC	–	locative (locativa)
M	–	masculino
nom	–	nominativo (nominativo)
O	–	objeto
OT	–	Optimality Theory (TO – Teoria da Otimalidade)
P	–	predicate
PASS	–	passive (passiva)
POSS	–	possessivo
PL	–	plural
PWd	–	prosodic word (palavra prosódica)
S	–	sujeito ou singular
TI	–	Terra Indígena
V	–	vogal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I	
1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO MANXINERU: LÍNGUA, HISTÓRIA, CULTURA E AMBIENTE	18
1.1 SOBRE A LÍNGUA MANXINERU	19
1.2 BREVES NOTÍCIAS SOBRE A HISTÓRIA DO POVO MANXINERU	21
1.2.1 A atual localização	22
1.2.2 População e ambiente	23
1.2.3 A medicina tradicional	24
1.2.4 As principais atividades produtivas	25
CAPÍTULO II	
2. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA YINE: VARIEDADE MANXINERU E VARIEDADE PIRO	27
2.1 A GRAMÁTICA “THE PIRO (ARAWAKAN) LANGUAGE” DE ESTHER MATTEON (1965)	27
2.2 “SYLLABIC AND MORAIC STRUCTURES IN PIRO” DE YEN-HWEI LIN (1997)	32
2.3 “YINE: ILUSTRACIONES FONÉTICAS DE LENGUAS AMERÍNDIAS” DE RITTMAN URQUIA SEBASTIÁN (2006)	34
2.4 “FONÉTICA E ANÁLISE FONOLÓGICA PRELIMINAR DA LÍNGUA MANXINÉRI” DE EDINEIDE DOS SANTOS SILVA (2008)	36
2.5 “A GRAMMAR OF YINE (PIRO)” DE REBECCA HANSON (2010)	38
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE E DESCRIÇÃO FONÉTICA DO MANXINERU	42
3.1 INVENTÁRIO FONÉTICO DAS CONSOANTES	42
3.2 DESCRIÇÃO DOS AMBIENTES DE OCORRÊNCIA DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS	42
3.3 INVENTÁRIO FONÉTICO DAS VOGAIS	49
3.4. DESCRIÇÃO DOS AMBIENTES DE OCORRÊNCIA DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS ORAIS	50
3.4.1 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos nasais	54
3.4.2 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos alongados	55
3.4.3 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos nasais alongados	57
3.4.4 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos breves	59
3.4.5 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos breves surdos	60
CAPÍTULO IV	
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA FONOLOGIA SEGMENTAL DO MANXINERU	61
4.1 OS FONEMAS DA LÍNGUA MANXINERU	61

4.1.1 INVENTÁRIO FONOLÓGICO DAS CONSOANTES	61
4.1.1.1 Inventário fonológico das consoantes em uma Interpretação da Escola de Praga	62
4.1.2 Inventário fonológico das vogais	62
4.1.3 Demonstrando contrastes	62
4.1.3.1 Contrastes entre fonemas consonantais	63
4.1.3.2 Contrastes entre fonemas vocálicos	68
4.1.4 Fonemas e alofones	69
4.1.4.1 Fonemas consonantais e distribuição alofônica	69
4.1.4.1.1 O fonema /p/	69
4.1.4.1.2 O fonema /t/	70
4.1.4.1.3 O fonema /k/	70
4.1.4.1.4 O fonema /tʃ/	71
4.1.4.1.5 O fonema /tʃ/	72
4.1.4.1.6 O fonema /s/	72
4.1.4.1.7 O fonema /ʃ/	73
4.1.4.1.8 O fonema /ç/	74
4.1.4.1.9 O fonema /ç/	74
4.1.4.1.10 O fonema /h/	75
4.1.4.1.11 O fonema /r/	76
4.1.4.1.12 O fonema /m/	77
4.1.4.1.13 O fonema /n/	77
4.1.4.1.14 O fonema /w/	78
4.1.4.1.15 O fonema /j/	79
4.1.4.1.16 O fonema /l/	80
4.1.4.2 Vogais	80
4.1.4.2.1 O fonema /i/	81
4.1.4.2.2 O fonema /e/	82
4.1.4.2.3 O fonema /a/	82
4.1.4.2.4 O fonema /o/	83
4.1.4.2.5 O fonema /i/	84
4.1.4.2.6 Realizações bimoraicas	84
4.1.4.2.7 Realizações reduzidas das vogais	85
4.1.4.2.8 Ensurdecimento vocálico em sílaba átona final	85
4.1.4.2.9 Adaptações fonológicas pelo Manxineru de empréstimos do Português: breves considerações	86

CAPÍTULO V

5. PROPAGAÇÃO DOS TRAÇOS: DESSOANTIZAÇÃO, VOZEAMENTO, NASALIDADE	87
5.1 DESSOANTIZAÇÃO	87
5.2 O VOZEAMENTO DO /h/	89
5.3 A PROPAGAÇÃO DE NASALIDADE EM MANXINERU	94
5.3.1 /n/ e /m/ como propagadores de nasalidade vocálica	96
5.4 REDUÇÃO VOCÁLICA	96

CAPÍTULO VI	
6. PADRÃO SILÁBICO EM MANXINERU	104
6.1 A SÍLABA	104
6.2 ACENTO	106
6.3 POSSIBILIDADES DE OCORRÊNCIAS E DE RESTRIÇÕES DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS NA VARIEDADE MANXINERU	107
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado apresenta uma análise e descrição de aspectos da fonética e da fonologia da língua Manxineru¹, que é uma variedade da língua Yine falada no sudeste do Estado do Acre (Brasil), por uma população indígena de aproximadamente 1000 pessoas. A outra variedade, Yine, é falada no Peru, onde é conhecida pelo nome Piro.

Dos estudos sobre o povo Manxineru, destacam-se os de Gonçalves (1991, 2001), Haverroth (1991) e Santos (1991, 2001). Já sobre a língua Manxineru, temos, até o presente, um único trabalho que trata da descrição fonética e análise fonológica preliminar, de autoria de Silva (2008), em contraste com a literatura linguística sobre a variedade Piro que conta com duas gramáticas, de autoria de Matteson (1965) e outra por Hanson (2010), e com trabalhos sobre aspectos específicos de sua fonologia, por Lin (1987, 1993, 1995, 1997a, 1997b) e por Sebastián (2006).

A presente dissertação vem, portanto, contribuir para a ampliação dos estudos fonéticos e fonológicos da língua Manxineru. Tem finalidades científicas, mas também aplicadas, para o que pretendemos adequar os resultados ao ensino linguístico da língua Manxineru na formação de professores dessa língua, tanto do magistério, quanto dos interculturais indígenas.

Os dados linguísticos que serviram de base para esta dissertação foram obtidos em pesquisas de campo junto a falantes Manxineru, em rio Branco. Todos os dados foram gravados tanto em ambientes fechados e propícios a gravações de dados para uso em análises acústicas, quanto em ambientes abertos. Coletamos um total de 1550 palavras e várias sentenças em língua Manxineru. Contribuíram para a pesquisa e análise dos dados, três indígenas Manxineru, entre estes uma mulher, Mariana Souza Samarra Manchineri, e dois homens, Leudo Artur Brasil Manchineri e Lucas Artur Brasil Manchineri. Este último é pesquisador bolsista do LALI-UnB e estudante de linguística nesse laboratório.

A coleta de dados junto a pessoas de sexo diferente foi muito importante para verificar se haveria ou não diferenças próprias da fala feminina e da fala masculina.

Nas gravações, foram utilizados gravadores digitais Zoom H4. Para a produção e análise dos espectrogramas, utilizamos o programa Praat como suporte técnico.

¹ Optamos, neste trabalho, por grafar a palavra “Manxineru” para referirmos tanto ao povo quanto à língua Manxineru, por se tratar de um registro mais próximo da ortografia utilizada pelos falantes nativos Manxineru.

O presente trabalho foi desenvolvido em uma perspectiva fonética articulatória, observando detalhes da articulação dos sons no aparelho fonador, para o que foram fundamentais referências como Pike ([1947] 1971), Ladefoged e Maddieson (1993), e em uma perspectiva fonológica, para o que foi fundamental a consideração de princípios de análise fonêmica, como o que considera como fundamental a distribuição dos sons em sequências sonoras mais largas tais quais sílabas e palavras. Partiu-se do princípio de que os sons são modificáveis pelo ambiente e que sons são fonemicamente distintos se provado que não são simplesmente modificações causadas pelo ambiente em que ocorrem. Assim, contraste em posições idênticas em mesmo ambiente ou em ambiente análogos foram testes para a análise das unidades sonoras como fonêmicas ou não (TRUBETZKOY, [1939] 1976; PIKE, [1947] 1971). Para a caracterização dos fonemas nos servimos também de Clements e Hume (1995). Na análise acústica dos sons, foram referências principais Ladefoged e Maddieson (1993), Ladefoged (2001, 2003). Os trabalhos descritivos sobre a fonética e fonologia Aruák que serviram de referências para a presente dissertação foram Matteson (1965), Hanson (2010), Rodrigues (2002, 2003), Aikhenvald (1999) e Facundes (2000).

Procuramos, com esta pesquisa, ampliar o banco de dados da língua Manxineru do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, e disponibilizá-lo aos professores indígenas Manxineru.

Esta dissertação encontra-se organizada em seis capítulos. No capítulo I, tratamos de aspectos socioculturais do povo Manxineru, como língua, localidade, rituais, organização familiar. No capítulo II, procuramos inventariar e comentar estudos linguísticos anteriores, que trataram tanto da variedade Manxineru quanto da variedade Piro, optando pela ordem cronológica em que as obras foram publicadas. No capítulo III, descrevemos os inventários dos fones consonantais e vocálicos da língua e descrevemos e exemplificamos os ambientes de ocorrências de cada um deles. No capítulo IV, propomos o inventário, respectivamente, dos fonemas consonantais e dos fonemas vocálicos, com base nos contrastes entre sons distintivos, identificamos os fonemas da língua. Descrevemos suas ocorrências nos diversos ambientes em que se manifestam. No capítulo V, analisamos e descrevemos os processos de propagação/assimilação de vozeamento, dessoantização e nasalização e redução vocálica do Manxineru, lançando mão de análises acústicas como suporte. No capítulo VI, analisamos e descrevemos o padrão silábico canônico, o acento e alguns aspectos fonotáticos da língua Manxineru. Finalmente, apresentamos uma conclusão com os principais resultados do presente estudo.

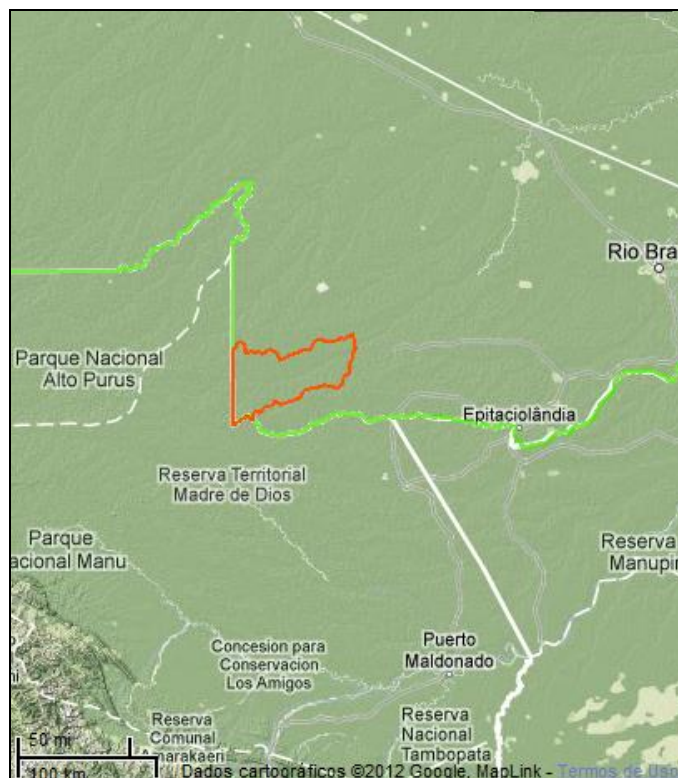
CAPÍTULO I

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO MANXINERU: LÍNGUA, HISTÓRIA, CULTURA E AMBIENTE.

Neste capítulo apresentamos algumas observações sobre o povo Manxineru, falante da língua objeto desta dissertação. As informações são de segunda mão, extraídas das seguintes fontes: Gonçalves, (1991), Aikhenvald (1999), Santos (2001), Rodrigues (2002); Borges (2002), Correia & Costa & Vivan (2005) e de outros de que não tivemos a possibilidade de fazer a leitura da obra original, mas que citamos por intermédio de obras de outros autores.

Os Maxineru vivem às margens do rio Iaco, na Terra Indígena (doravante TI) Mamoadate, localizada nos municípios de Assis Brasil e Sena Madureira (cf. Mapa 1).

MAPA 1: TI MAMOADATE.



Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/manchineri/718>.

No ano de 1985, a TI Mamoadate foi demarcada com uma área de 313.647 hectares, abrangendo a margem direita e esquerda do rio Iaco, a partir do igarapé Mamoadate até a fronteira do Brasil com o Peru. É a maior terra indígena do Acre. O povo Manxineru

caracteriza-se como povo guerreiro, caçador, pescador e eventualmente agricultor. Na sua cultura tradicional, confeccionavam e usavam uma espécie de poncho.

Os Manxineru são um povo essencialmente ribeirinho e vive em constante deslocamento rio abaixo e rio acima, mesmo tendo suas habitações fixas. São especialistas na fabricação de suas canoas, que são ubás de cedro, caracterizando-se por serem compridas, pesadas e feitas com refinada técnica.

As atividades e funções nas comunidades são distribuídas de acordo com o sexo. Existem atividades exercidas essencialmente pelos homens, dentre essas: roçar a mata, preparar o solo para plantio, confeccionar os instrumentos de trabalho, equipamentos de caça, de pesca, de transporte, também é papel do homem e não da mulher, construir moradia e abrigos para a família, realizar caçadas e pescarias. Já as principais atividades de responsabilidade das mulheres são conservar os roçados, realizar a maior parte das colheitas, cultivar algodão e algumas ervas medicinais, fabricar as bebidas, tecer e fiar o algodão. Existem algumas tarefas que são de competência de ambos os sexos, tais como: confeccionar objetos de cestaria, pescarias coletivas, colheita de produtos agrícolas, coletar frutos.

Em relação aos hábitos alimentares, a caça e a pesca representam a base da dieta alimentar nas comunidades Manxineru. Tendo como principais instrumentos de caça a espingarda, o arpão, o arco, a flecha e o terçado. Já na pescaria, o principal instrumento é a tarrafa. Mas também fazem uso de anzol, de arpão e de tingui. Os Manxineru costumam caçar, preferencialmente, a anta, o veado, o porquinho, o caititu, a queixada, a paca, o tatu, os macacos e a cotia (cf. SANTOS, 2001).

Quanto à organização social e política, aos velhos competem as funções de conselheiros, de repassar as tradições, de preservar os mitos e exercer funções em cerimoniais. Porém, grande parte dessas tradições está sendo abandonadas, pois já não contam com os tradicionais chefes políticos. Com os novos tempos e o território demarcado, abriu-se a possibilidade de conquistar o reconhecimento, contudo o resgate cultural é um processo que se dá lentamente (cf. BORGES, 2002).

1.1 SOBRE A LÍNGUA MANXINERU

A língua Manxineru é uma das variedades da língua Yine (Piro). A variedade do Brasil ficou conhecida como Manxineru e a variedade do Peru como Piro. A língua Yine faz parte da família linguística Aruák (MATTESON, 1965; KAUFMAN, 1994; CAMPBELL: 1997; AIKHENVALD, 1999; RODRIGUES, 2002) e, de acordo com Kaufman (1994) seria

geneticamente mais próxima da língua Iñapari, Kanamaré, Apurinã e Macho Piro. Trata-se de uma língua com transmissão regular através das gerações. A língua Manxineru foi classificada como pertencente ao sub-ramo da família Aruák (MATTESON, 1965; RODRIGUES, 2002; AIKHENVALD, 1999; FACUNDES, 2000). No Brasil, a família Aruák é representada por 19 línguas (RODRIGUES, 2002, p. 72):

Família Aruák no Brasil

Apurinã (Ipurinã)

Baníwa do Içana

Baré

Kámpa

Mandawáka

Palikúr

Paresí (Halití)

Piro

Manitenéri

Manxinéri

Salumã (Enawenê-nawê)

Tariána (Taliáseri)

Yuruparí-tapúya (Iyemi)

Teréna (Teréno)

Wapixána

Warekéna (Werekéna)

Waurá

Yabaána

Yawalapití.

Dentre essas línguas, a que tem parentesco (semelhança) mais forte com o Manxineru é a língua Apurinã. Sobre esta última língua, há um trabalho gramatical bem aprofundado, desenvolvido por Facundes (2000).

1.2 BREVES NOTÍCIAS SOBRE A HISTÓRIA DO POVO MANXINERU

Gonçalves (1991) relata que o primeiro contato com o povo Manxineru é datado do ano de 1880, ano em que Antônio Loureiro contactou o povo e os identificou como habitantes naturais do Macauã e Caiaté. Segundo Gonçalves (*op. cit.*), os informantes Manxineru, com cerca de 90 anos, diz que essa informação é errada, pois para esses indígenas, os Manxineru sempre viveram nesta área onde seus pais e os pais de seus pais habitam desde sempre. Gonçalves relata também que, conforme as estimativas desses informantes, eram na época cerca de 2.000 indígenas e que eles ocupam desde o alto Iaco, a partir do igarapé Abismo, até o que é conhecido hoje como seringal Nova Olinda, que se estende até o município de Sena Madureira.

Seguindo o relato dos Manxineru, anteriormente ao contato mais intenso com os extrativistas, eles eram divididos em Manxineru, Hijiuitane, Uinegeri, Cuchixineri, Hahamlineri e Iamhageri que formavam a nação Yineri - com origem na palavra Yine (nós) -, residindo todos próximos, sendo que os casamentos só poderiam acontecer entre os Manxineru. Santos (1991) descreve, segundo relatos do antropólogo Peter Gow, uma situação semelhante para os Piro antigos, que não viviam na condição de um único povo, contudo eram divididos em vários grupos. E cada grupo desses tinha um nome, como os Manxineru - povo da árvore Tamamuri - Koshichineru - povo pássaro pequeno -, Nachineru - povo faminto -, Getuneru - povo sapo - e Gimnuneru - povo cobra. Contudo, segundo Gow (1991, p. 63, apud SANTOS, 2001), dizem os Piro que estes grupos não se casavam entre si e só começaram a fazê-lo quando foram escravizados e obrigados a viver juntos pelos patrões da borracha.

O início das grandes penetrações na região é datado do século XIX, e os indígenas começaram a sofrer os problemas das correrias. Existiam duas frentes de pressão: do Peru para o Brasil, por caucheiros, e do Amazonas para a Bolívia, por extratores de borracha, que inclusive davam um jeito de fixar famílias no local. Em um momento inicial, os indígenas não foram incorporados na condição de trabalhadores extrativista, mas sim como mateiros e guias na busca de novas frentes de seringa. Apenas no momento que a crise (decorrente da queda do preço do produto) se estabeleceu é que os indígenas foram incentivados a extrair borracha.

Conforme conta os próprios Manxineru, o ciclo da borracha modificou o modo de vida do seu povo, pois provocou, de forma mais enfática, os conflitos entre os grupos e intergrupais e a dispersão de seus ancestrais, Yineri. Existiu um conflito bastante longo com os bolivianos e peruanos, que tentavam retirá-los de suas terras e depois passaram a escravizá-

los para o trabalho na extração da borracha, da agricultura, fornecimento de caça e pescado, bem como trabalhos domésticos.

Uma das estratégias posteriores, a fim de tentar controlar os índios, foi a destruição das malocas, que se localizava, naquela época, às margens do rio Iaco. A convivência, assim, passa a ser com grupos distintos, indígenas e não-indígenas. Além de cortar seringa, os homens passaram a mariscar, tirar madeira, caçar, e até mesmo plantar para o patrão. As mulheres, da mesma forma, passaram a cuidar dos roçados e da casa dos patrões.

Em meados dos anos 50 deu-se um novo movimento na indústria extrativista, promovendo nova ocupação de terras antes abandonadas. No ano de 66, o Governo brasileiro promoveu o incentivo com o intuito de que aquelas terras fossem definitivamente ocupadas, existindo, a partir daí, o investimento na exploração de mineração, extração de madeira e agropecuária. Com isso, passa a haver então um movimento especulativo muito intenso. Os seringueiros atolados em dívidas vendiam grandes propriedades aos especuladores do Sul do Brasil. Neste momento, o índice de concentração fundiária e a consolidação de grandes propriedades que seriam destinadas, sobretudo, à pecuária, fizeram-se à custa de conflitos sociais que resultaram na expulsão dos colonos ou índios das antigas áreas de seringais (Cf. GONÇALVES, 1991). Alguns anos mais à frente, mais exatamente, no ano de 1975, a FUNAI, através do indigenista José Meireles, resolveu retirar os índios de dentro do que estava por se tornar um caldeirão de conflitos. Os Manxineru, que foram deslocados para a Terra Indígena Mamoadate, habitavam o seringal Guanabara. Em 1977 existiam cerca de 500 (ZEE 1999, apud BORGES, 2002 índios aldeados naquela terra, distribuídos entre o povo Manxineru e também o povo Jaminawa).

1.2.1 A atual localização

O povo Manxineru (cf. SANTOS, 2001) ocupa, hoje em dia, uma parte da região sul do estado do Acre no Brasil e também outros pontos no Peru e na Bolívia. No Brasil os Manxineru se encontram distribuídos na Terra Indígena (TI) Mamoadate e na TI Manxineru do Seringal Guanabara e, em menor número, no São Francisco e no Macauã, bem como na cidade de Assis Brasil. De forma abrangente, pode-se dizer que o ambiente ocupado pelos Manxineru é dividido em três grupos; a saber: o dos rios, o dos campos limpos e o da mata. Ao longo da história, sabe-se que os Manxineru transitam por esses três ambientes desde que ocupam esta região. Conforme Santos (*op. cit.*) do autor, os rios e as matas são locais que se caracterizam por, em sua maioria, serem fixos e de grandes variações sazonais no seu

posicionamento. Em contrapartida os campos limpos se localizam nas margens dos rios e em geral só aparecem nas épocas do verão. Sabendo que se trata de planícies que são inundadas nas cheias, quando o rio abaixa, parte do terreno antes inundada é ocupado pelas gramíneas de uma forma bem variada. Ali habitam animais que pastam, como: veados e capivaras, os quais são encontrados e caçados pelos Manxineru.

A mata, grosso modo, pode ser dividida em duas partes: a primeira é a restinga – mata sem taboca (um tipo de bambu com espinhos), limpa por baixo, fácil de andar e com muita caça, constituindo uma vegetação mais velha e próxima do clímax ecológico. Em geral está a certa distância de pontos de ocupação humana. A segunda é a mata com taboca – onde existem poucas árvores de pequeno e médio porte, sendo uma vegetação nova. É mais comum na beira das trilhas, em volta de roçados e onde estes foram abandonados.

A TI Mamoadate foi criada pela FUNAI em 1975. Naquela ocasião o sertanista José Carlos dos Reis Meirelles Jr. ficou responsável pela transferência dos indígenas do seringal Guanabara, onde havia um conflito intenso entre extrativistas e donos de terras, uma vez que vastas áreas estavam sendo vendidas para pecuaristas latifundiários do Sul do país.

A TI Mamoadate situa-se ao redor do rio Iaco, o qual fica no Peru, tem início no Igarapé Mamoadate e vai até os limites do Brasil com o Peru. Há na TI nove aldeias: 1) Peri, 2) Jatobá, 3) Santa Tereza, 4) Santa Cruz, 5) Laranjinha, 6) Senegal, 7) Cumaru, 8) Lago Novo e 9) Extrema. Todas essas aldeias se localizam na margem direita do rio Iaco, com exceção de Senegal (HAVERROTH, 1999, apud SANTOS, 2001). Este povo habita a terra indígena Mamoadate, localizada no município de Assis Brasil e Sena Madureira a qual é considerada a maior terra indígena do estado do Acre, onde vivem não só Manxineru como também os Jaminawa. Também há povo Manxineru que habita o Seringal Guanabara, que se localiza na região noroeste da Reserva Extrativista Chico Mendes, onde vivem distribuídos em 12 aldeias, a saber: 1) Altamira, 2) Mamoadate, 3) Água Boa, 4) Samaúma, 5) Javali, 6) Mutum, 7) Boa Vista, 8) Natal, 9) Paxiubal, 10) Divisão de Guanabara, 11) Mantiqueira e 12) Livramento (cf. HAVERROTH, 1999, apud SANTOS, 2001)².

1.2.2 População e ambiente

O Povo Manxineru possui uma população de 825 pessoas (cf. IBGE, 2010), porém Lucas Arthur Brasil Manchineri, indígena da TI Mamoadate e pesquisador bolsista do

² Informação disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/manchineri/718>>. Acesso em: 23 de set. de 2012.

LALI-UnB, afirma que hoje já são mais de 1000 indígenas, distribuídos em 9 Aldeias na TI Mamoadate e 12 no Seringal Guanabara.

A TI Mamoadate possui 313.647 mil hectares, com uma fauna e flora muito preservadas, ou seja, trata-se de uma rica terra da Amazônia brasileira, que se torna ainda mais deslumbrante quando se junta aos valores étnico e cultural do povo Manxineru. Valores esses que vem ao longo dos últimos três anos sendo desenvolvidos pelos Manxineru por meio de diversos trabalhos voltados à preservação da fauna e da flora, bem como o resgate cultural do povo. Tal atividade tem sido um referencial do desenvolvimento cultural indígena, e isso é uma ação de suma importância no processo cultural, social e organizacional deste povo. Dentre esses trabalhos podem-se citar atividades de cunho ambiental, cultural e econômico com uma boa margem de resultados positivos. A meta desses projetos a garantir ao seu povo qualidade de vida, segurança alimentar, manutenção dos estoques da fauna e flora, identidade cultural, desenvolvimento sustentável, geração de renda, reconhecimento e respeito como povo indígena.

1.2.3 A medicina tradicional

O povo Manxineru (cf. SANTOS, 2001) tem a medicina bastante focada nas plantas que serviam e servem de medicamento para curar suas doenças. Os pajés usavam e usam as plantas – *agora com menos frequência* – *kamalampi* ou *kanatiro* para curar o povo. Segundo relato do próprio povo, essa força espiritual possibilitava aos *kahutu* (pajés) falar com vários animais para utilizar seus conhecimentos e medicamentos, sendo que ainda podiam visitar seus parentes em outros rios utilizando a magia do *kamalampi* e *kanatiro*. Porém, com o contato com sociedade ocidental – com base em relatos dos indígenas Manxineru - o povo perdeu um pouco desse conhecimento, mas os velhos estão revitalizando esse conhecimento, porque o povo que não guarda seus conhecimentos adquiridos ao logo de sua existência, não poderá sobreviver neste mundo, onde a globalização está presente. Ou seja, tem que se preservar o modo de viver, a cultura, pois isso tornará o povo forte e diferente de outros.

Assim, os conhecimentos que foram passados de geração em geração, sobre os quais não havia nada documentado, registrado, correm o risco de se perder. Assim sendo, os Manxineru pretendem colocar esses conhecimentos no papel para que se garanta, de alguma forma, que as gerações futuras tenham a oportunidade de compartilhar este saber. Isto é, que as novas gerações conheçam, com mais detalhes, sobre a capacidade e sobre as propriedades

curativas dessas plantas, e que possam também catalogar essas plantas para um possível registro como conhecimento e saber dos Manxineru (cf. SANTOS, 2001).

1.2.4 As principais atividades produtivas

Uma das principais atividades produtivas do Manxineru é a caça, e essa atividade ocorre de várias formas: uma delas é em trilhas de forma mais particular, não por pertencerem a alguém, mas sim por principalmente começar no terreno de alguém, com um uso de certa forma menos restrita, mesmo que ninguém necessite de autorização para utilizá-la. O indígena caçador pode utilizar como arma a espingarda ou apenas o terçado. Conforme afirmam os Manxineru, o pior para um caçador é ficar com *panema* (esta palavra é um empréstimo da Língua Geral Amazônica, que significa azar, azarado, como um rio fraco de peixes ou um mato fraco de caças). Para eles, quando estão com o *panema*, os bichos fogem, os tiros se perdem. Por isso, eles acabam voltando à casa de mãos vazias, e, lógico, sem a carne, que é tão apreciada pela família. E para os Manxineru a forma de tirar a *panema*, é passar *tipi* – planta cultivada, também usada como veneno de pesca, por todo o corpo – e tomar *sanango* por dez dias seguidos. Os Manxineru relatam também que a cada seção de vômitos, o organismo do caçador vai se purificando, pondo para fora o que o estava prejudicando (cf. SANTOS, 2001).

A outra atividade produtiva entre o povo é o mariscar, isto é, pescar de tarrafa, que é outra das grandes fontes de alimentação. Eles utilizam também linha e anzol, além de mergulharem e pegarem os peixes com fisga quando o rio está baixo e a água clareia. Mesmo que não se tenha carne para comer, se terá o peixe, tanto do rio Iaco quanto de igarapés e igapós.

O Extrativismo é outra atividade de extrema importância para os Manxineru e Jaminawa. Praticada deste o tempo dos antigos, esta atividade sempre foi caracterizada por uma grande diversidade de produtos retirados da floresta. Entretanto, com o contato dos Manxineru e Jaminawa com caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros, as atividades extrativas sofreram alterações. Durante décadas os Manxineru produziram borracha nos seringais da região. Quando se deslocaram para a TI, essa atividade já não era muito lucrativa, tendo sido abandonada paulatinamente. Além do mais, no interior da TI existiam poucas estradas de seringa, todas no pequeno seringal Senegal, o que não contribuía para a extração em grande quantidade do leite da seringa (CORREIA & COSTA & VIVAN, 2005, p. 52).

Conforme a tradição, o marido trabalha na roça quando não está caçando, e a mulher o faz a maior parte do tempo. Contudo as mulheres que cuidam de filhos menores não trabalham na roça. Logo que começa o verão, junho, é época de bater o roçado, para que em

agosto já esteja seco o suficiente para a queima. Deve-se terminar de colher o arroz (que teve início em setembro). O roçado se queima em agosto, no meio do verão. Após a queima se planta abóbora, macaxeira, milho e arroz, nesta sequência, seguido de mamão e batata (inhame e cará). Às vezes cana e amendoim. O aspecto do produto e a sensibilidade do agricultor determina o ponto da colheita.

O que se pode perceber, sobre o povo Manxineru, é que eles possuem uma cultura riquíssima e que apesar de toda influência externa que eles tiveram e têm, principalmente os mais velhos procuram manter suas origens e tradição, e lógico, dentre elas está a própria língua.

CAPÍTULO II

2. ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA YINE: VARIEDADE MANXINERU E VARIEDADE PIRO

Neste capítulo fazemos algumas considerações sobre os estudos realizados sobre a língua Yine – Manxineru e Piro –, com o propósito de justificar o estudo que resultou na presente dissertação de mestrado. Optamos por apresentar os estudos de acordo com a ordem cronológica de sua publicação.

2.1 A GRAMÁTICA “THE PIRO (ARAWAKAN) LANGUAGE” DE ESTHER MATTESON (1965)

A obra de autoria de Esther Matteson, que trata do dialeto Piro (falado no Peru) é dividida em três capítulos: o primeiro capítulo trata da fonologia da língua; no segundo capítulo a pesquisa é voltada para os aspectos gramaticais; o terceiro capítulo é destinado à análise de textos e do gênero “contos” da cultura do povo Piro.

No capítulo I, que trata da descrição fonológica, Matteson destina 18 páginas para tratar dos aspectos prosódicos da língua, e nessa parte são abordados temas como ritmo, sequência de grupo de acento, *pitch* e pausa. Também nesse capítulo são tratados temas como sílaba, fonema, classes de fonemas, consoante, alofone consonantal e distribuição dos fonemas.

Em relação ao padrão rítmico da língua Piro, a autora propõe sete classes de ritmo de contorno de classes. Essas classes podem ser observadas tanto na tabela 1, como nas sentenças de 1 a 7 (MATTESON, 1965, p. 18)³.

TABELA 1 — CLASSES OF RHYTHM GROUPS (MATTESON, 1965)

Classe	Corresponding gramatical unit	Meaning	Identifying contour
1	S. Decl. ou S. -final cl.		2 - 1 ⁺
1a		Closure	2 - 1
1b		Inconclusiveness	1 - 1
1c		Suspense	2 - 2
1d		Séries, Anticipation	

³ Dados conforme o original.

2	S. Impr.	Imperative	2 - 2
3	S. -initial cl.	Association of predicative	2 - 2
4	S. Q.	Question	2- 2 [†]
5	S. Coax.	Coaxing	1 - 2
6	S. Exclam.	Calling. Exclamatinon	1 - 2, 1- 3, 1 - 2 [†] , 1 - 3 [†]
7	S. Inter.	Interrogation	1- 1

O que este quadro mostra, pode ser visto nas sentenças abaixo⁴:

1 1 1 2 1
1a. Closure. rasukaktana[†] “eles correm em toda direção”

1 1 2 1
1b. Inconclusiveness. twu ksaxiro. “ela é negra”

1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1
1c. Suspense. rumep-sapletwlexeta. wane netyana sutxne. pso swaxi ruphewna.

“Ele gritou novamente. Então eu vi as mulheres. Ele apareceu apenas um pouco fora.

1 1 1 2 2 1 1 2 2
1d. Series, Anticipation. nikpothimatna. rurhimatna. “eles comeram bem. Eles beberam.”

1 1 1 1 1 1 2 2
wale hima ralitxyana. “que ultrapassaram eles.”

1 1 1 1 1 1 2 2
2. Imperative. txawakni pusanatetan.o. “agora você planta um campo para mim.”

3. Association of Predication.

1 1 1 1 1 1 1 1 2 2 1 1 1 1 1 1 2 1
hiya.himni ral-saxruretinitkana. kostse.kašrehimatatka xexine.

“portanto, quando eles foram através de estimulação em um círculo, os homens pegaram suas armas”

1 1 1 1 1 1 1 1 2 2
4. Question. hi he paluka yanta-muṣkonkakleta?[†] “Você gosta de lutar?”

⁴ Nestes dados a tradução é nossa.

1 1 1 1 1 1 1 2
5. Coaxing. pootaximka wetan.i! “vamos espiar um pouco”

1 1 1 2
n.ikanutsi. “vamos comer.”

1 1 1 1 1 1 1 1 2
6- Calling, Exciamation. wa kayinrethimatanaktatkalu.! “ele foi enfeitiçado”

1 1 1 1 1 1 1 1
7- Interruption. makhimakta kamtsi na - -. “mas, diz-se, demônio na - -.”

Nesses exemplos, pode se verificar que o ritmo em Piro tem o acento silábico (que vai do grau 1, mais baixo, passando pelo grau intermediário 2, até o grau máximo 3) (como no exemplo 8) intensificado normalmente na penúltima sílaba das sentenças declarativas. Já nas sentenças interrogativas, tem-se o grau 2 também na última sílaba. Porém o grau 3, normalmente, só acontece nas interjeições/exclamativas como em 8) (MATTESON, 1965, p. 20):

3
8- he! “O.K.” “tudo bem”

Ainda nesta seção, Matteson (*op. cit.*) descreve o padrão de *stress* silábico conforme os dados abaixo demonstram⁵.

- a. 'nso “jenipapo”
- b. 'walo “coelho”
- c. ru'txítxa. “Ele observa o tabu.”
- d. 'iya'hata. “ele chora.”
- e. 'salwaye'hkakna. “ele visitam uns aos outros.”
- f. 'petsi'hima'tlona. “Sua voz já mudou”

O que se pode verificar é que, segunda a autora, independentemente da extensão da palavra ou da sentença, o acento nunca recai sobre a última sílaba, a não ser em palavras monossilábicas.

⁵ Tradução nossa.

Matteson (*op. cit.*, p. 23) mostra também que o padrão silábico em Piro possui um núcleo silábico e margem consonantal que pode ter até três consoantes, conforme os dados seguintes:

C¹V [pa] ou [ni]; C² [mpo] e C³ [nts̃³ko].

Em relação aos fonemas da língua, Matteson (1965) afirma haver cinco vogais curtas e cinco correspondentes longas e 16 consoantes curtas e 4 longas, que ela exemplifica em outra parte do trabalho.

Vogais curtas como no exemplo: /i/ e longa /i:/ de /ranika/ [ranika] “ele leva” e /rani:ka/ [rani:ka] “ele é levado”.

Matteson (*op. cit.*, p. 25) apresenta os seguintes quadros dos segmentos fonológicos das vogais e das consoantes do Piro.

TABELA 2 — VOWEL⁶ (MATTESON, 1965).

i i:	u u:
e e:	o o:
a a:	

TABELA 3 — CONSONANT (MATTESON, 1965).

Obstruent									
Stop		p		t			k		
Affricate				ts̃		tš̃	tx̃		
Fricative				s		š̃	x		
Nasal spirant									h
Flap									
Lateral				l					
Retroflex				r					
Voiced continuant									
Nasal		m	m:	n	n:				
Oral		w	w:				y	y:	

Um fato importante na descrição de Matteson (1995, p. 32), é o que ela considera algumas consoantes silábicas “The syllabic consont may be either a single syllabified segment, as [ʃ] [ŋ], or a complex phoneme with one syllabified segment, as [tʃ] [...]”.

⁶ Inventário fonológico das consoantes e das vogais adaptados do original em Matteson (1965), mantendo-se os símbolos ariginais da obra quando possível.

Matteson (*op. cit.*), em sua gramática, descreve importantes detalhes morfológicos. Ela descreve três classes de sentenças em Piro, a saber: 1) CI, 2) CII, e 3) CIII, que podem ser observadas nos exemplos seguintes:

i) CI, sentenças que têm obrigatoriamente sujeito e predicado, pois se trata de sentenças intransitivas, em que a fórmula mínima de estrutura: +S +P, ex.:

- a) w-palihata
 1Pl-ir rio acima
 “nós vamos rio acima”

ii) CII, sentenças transitivas cuja fórmula mínima +S +O +P, ex.:

- b) n-mexit-lu
 1S-juntar pena-3S
 “eu juntei a pena nele.”

Segundo a autora, há a possibilidade de sentenças CII virem em ordem diferente, porém elas se tornam ambíguas, pois não se sabe quem é o sujeito ou quem é o objeto, desta forma, prefere-se a ordem SOP.

iii) CIII, sentenças não verbais, em que a fórmula mínima é +O +P. Onde o objeto e o predicado são obrigatórios, ex.:

- c) no-prapatka-yi
 1S.POSS-animal de estimação-2S
 “você é meu animal de estimação”

A autora exemplifica, em uma tabela, as fórmulas das três sentenças padrões do Piro⁷.

TABELA 4 — CLASSES OF CLAUSES (MATTESON, 1965, p. 39)

	S	O	P
Cl. I	+ S		intr. vb.
Cl. CII	+ S	+ O	tr. vb.
Cl. CIII		+ O	non-vb.

Matteson (*op. cit.*) divide as três classes em outras seis (6) subclasses, que independentemente das sentenças serem transitivas ou intransitivas, todas derivam de uma

⁷ Tabela conforme o original de Matteson (1965).

sentença transitiva básica de Cl. II. Dentre os vários aspectos sintáticos abordados, pode-se observar, nos dados de Matteson, que há na variedade Piro verbos transitivos e intransitivos.

No terceiro capítulo da gramática, a autora trabalha, de forma enfática, com transcrição e tradução do Piro para o Inglês, tendo como *corpus* de pesquisa 21 textos, cujos temas se dividem em etnografia, lendas, histórias pessoais e conversação. Em seguida Matteson (1965, p. 250- 412) descreve o conteúdo lexical do Piro-Inglês, em que é demonstrado também as categorias e gêneros das palavras e a transitividade verbal. No último capítulo da obra, Matteson (*op. cit.*) descreve o léxico do inglês para o Piro (inglês-Piro). Como a finalidade de nossa dissertação e de caráter fonético e fonológico, não entramos em maiores detalhes sobre a obra de Matteson, no que se refere aos capítulos de gramática e de análise textual, que é a maior parte da obra. Assim, nos propusemos a descrever os detalhes do capítulo destinado à fonologia/fonética, pois é o foco da presente dissertação.

2.2 “SYLLABIC AND MORAIC STRUCTURES IN PIRO” DE YEN-HWEI LIN (1997)

Lin (1997), em seu artigo sobre a estrutura da mora no Piro, com base em Matteson (1965), propõe uma análise do padrão silábico da variedade Piro. O autor focaliza o fenômeno de elisão vocálica encontrado em Piro, associando-o a um fato prosódico. Pela organização dos tópicos, pode-se observar que a preocupação do autor está em descrever a prosódia, considerando os encontros consonantais.

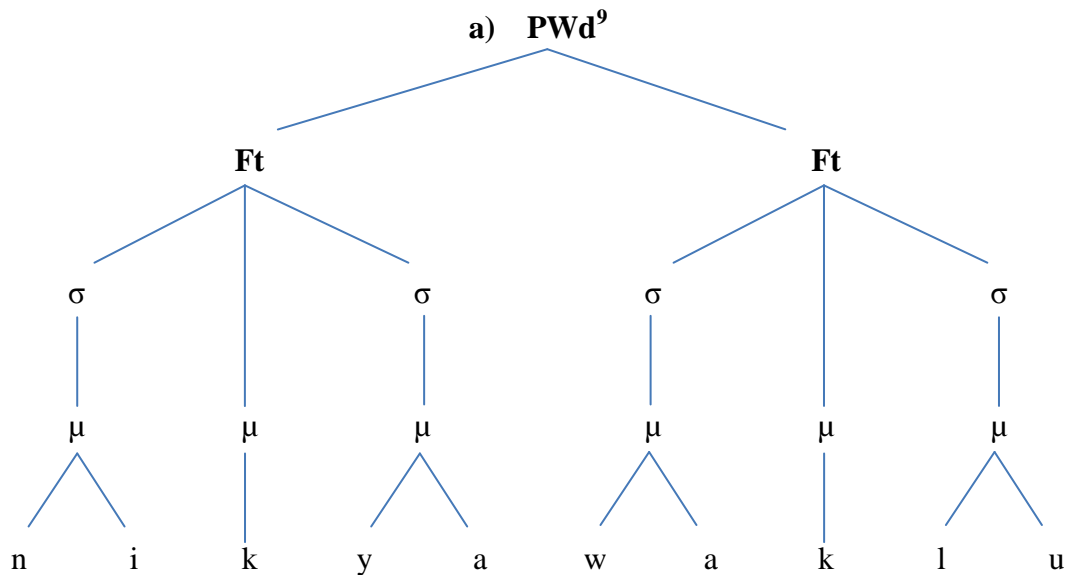
Lin (*op. cit.*) argumenta que em Piro todas as sílabas são abertas e na posição de *onset* podem ter uma ou duas consoantes, sendo que sílabas CCV e CCCV são consideradas, por ele, como possuindo um padrão CV, uma vez que as demais consoantes são extrassilábicas, embora permitidas ou licenciadas pelo pé métrico. O estudo de Lin (1997) contesta uma interpretação de Matteson (1965, p. 24), segundo a qual existem sílabas com uma consoante (CV), duas (CCV) e até três consoantes (CCCV) em posição de *onset*. Para Lin (*op. cit.*, p. 429): “Piro has only CV syllables and the extrasyllabic consonan are licensed by the mora.”

Para reforçar esse seu argumento, o autor enfatiza que ⁸“Phonetically the extrasyllabic consonan are 'syllabic', but the fact that they are ignored by all phonological

⁸ “Foneticamente as consoantes extrassilábicas são ‘silábicas’, apesar do fato de que elas são ignoradas por todas as regras fonológicas (incluindo BVD e stress da palavra, cf.? 1.2 e 1.4) e até mesmo pelas regras de nível frasais rítmicos [...]”.

rules (including BVD and word stress) and even by the phrasal level rhythmic rules [...]” (LIN, 1997, p. 414) (grifo do autor).

Lin (1997, p. 21) propõe que as consoantes que formam sílabas CCV ou CCCV (cf. MATTESON, 1965), na verdade, são fonologicamente extrassilábicas, mas pertencentes e licenciadas pelo pé métrico, como o esquema abaixo reproduz:



O autor argumenta (p. 424) que CL (doravante em português: Alongamento Compensatório-AC) não ocorre em línguas que não tenham pré-existência de contraste entre vogal longa e que AC não pode ser a fonte de um emergente contraste de alongamento de vogal. Para Lin, o Piro não tem contraste de vogal longa subjacente (o que vai de encontro a MATTESON, 1965), assim as vogais longas que apenas potencialmente podem levar a um emergente alongamento são obtidas por AC. Lin (*op. cit.*) se fundamenta em Hayes (1989) para comentar que o fator determinante de uma língua permitir AC reside não no comprimento do contraste da vogal, mas sim no contraste de peso da sílaba, porque AC é relatado para ocorrer em línguas que não têm vogais subjacentes longas, porém têm sílabas pesadas e fechadas.

Assim, Lin (1965, p. 424) assume (de forma genérica) que AC ocorre em todas as línguas de padrão CV, partindo do princípio de que todas as línguas têm o tipo sílaba CV em que C é não-moraica e V é moraica; a previsão feita por ele é que AC é possível em idiomas que possuem pelo menos um dos exemplos:

⁹ PWd (prosodic word); Ft (foot). Em português, respectivamente: palavra prosódica; pé métrico.

- | | |
|---------------------------|---------------|
| a. heavy CVC | c. syllabic C |
| b. extrasyllabic moraic C | d. CVV |

Assim, a proposta de Yen-Hwei Lin (1997) é que a variedade Piro tem apenas sílabas CV e que as consoantes extrassilábicas são licenciadas pela mora. E a eliminação dessas consoantes pode então levar ao AC, retendo assim o suporte para a conservação da mora. Dessa forma, Lin (*op. cit.*) sugere que a variedade Piro é uma língua que impõe uma forte conservação da mora em relação a outras línguas.

A conclusão do autor é que a mora é uma unidade prosódica capaz de licenciar um segmento e a silabação exaustiva não é necessária. Ele também propõe que o apagamento pode ser dispensado como um conceito fonológico, pois o licenciamento prosódico sozinho, com a mora como um legítimo licenciador, garante a organização prosódica adequada de uma sequência fonológica e sua realização fonética.

2.3 “YINE: ILUSTRACIONES FONÉTICAS DE LENGUAS AMERÍNDIAS” DE RITTMA URQUIA SEBASTIÁN (2006)

Nesse trabalho, Sebastián faz alguns apontamentos importantes, de caráter fonético e fonológico, sobre a variedade Piro, tendo como fonte para a análise os dados de Matteson (1965), os quais ele diz concordar: “[...] como incluyen a Matteson (1954) y Matteson (1965/1963). Asimismo Nies (1986) contribuye con datos importantes respecto de la lengua. El presente trabajo concuerda generalmente con esos estudios.” (SEBASTIÁN, 2006, p.1)

Com essa afirmativa, Sebastián introduz o quadro fonológico, afirmado que quase não há restrição de ambiente nas realizações das consoantes, ou seja, as consoantes podem ocorrer no início, no meio ou no fim da palavra; antes de vogal e antes de consoante.

TABELA 5 — CONSONANTES (SEBASTIÁN, 2006)¹⁰

	Bilabial	Alveolar	Postalveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t			k	
Africada		ts	tʃ	tɕ		
Fricativa		s	ʃ	ç		h̃
Nasal	m	n				
Vibrante		r				
Aproximante central	w			j		
Aproximante lateral		l				

TABELA 6 — VOGAIS (SEBASTIÁN, 2006)¹¹

.i		.u
.e		.o
	.a	

Nesse quadro, o que chama nossa atenção é a afirmação de que as vogais (cf. SEBASTIÁN, 2006) podem ocorrer com certa frequência alongada, como em: ¹²/h̃aali'piiri/ gaalipiiri “guapo”, /mkeñee'katu/ mkegeekatu “saciado”, /'çiitʃi/ jiichi “pie” e /ka poo'h̃oçru/ kapoohojru “mareado”. Segundo o autor, essa duração tem a ver com a voz passiva (Cf. MATTESON, 1965, p. 24), como em: /ra'nik a/ “él lleva” e /ra'niika/ “él es llevado”. É importante destacar também que Sebastián (2006) descreve os fonemas vocálicos /u/ e /a/, os quais não são contemplados pelas outras obras que analisamos neste capítulo.

Acerca do acento, Sebastián diz:

El acento normalmente cae en la penúltima sílaba. Entonces, cuando se agrega un sufijo, el acento cambia de posición a la próxima sílaba: /'h̃epi/ gepi ‘dos’, /h̃e'pite/ gepite ‘los dos’. Según Matteson (1965), hay acentos secundarios y terciarios. Aquí se presenta un ejemplo con los acentos secundarios indicados: /tapa.luʃakana, wathimananumtana'tnaka/ tapalushakanawatgimananutana-tnaka ‘se dice que su canoa estaba yendo sola otra vez’ (Matteson 1965:21, adaptado al habla de la autora). Véase también a Parker (1989). (SEBASTIÁN, 2006, p. 3)

¹⁰ Tabela conforme o original de Sebastián (2006).

¹¹ Tabela conforme o original de Sebastián (2006).

¹² Dados conforme o original de Sebastián (2006, p. 3).

Essa passagem só contribui para a afirmação de que o acento em Piro e/ou em Manxineru tende a ser na penúltima sílaba, como também afirma Matteson (1965). Sebastián (2006) finaliza afirmando que o padrão máximo da sílaba em Piro é CCVV.

2.4 “FONÉTICA E ANÁLISE FONOLÓGICA PRELIMINAR DA LÍNGUA MANXINÉRI” DE EDINEIDE DOS SANTOS SILVA (2008)

Silva (2008), na sua dissertação de mestrado, apresenta uma descrição da fonética e a fonologia segmental da língua Manxineru. Esse trabalho é dividido em três capítulos: no primeiro ela faz a descrição dos segmentos fonéticos; no segundo capítulo Silva (*op. cit.*) apresenta a análise e a descrição de elementos fonológicos; no terceiro capítulo descreve o padrão silábico da variedade Manxineru.

Silva (*op. cit.*) apresenta a seguinte tabela fonética das consoantes do Manxineru:

TABELA 7 — INVENTÁRIO FONÉTICO DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS (SILVA, 2008)¹³

		bilabiais	alveares	alveopalatais	palatais	velares	glotais
Oclusivos	Surdos	p	t			k	
	Aspirados	p^h	t^h			k^h	
Africados				tʃ	çç		
Fricativos			s	ʃ	ç		h
Laterais			l				
Vibrante			r				
Tepe			r				
Flepe			ɹ				
Nasais		m	n				
Aproximantes		w			j		

Em seguida reproduzimos o inventário fonético das vogais proposto por Silva (2008).

¹³ Tabela fonética das consoantes e das vogais adaptados conforme o original em Silva (2008).

TABELA 8 — INVENTÁRIO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS (SILVA, 2008)

		Anteriores		Centrais			Posteriores			
		não-arre.		arre.	não-arre.		arre.	não-arre.		arre.
		orais	nasais		orais	nasais			orais	nasais
Altos	Fechados	i	ĩ		ɨ	ĩ			u	
	Abertos				ɨ					
		ɪ							ʊ	
Médios	Fechados	e	ẽ		ɐ				o	õ
	Abertos									
		ɛ								
Baixos	Fechados									
	Abertos									
					a	ã				

No inventário das consoantes, Silva (2008) descreve para o Manxineru 18 fones consonantais, sendo que não considera a existência de nenhuma consoante fricativa ou oclusiva sonora.

Silva (2008) também não considera, na variedade Manxineru, seguimentos consonantais seguidos de consoantes reduzidas na mesma sílaba, como [h^ə], [t^ə], [m^ə], [n^ə], e nem vogais longas, como as descritas na variedade Piro por Matteson (1965). Silva também não descreve o fone [ũ] para o Manxineru.

Em relação à fonologia, Silva (*op. cit.*) propõe 15 fonemas consonantais e 5 vocálicos para a variedade Manxineru. A diferença entre o quadro fonológico apresentado por Silva e o quadro de Matteson (1965) reside no fato de que Silva não considera a existência de um fonema /l/, como propôs Matteson (*op. cit.*), neste caso, para Silva o [l] é um dos alofones do /r/. Já em relação aos fonemas vocálicos, Silva (2008) não descreve, para a variedade Manxineru, nem vogais alongadas, nem vogais breves.

TABELA 9 — FONEMAS ASSILÁBICOS DA LÍNGUA MANXINERU (SILVA, 2008)¹⁴

	Bilabiais	Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares	Glotais
obstruentes	p	t			k	
		ts	tʃ	cç		
		s	ʃ	ç		h
		r				
sonorantes	m	n				
	w			j		

TABELA 10 — FONEMAS SILÁBICOS DA LÍNGUA MANXINERU (SILVA, 2008)

	Anterior	Central	Posterior
Altos	i	i	o
Não-altos	e	a	

Silva (2008, p. 31) faz apenas breves comentários sobre o padrão silábico e o padrão acentual da língua Manxineu, o qual reproduzimos aqui:

A maioria das palavras do Manxinéri tem de duas a quatro sílabas, mas há também palavras com cinco ou mais. Os núcleos das sílabas são constituídos por uma única vogal, não havendo núcleos complexos ou ditongados. Todas as sílabas são iniciadas por consoantes e todas terminam pela vogal do núcleo, isto é, são esquematicamente CV ou CCV. Todos os fonemas consonantais ocorrem em sílabas CV, mas ainda não é possível determinar a totalidade das combinações possíveis de fonemas consonantais em sílabas CCV. Nestas há exemplos não só de momentâneas (oclusivas) seguidas de contínuas (fricativas). (SILVA, 2008, p. 31).

Silva afirma que todas as sílabas são iniciadas por consoantes e todas terminam pela vogal do núcleo, isto é, são esquematicamente de padrão CV ou CCV.

2.5 “A GRAMMAR OF YINE (PIRO)” DE REBECCA HANSON (2010)

A Gramática de Hanson (2010), sobre a variedade da língua Yine (Piro), analisa e descreve o dialeto Piro do complexo Yine (Piro-Manxiner)u. A autora organizou o seu trabalho em treze capítulos distribuídos em 378 páginas, em que foram ordenadas em: 1)

¹⁴ Tabela fonológica das consoantes e das vogais conforme a original de Silva (2008)

Introduction, 2) Phonology and Phonetics, 3) Closed Classes, 4) Adjectives, 5) Nouns and Noun Morphology, 6) The Noun Phrase, 7) Nominalization, 8) Verbs and Verb Morphology, 9) The Predicate, 10) Transitivity and Valency Manipulation, 11) The Clause, 12) Non-Declarative Clause Types e 13) Clause Combining.

O capítulo 2 da Gramática do Yine trata da fonética e da fonologia do dialeto Piro. Nesse capítulo, Hanson (*op. cit.*, p. 15-16) propõe o inventário fonológico das vogais e das consoantes do Yine (Piro). Os fonemas vocálicos descritos por ela são: /a, e, i, i, o/. Reproduzimos em seguida o quadro fonológico das consoantes do Piro proposto por Hanson (2010):

TABELA 11 — INVENTÁRIO FONOLÓGICO DAS CONSOANTES (HANSON, 2010)¹⁵

	Bilabial	Alveolar	Pos-Alveolar	Palatal	Velar	Laringal
Oclusiva	p	t		c	k	
Africada		ts	tʃ			
Fricativa		s	ʃ	ç		ħ
Nasal	m	n				
Líquida		l, r				
Aproximante	w			y		

Diferentemente de Matteson (1965) e de Sebastián (2006), Hanson (*op. cit.*) não aderece os fonemas /çç/ e /tç/ para o Piro. Por outro lado, como esses dois autores, Hanson (*op. cit.*) considera a existência /ħ/ nasal em Piro. Para Hanson (*op. cit.*), este fonema possui cinco realizações fonéticas, as quais são exemplificadas abaixo¹⁶.

- a. [ʃiyampotlata]
 ʃiyaha-poti-ta
 cry-INTNS-VCL
 ‘He was sobbing.’
- b. [raʃçita]
 r-hahçita
 3-ask.for

¹⁵ Inventário fonológico do Yine (Piro) adaptado conforme o original de Hanson (2010, p. 16).

¹⁶ Exemplos conforme o original em Hanson (2010, p. 19-22). Optamos por não traduzir os exemplos por entendermos que não há prejuízo de compreensão nos exemplos.

‘He asks for (something).’

c. [sah(ə)maneta]

sahi-mane-ta

paint-body.of-VCL

‘paint one’s body’

d. [hĩyaãhĩmni]

hiyahō-hima-ni

then-QUOT-IMP.DECL

‘then, reportedly’

e. [serostaŋhãtá:]

sero-sta-ha-tá:

red-chest.of-liquid.of-EXCL

‘(such) a blood red chest!’

Sobre a sílaba, Hanson (2010), assim como Sebastián (2006), afirma que o padrão silábico mínimo e máximo, respectivamente, em Yeni (Piro) é C_1V e C_1C_2V , em raiz lexical. A autora afirma que sílabas com três consoantes acontecem pelo apagamento da vogal em fronteira morfológica quando há concatenação morfológica, sendo que frequentemente isso ocorre com a consoante nasal /m/ e menos com /n/:

a. [rethimamtkanna]

r-heta-hima-m-ta-ka-na-na

3-see-QUOT-NONDUR-VCL-PASS-CMPV-3PL

‘They were seen / caught sight of.’

b. [ninkyanro]

n-hinka-ya-na-lo

1SG-shoot-APPL-CMPV-3SGF

‘I shot it there.’

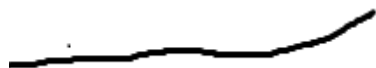
Hanson afirma que esses dados ainda não foram totalmente explorados por ela. Afirma também que sequências com *st* e *ʃf* ocorrem com alguma frequência, mas sequências com consoantes obstruentes não foram atestadas.

O acento em Yine (Piro), assim como o padrão da variedade Manxineru, acontece na penúltima sílaba (HANSON, 2010, p. 36), como nos exemplos seguintes:

- a. ra'watka 'He was there.'
- b. ,rawa'tkana 'They were there.'
- c. ,raniika'tkana 'They were carried'
- d. ,rawa,nata'tkana 'They were living there.'

Hanson (2010) finaliza o capítulo de fonética e fonologia discutindo o padrão entonacional da língua. Em sua análise, ela afirma que contorno em sentenças exclamativas (p. 39-40), o *high pitch* se dá na última sílaba da sentença (exemplo a.) e quando se trata de sentenças interrogativas, o contorno é típico de sentenças declarativas, conforme o exemplo “b”.

a)



Ralnahimamtatnaka walé:

r-halna-hima-m-ta-tnaka wale

3-fly-QUOT-NONDUR-VCL-REIT3SGM

'He flew a bit further again.'

b)



klatahwistetá: richimata

klata-hwi-ste-tá: r-hica-hima-ta

white-flower.of-bumpy-EXCL 3-be/do-QUOT-VCL

'It was all covered in little white flowers.'

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE E DESCRIÇÃO FONÉTICA DO MANXINERU

Neste capítulo apresentamos a descrição fonética das consoantes e das vogais da língua Manxineru, que serviu de base para o estudo de fatos fonológicos dessa língua, fundamentais para o aprofundamento dos estudos de sua fonologia e morfo-fonologia. A análise serviu-se principalmente de procedimentos metodológicos do modelo desenvolvido por Pike (1947).

3.1 INVENTÁRIO FONÉTICO DAS CONSOANTES

TABELA 12 — INVENTÁRIO FONÉTICO DAS CONSOANTES DO MANXINERU

		Labial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivo	Surdo	p	t			k	
	Sonoro		d				
Africado			ts	tʃ	cç		
Fricativo	Surdo		s	ʃ	ç		h
	Sonoro	β					ɦ
Líquido	Lateral		l				
	Vibrante		(ř)				
	Flepe		r				
Nasal		m	n				
Aproximante		w			j		

3.2 DESCRIÇÃO DOS AMBIENTES DE OCORRÊNCIA DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS

[p] oclusivo bilabial surdo ocorre diante de qualquer vogal e sempre na posição de *onset*, em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

- (1) a. #__V ['peçiri] “cotia”

b.	#__V:	['pɛ:hə]	“gaivota”
c.	V__V	[,popĩnip ⁱ 'halɨ]	“poeira”
d.	Ũ__C	[,hĩp ⁱ 'ko'la:çi]	“queixo dele”
e.	V__Ũ	['kapẽnɛ]	“buraco”
f.	V__V	['tsapi]	“tímbó”
g.	C__V	['ʃĩʃĩ iʃ'patɛ]	“lenha”
h.	V__V	[rɨ ,ʃĩpu ,kale]	“temporal”
i.	V__V	['kapiçi]	“quati”
j.	V__C	[hĩ'ʃap ⁱ to]	“barba dele”

[β] fricativo bilabial sonoro ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial ou final, diante das vogais anteriores.

Exemplos:

(2)	a.	#__V	['βɛ nu'nahẽ]	“margem”, “beira”
	b.	#__V	[βej'awlɨ]	“mentira”
	c.	C__V	['hɛwβi]	“aqui”

[m] nasal labial sonoro ocorre na posição de *onset*, diante de qualquer vogal, e na posição de *coda*, quando seguido de consoantes oclusivas.

Exemplos:

(3)	a.	#__V	['mu:j]	“anu”
	b.	#__V	[mĩti'rũnẽ]	“menina”
	c.	#__Ũ	[mĩ'no:te]	“leve”
	d.	Ũ__Ũ	[hĩmẽ'nẽ:ne]	“cobras”
	e.	V__Ũ	['tsomĩ]	“lagarta”
	f.	V__Ũ:	[mẽ:n'dete]	“ele chama”
	g.	Ũ__V	['pẽmulɔ]	“arara”
	h.	V__V	[rĩmi'ɛ:ka]	“ele assusta”
	i.	V__C	[rĩ'nẽ:mtɛ]	“ele vem”

[w] aproximante labial sonoro ocorre em posição de *onset*, em sílaba inicial, medial e/ou final, menos diante de vogais anteriores. Ocorre também em posição de *coda*.

Exemplos:

- (4)
- | | | | |
|----|---------|-------------------|------------|
| a. | #__ V | ['walo] | “coelho” |
| b. | #__ Ṽ | ['wẽnɐ] | “eles” |
| c. | V__C | [tɨw' t̃ɛ:mtɐ] | “pulseira” |
| d. | V__V | [jɨ' wati] | “balaio” |
| e. | V__V | ['hõhĩ ta' wakɐ] | “céu” |
| f. | V__V | [samo' wɛ] | “carvão” |
| g. | V: __ V | ['si:wɐ] | “tamanduá” |

[t] oclusivo alveolar surdo ocorre em posição de *onset*, em sílaba inicial, medial ou final, diante de qualquer vogal.

Exemplos:

- (5)
- | | | | |
|----|---------|-------------------------|------------------------------|
| a. | #__ V | [tenu' ha:li] | “algo profundo” |
| b. | #__ V | [t ^o ' lolo] | “sapo” |
| c. | V: __ V | ['sa:ti] | “um (1) ” |
| d. | C__V: | [is' to:t̃ɨ] | “camisa” |
| e. | V__V: | [hepra' ta:li] | “achatado”, “ele é achatado” |
| f. | C__Ṽ | [poj' t̃ɛndi] | “você embrulha algo” |
| g. | V__V | [,hĩçɨ' rɨpitɔ] | “ponta” |

[d] oclusivo alveolar sonoro ocorre somente em posição de *onset*, precedido de nasal alveolar sonora [n], em sílaba medial e final. Não ocorre diante da vogal central baixa [a].

Exemplos:

- (6)
- | | | | |
|----|------|------------------------------|-------------------------------------|
| a. | Ç__V | [tsĩn' d̃i:çi] | “periquitinho” |
| b. | Ç__V | [pah ^o ' k̃ɛ:ndi] | “inimigo”, “pessoa que temos raiva” |

[s] fricativo alveolar surdo ocorre tanto na posição de *onset*, em sílaba inicial, medial e final, quanto na posição de *coda*. Nesta posição, só ocorre seguido de oclusivas.

Exemplos:

- (7)
- | | | | |
|----|--------|--------------|---------|
| a. | #__ V | [sɨ' ri:t̃ɨ] | “bunda” |
| b. | #__ V: | ['so:t̃ɨli] | “pedra” |
| c. | #__ C | ['seřka] | “cerca” |

d.	V__V	[kasi'rɛri]	“folha”
e.	Č__V:	[rɛn'sa:tɐ]	“ele dança”
f.	V__C	[is'ta:ʃi]	“tórax”
g.	V:__C	['no:spɐ]	“meu lábio”

[l] lateral alveolar sonoro ocorre somente em posição de *onset*. Nunca ocorre em sílaba inicial e nem precedido de consoante nasal.

Exemplos:

(8)	a.	V__V	[,salu'hapi]	“remo”
	b.	V__V:	[kso'li:ri]	“espuma”
	c.	V__V:	[rami'le:ta]	“ele cheira”
	d.	V__V	[hɛ:tɪlɪ]	“ele vê algo”
	e.	V:__V	[kani'pi'ha:li]	“ar”, “vento”
	f.	^v __V:	[nop ^a la:tɐ]	“minha garganta”

[r] flepe alveolar sonoro ocorre sempre na posição de *onset* e diante de qualquer vogal. Não ocorre precedido ou seguido de consoante nasal.

Exemplos:

(9)	a.	#__V	[raka'ʃikɪlɪ]	“ele chuta alguém”
	b.	V__V	[se'rolɪ]	“vermelho”, “cor de laranja”
	c.	V__V	[wa'riɐ]	“farinha”, “farinha de mandioca”
	d.	V__V	[çi'rale]	“cru”, “algo cru”
	e.	V__V	[ˈʃire]	“gordura”
	f.	^v __V	[ˈset ^o ro]	“cedro”
	g.	V__V	[mi'ʃira]	“macaco prego”

[n] nasal alveolar ocorre tanto na posição de *onset* quanto na posição de *coda*. Nesta última posição, só ocorre em sílaba medial e seguido de sons oclusivos e alveolares.

Exemplos:

(10)	a.	#__V:	[ˈna:ʃfi]	“colar”
	b.	#__ ^v	[n ⁱ 'pi:ka]	“eu tenho medo”
	c.	V__V:	[hɛçi'na:çi]	“fruta”

d.	Ũ__V	[çime' rĩnu]	“coragem de fazer as coisas”
e.	Ũ__V	[kẽ'nawa]	“canoa”
f.	Ũ: __V	['hẽ:na]	“abacaxi”
g.	Ũ__V	[t'olo'lõ:ne]	“sapos”
h.	Ũ__C	[,tsa'pẽ:nfĩ]	“bolsa”
i.	Ũ__C	[pa'mẽndĩ]	“você colhe”

[ř] vibrante alveolar só ocorre em posição de *coda* e seguido de oclusivo surdo /k/. Só encontramos uma ocorrência deste som até o presente, que é na palavra para cerca, empréstimo do Português.

Exemplo:

(11)	a.	V: __C	[,se:řkə]	“cerca”
------	----	--------	-----------	---------

[ʃ] fricativo alveopalatal surdo pode ocorrer tanto na posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final, quanto na posição de *coda*. Nesta última posição, só ocorre seguido de oclusivo surdo. Na posição de onset, ocorre diante de qualquer vogal, exceto a central alta /i/ e anterior média fechada [e].

Exemplos:

(12)	a.	# __V	[ʃi'wati]	“balaio”
	b.	# __V:	[,ʃe:piʃi]	“piolho”
	c.	V __V	[raʃi'ka:tə]	“ele morde”
	d.	V __Ũ	[ʃi'ʃim'sa]	“espiga”
	e.	Ũ __V	['hẽfo]	“morcego”
	f.	Ũ __V	['hõfa]	“mata”
	g.	V: __C	[,na:ʃfĩ]	“colar”
	h.	V __C	[,ʃiʃi iʃ'patə]	“lenha”

[ʧ] africado alveopalatal surdo ocorre em posição de *onset* em sílaba inicial, medial e final, diante de qualquer vogal, exceto a central alta /i/.

Exemplos:

(13)	a.	# __V	[,ʧiʧi]	“fogo”
	b.	# __V	[,ʧiçi]	“chão”
	c.	V __V	[piʧu'tẽndi]	“você suja” (uma ordem)

d.	V__Ṽ	[pi'ʃẽnɐ]	“seu”
e.	Ṽ__V	[hĩ,ʃɛ tʰka'liɾi]	“resto”
f.	V__V:	[hẽ'ʃo: wiĩ'watɐ]	“ele rouba”

[ts] africado alveolar surdo ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final, diante de qualquer vogal.

Exemplos:

(14)	a.	#__V	['tsiri tso'leçi]	“velho”
	b.	#__V	[,tsa'pi:ʃfĩ]	“cinto”
	c.	#__Ṽ	[tsĩ,niʃĩ'ma:pa]	“bexiga”
	d.	V__V	[ma'tsawa]	“pessoa cega”, “cego”
	e.	V__V:	[ku'tsi:ʃfĩ]	“veia”
	f.	V__V	[hĩ'tsɛ:po]	“topo”

[çç] africado palatal ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e medial, seguido de vogal oral anterior /e/ ou /i/.

(15)	a.	#__V	['ççɛpʰĩ]	“axila”
	b.	#__V	[ççi'joçiri]	“jacaré”
	c.	V__V	[,kʰsa'ççɛri]	“traíra”

[k] oclusivo velar surdo ocorre em posição de *onset*, em sílaba inicial, medial e final, diante de qualquer vogal.

Exemplos:

(16)	a.	#__ ^v	[,kʰsa'tiçi]	“areia”
	b.	#__Ṽ	[,kĩ:nɐ]	“macaco capelão”
	c.	V__V	[,wa'kawɐ]	“jáú”
	d.	V__V	[mɛki'liçi]	“rapaz”
	e.	V__V	[kaku'çɛɾi]	“vários”
	f.	V__V	[çiki'okili]	“dobrar algo”
	g.	V: __V	[rimi'ɛ:kɐ]	“ele assusta”
	h.	V__Ṽ	[to'kẽ:nʃĩ]	“voz”

[ç] o fricativo palatal surdo ocorre em posição de *onset* em sílaba inicial, medial e final, seguido de vogal oral anterior. Na posição de *coda*, ocorre em sílaba inicial e medial.

Exemplos:

(17)	a.	#__ V	[çi'ufĩ]	“cabeça”
	b.	#__ V	['çewfĩ]	“pulga”
	c.	#__ V	['çepifĩ]	“orelha”
	d.	V__V	['fĩçi]	“terra”
	e.	Ë__V	[hĩçi' u:te]	“crâneo dele”
	f.	Ë__V	['hĩçiri]	“bico dele”
	g.	Ë__V	[hĩçi' ro:tɛ]	“testa dele”
	h.	Ë__V	[hĩ'hõçi]	“rosto dele”
	i.	Ë__C	[,hĩçpa'haʃĩri]	“algo podre”

[j] aproximante palatal ocorre tanto em posição de *onset* quanto em posição de *coda*, em sílaba inicial, medial e final. Na posição de *coda* somente em sílaba medial.

Exemplos:

(18)	a.	#__ V	[jotu' litoli]	“lontra”
	b.	#__ V	[jukĩ' litsa]	“corda”
	c.	V__V	[ka' paju]	“mamão”
	d.	V__V	[βej' awli]	“mentira”
	e.	V__V	[ka' jati]	“paca”
	f.	V__V	['majuli]	“urubu”
	g.	C__V	[pjotĩ' tẽ:ndĩ]	“você queima”, “você queima algo”
	h.	V__C	[pajri' çeçi]	“homem branco”
	i.	V:__ #	['mu:j]	“anu”

[h] fricativo glotal surdo ocorre em posição de *onset*, em sílaba inicial, medial e final, diante de qualquer vogal. Na posição de *coda* somente em sílaba medial.

Exemplos:

(19)	a.	#__ V	[ha' fĩçiri]	“cascudo (peixe)”
	b.	#__ Ë	[hõfĩ' ole]	“gambá”
	c.	#__ Ë	[hĩ' jeka]	“mutum”
	d.	#__ Ë	[hĩ' hoɛ]	“ferrão”
	e.	#__ C	['hewβi]	“aqui”

f.	V__Ṽ	['pahũ]	“cabaça”
g.	Ṽ__Ṽ	[mĩ'hĩ]	“abelha”
h.	V__C	[ʃĩ'ahlĩ]	“choro”
i.	C__C	[ka'huari]	“flor”

[f] fricativo glotal sonoro ocorre entre vogais, em posição de *onset* de sílaba medial e final.

Exemplos:

(20)	a.	V__V	[ka'fali]	“líquido”
	b.	Ṽ: __ Ṽ	['hõ:fũri]	“saracura”
	c.	Ṽ__V	[hĩfe'rekoli]	“ele está dentro”
	d.	Ṽ__Ṽ	[,ʃie'hõfõni]	“hoje”

3.3 INVENTÁRIO FONÉTICO DAS VOGAIS

TABELA 13 — INVENTÁRIO FONÉTICO DAS VOGAIS DO MANXINERU

		Anterior				Central				Posterior						
		não-arredondado				não-arredondado				arredondado						
		Oral		nasal		Oral		Nasal		Oral		nasal				
	br.	lo.	br.	lo.		br.	lo.	br.	lo.		br.	lo.	br.	lo.		
Alto	Fech. so.	i	i	i:	ĩ	ĩ:	ɨ	ɨ	ɨ:	ĩ	ĩ:	u		u:	ũ	ũ:
	Fech. Su.	ɨ	ɨ				ɨ	ɨ								
	Aber.	ɪ					ɨ					ʊ				
Médio	Fech. So.	e		e:	ẽ	ẽ:	ə	ə		ẽ		o	o	o:	õ	õ:
	Fech. Su.						ə	ə				o	o			
	Aber.	ɛ		ɛ:												
Baixo	Fech.						ɐ			ẽ	ẽ:					
	Aber.						a		a:							

3.4 DESCRIÇÃO DOS AMBIENTES DE OCORRÊNCIA DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS ORAIS

[i] anterior alto não-arredondado ocorre precedido de qualquer consoante, em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

(21)	a.	#__C	[is'pɛri]	“açai”
	b.	C__C	[pi'ʃɛnɐ]	“seu”
	c.	C__C	[ratsi'ko:tɐ]	“ele sobe”
	d.	C__C	[,hĩtsi'kihĩ]	“raiz”
	e.	C__#	['hõpʲĩ]	“pato”
	f.	C__#	[pi'haliʃĩ]	“teu olho”
	g.	Ç__#	[ki'sɛ:mi]	“palmeira”

[ɪ] anterior médio alto ocorre em posição átona, principalmente em sílaba final.

Exemplos:

(22)	a.	C__#	[,tsa'pi:ʃɪ]	“cinto”
	b.	C__#	[ku'tsa:ʃɪ]	“veia”

[ɨ] central alto abeto ocorre sempre em sílaba átona final precedido da lateral [l] ou do flepe [r].

Exemplos:

(23)	a.	C__#	[raʃĩ'nikalɨ]	“ele lembra de algo”
	b.	C__#	[çitʃa'pɛlɨ]	“tatu canastra”
	c.	C__#	[ha'no:lɨ]	“pus”
	d.	C__#	[hĩ,ʃɛtɔka'liɨ]	“resto”
	e.	C__#	[ʃĩ'ahlɨ]	“choro”

[e] anterior médio alto não-arredondado ocorre em sílaba inicial, medial e final precedido de consoante na mesma sílaba, exceto das consoantes africadas [çç] e fricativas [ʃ], ou seguida das nasais [m, n] na mesma sílaba.

Exemplos:

(24)	a.	C__C	['peçi]	“jatobá”
	b.	C__C	['çeçi]	“homem”
	c.	C__C	[,mãn'dete]	“pessoa muda”
	d.	Ç__C	[,wamə'newli]	“eu estou triste”
	e.	C__#	[,mõhũ'ʃfire]	“fumo”
	f.	C__#	[mĩ'note]	“leve”
	g.	C__V	['hĩke]	“não”

[ɛ] anterior médio aberto ocorre em sílaba inicial, medial e final, precedido de qualquer consoante, exceto do oclusivo alveolar vozeado [d].

Exemplos:

(25)	a.	C__C	['hetilɨ]	“ele vê algo”
	b.	C__C	['retɛ]	“ele viu”
	c.	C__C	[se'patʃi]	“rins”
	d.	C__C	[kapa'tɛri]	“pessoa vergonhosa”
	e.	Ç__C	[pamɛ'tẽ:ndi]	“você esquentou algo”
	f.	C__C	[katɛ'pulɨ]	“cheio”
	g.	C__C	[hẽ,sɛru'ata]	“ele amadureceu”
	h.	C__C	['ççɛpʃi]	“axila”
	i.	C__C	[hĩ,çiʃi'çeri]	“calcanhar”
	j.	C__C	[hɛpi'ʃiçiri]	“cabo de machado”
	k.	C__C	['ʃɛpiʃi]	“piolho”
	l.	C__C	['hɛwi]	“aqui”
	m.	C__C	['pɛkulɔ]	“capim”
	n.	C__C	[po'lɛri]	“verde”

[i] central alto não-arredondado ocorre em sílaba inicial, medial e final precedido de qualquer consoante na mesma sílaba, exceto precedido dos africados [ʃ, çç] e os fricativos [ç, ʃ].

Exemplos:

(26)	a.	C__C	['tɨwi]	“sal”
------	----	------	---------	-------

b.	C__Ç	[hĩe,ri'nẽko]	“também”
c.	Ç__C	[nika'line]	“minhas caças”
d.	Ç__C	[mi'ʃĩrɐ]	“macaco preto”
e.	C__#	['tsapi]	“agulha”
f.	Ç__#	[pa'mẽ:ndi]	“você colhe”
g.	C__#	[pila'tẽ:ndi]	“você cozinha”
h.	Ç__#	['sati]	“um” (1)

[ə] central médio fechado ocorre somente em posição átona em final de palavra.

Exemplos:

(27)	a.	Ç__#	[ri'ʃẽ:nə]	“costume”
	b.	C__#	['ʃi:wrə]	“arrepio”

[ɐ] central baixo aberto ocorre em sílaba átona medial e final.

Exemplos:

(28)	a.	C__C	[hĩhĩ'kokɐɫɨ]	“ele cala”
	b.	V__#	['ni:rɐ]	“eu bebo”
	c.	V__#	[hĩ'patɐ]	“casca de algo”
	d.	Ç__#	['ĩmɐ]	“com”
	e.	Ç__#	[wa'lẽnɐ]	“dono”, “é dele”
	f.	C__#	['kokɐ]	“pica-pau”

[a] central baixo aberto ocorre em sílaba inicial, medial e final precedido de qualquer consoante, exceto do africado palatal [çç] e do fricativo palatal [ç].

Exemplos:

(29)	a.	C__C	[ka'tali]	“claro”
	b.	V__#	['tsulia]	“abobora”
	c.	C__C	[kata'çiri]	“algo brilhante”
	d.	C__C	[çi'ʃapɐɫɨ]	“tatu canastra”
	e.	C__C	[,kisa'tiçi]	“areia”
	f.	C__C	[malɐ'fali]	“vazio”
	g.	C__Ç	[ha'mɛri]	“algo quente”

- h. V__C [ka'huari] “flor”
 i. Č__C [kẽ'nawa] “canoa”

[u] o posterior alto fechado arredondado ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Ocorre também precedido de silêncio.

Exemplos:

- (30) a. #__C [u.pafũ'nẽne] “nossas cuias”
 b. C__C [ʃuj'riçi] “andorinha”
 c. V__C [mi'ufʃi] “dedo”
 d. C__V [kasu'ali] “furo”, “buraco”
 e. C__C [hĩʃfuli] “muitas coisas”
 f. Č__# [ʃĩnu] “dor”
 g. Č__C [mu:] “anu”

[ɔ] o posterior alto aberto arredondado só ocorre em posição átona de sílaba medial e principalmente final.

Exemplos:

- (31) a. C__# [hĩ,erĩ'nẽko] “novamente”
 b. C__# [kaju'nalɔ] “abelha jataí”
 c. C__C [pɛkolɔ] “capim”

[o] posterior médio fechado arredondado ocorre em sílaba precedido de qualquer consoante, exceto dos africados – o alveopalatal [tʃ] e o palatal [çç] –, do flepe [r] e dos fricativos – o alveolar [s] e o palatal [ç].

Exemplos:

- (32) a. C__C [to'tĩm:ta] “jacu”
 b. C__C [poʃu'ali] “doce”
 c. C__C [kow,ʃũ'hẽli] “pescaria”
 d. C__C [ʃi'kote] “macaco prego”
 e. C__C [hĩ'tso hĩwata] “ele ri”
 f. C__C [k^hso'li:ri] “espuma”
 g. C__C [p^hla'tsolɪ] “martim pescador”
 h. C__# [ki'wiko] “coisa nojenta”

i.	C__#	[t ^o 'lolo]	“sapo”
j.	C__#	['hẽfo]	“morcego”
k.	Ç__C	[ka'mowa]	“rolinha”

3.4.1 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos nasais

[ĩ] anterior alto fechado não-arredondado nasal ocorre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n e m].

Exemplos:

(33)	a.	C__C	['hĩfĩçi]	“costas dele” (parte do corpo)
	b.	C__Ç	[hĩni'kakili]	“ele narra”, “ele conta história”
	c.	C__Ç	[hĩmi'halı]	“ano”

[ẽ] anterior médio fechado não-arredondado nasal ocorre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n e m].

Exemplos:

(34)	a.	C__Ç	[wa'lẽnɐ]	“dono” “é dele”
	b.	C__C	['hẽp ^h fĩ]	“machado”
	c.	C__Ç	[mi,çẽma'kati]	“pessoa surda”

[ĩ] central alto fechado não-arredondado nasal ocorre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n].

Exemplos:

(35)	a.	C__C	[,hĩpo'ni:kuli]	“comida sem gosto”
	b.	C__V	[hĩh'poko hĩus'takɐ]	“ele cortou de baixo”
	c.	Ç__Ç	[,nĩni'kaki 'letili]	“eu acusei ele”

[ã] central médio fechado não-arredondado nasal ocorre só em posição átona em final de palavra, sempre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ].

Exemplos:

(36)	a.	V__#	['rẽmahã]	“ele desapareceu”
	b.	V__#	['hõnẽfã]	“água”

[ẽ] central baixo aberto não-arredondado nasal ocorre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n e m].

Exemplos:

- (37) a. C__C [hẽ, tse ri'ũnɛ] “ele cresce”
 b. C__Ç [ˈkapẽnɛ] “buraco”
 c. C__# [ˈrẽmahẽ] “ele desapareceu”

[ũ] posterior alto fechado arredondado nasal ocorre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n e m].

Exemplos:

- (38) a. C__C [hũ, saʃi'rikilɪ] “ele deu volta”
 b. C__Ç [ˌpiʃĩni'tsũnɛ] “só um momento”
 c. C__Ç [ˈhalũnɛ] “ele está voando”
 d. C__# [ˈpa:hũ] “cuia”
 e. C__Ç [nũmo'lẽ:ne] “família”

[õ] posterior médio fechado arredondado nasal ocorre precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n e m].

Exemplos:

- (39) a. Ç__Ç [nõmi'uçi] “meu dedo”
 b. C__C [ka'hõʃi] “pajé”
 c. C__C [hĩ'hõçi] “rosto dele”
 d. C__V [kahõ'akɛ] “ele espera”
 e. C__Ç [ˌhõnẽ'nahno] “ele tem sede”

3.4.2 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos alongados

[i:] central alto fechado não-arredondado alongado ocorre só em sílaba acentuada, inicial e medial.

Exemplos:

- (40) a. Ç__V [ˈni:e] “esses”
 b. C__V [ˈʃi:e] “este”

- | | | | |
|----|------|------------|---------------------------------|
| c. | C__C | ['çi:tʃi] | “pé” |
| d. | C__C | [ra'si:kø] | “ele corre” |
| e. | C__C | [ra'li:kø] | “ele quer”, “ele está querendo” |

[e:] anterior médio fechado não-arredondado alongado ocorre em sílaba acentuada, inicial e medial.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|-------------|----------|
| (41) | a. | C__C | ['pe:çi] | “jatobá” |
| | b. | C__C | ['se:ʃka] | “cerca” |
| | c. | C__C | [pe're:wle] | “sexo” |

[ɛ:] anterior médio aberto não-arredondado alongado ocorre em sílaba acentuada, em sílaba inicial e medial.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|-------------|---------------|
| (42) | a. | C__C | ['hɛ:pi] | “dois” |
| | b. | V__C | [rimi'ɛ:kø] | “ele assusta” |
| | c. | Ç__C | [si'mɛ:tʃi] | “pênis” |

[i:] central alto fechado não-arredondado alongado ocorre em sílaba acentuada, em sílaba inicial e medial.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|--------------|----------------|
| (43) | a. | Ç__C | [ni:rø] | “eu bebo” |
| | b. | V__C | [ku'tsi:tʃi] | “veia” |
| | c. | C__C | [tsĩn'di:çi] | “periquitinho” |

[a:] central baixo aberto não-arredondado alongado ocorre só em sílaba acentuada, inicial e medial.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|-----------|----------|
| (44) | a. | C__C | ['ra:tʃi] | “sangue” |
| | b. | C__C | ['pa:hũ] | “cuia” |

- c. C__C ['sa:tɨ] “um”
 d. C__C [mi'ta:tʃi] “pele”

[u:] posterior alto fechado não-arredondo alongado ocorre só em sílaba acentuada, inicial e medial.

Exemplos:

- (45) a. Č__C ['mu:sa] “coruja”, “caboré”
 b. Č__C ['mu:j] “anu”
 c. C__C [hara'pu:kə] “arapuca”

[o:] posterior médio fechado não-arredondado alongado ocorre em sílaba acentuada, inicial e medial.

Exemplos:

- (46) a. C__C ['so:tɨli] “pedra”
 b. C__C [p'i'lo:tʃi] “umbigo”
 c. Č__C [hĩ'no:çi] “nuca dele”

3.4.3 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos nasais alongados

[ĩ:] central alto fechado não-arredondado nasal alongado ocorre em sílaba acentuada precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n] e [m].

Exemplos:

- (47) a. C__C [hĩ:ke] “não”
 b. C__C [hĩ:tə] “eu”
 c. C__Č [,ro'ʃĩ:ntə] “ele geme”
 d. C__Č [to'tĩ:mtə] “jacu”

[ẽ:] anterior médio fechado não-arredondado nasal alongado ocorre em sílaba acentuada precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n] e [m].

Exemplos:

- (48) a. C__Ç [nũmo'lẽ:ne] “família”
 b. C__C [u'hẽ:ʃĩ] “filho”
 c. C__Ç ['çẽ:mø] “anta”
 d. C__Ç [hẽ'nẽ:ndolɨ] “pessoa casada”
 e. C__C ['hẽ:kʲĩ] “camarão”

[ẽ:] central baixo fechado não-arredondado nasal alongado ocorre em sílaba acentuada precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n] e [m].

Exemplos:

- (49) a. C__Ç ['pẽ:nʃĩ] “casa”
 b. C__Ç [ˌtsa'pẽ:nʃĩ] “bolsa”
 c. C__Ç [ʃi'kẽ:ne] “tucano”
 d. C__Ç [ha'tẽ:mø le'çitø] “ele toca flauta”
 e. C__Ç [ni'ka ma'hẽ:ndi] “ele faz algo”

[ũ:] posterior alto fechado arredondo nasal alongado ocorre em sílaba acentuada precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n] e [m].

Exemplos:

- (50) a. C__Ç ['tsũ:mi] “berne”
 b. C__Ç [ˌpiʃĩni'tsũ:nø] “só um momento”
 c. C__Ç [kʲi'ũ:nø] “tatu”

[õ:] posterior médio fechado arredondado nasal alongado ocorre em sílaba acentuada precedido do fricativo glotal aspirado desvozeado [h] ou do vozeado [ɦ], ou seguido dos nasais [n] e [m].

Exemplos:

- (51) a. C__C ['hõ:hĩ] “dia”

- | | | | |
|----|------|--------------|-------------|
| b. | C__C | ['hõ:fɐ] | “mato” |
| c. | C__C | ['hõ:fũri] | “saracura” |
| d. | C__Ç | ['põ:ndo] | “centopeia” |

3.4.4 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos breves

[ⁱ] anterior alto fechado não-arredondado breve ocorre em sílabas pré-tônicas, seguido de sílaba iniciada de consoante.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|---------------------------|-------------|
| (52) | a. | C__C | [p ⁱ 'lo:fɨ] | “umbigo” |
| | b. | Ç__C | [ʃi'ʃim ⁱ sa] | “espiga” |
| | c. | C__C | [nik ⁱ 'lo:kɐ] | “eu enguli” |

[ⁱ] central alto fechado não-arredondado breve ocorre em sílabas pré-tônicas ou pós-tônica, seguida de sílaba iniciada por consoante.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|----------------------------|------------------------------------|
| (53) | a. | C__C | [nik ⁱ 'lo:kɐ] | “eu engoli” |
| | b. | C__C | [hĩni'kak ⁱ li] | “ele narra” , “ele conta história” |
| | c. | Ç__C | [hĩn ⁱ 'kake] | “ele disse” |

[^o] central médio alto fechado não-arredondado ocorre em sílaba pré-tônica ou pós-tônica seguida de sílaba iniciada por consoante.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|--------------------------|------------------|
| (54) | a. | C__C | [p ^o la'tɛʃi] | “garganta” |
| | b. | C__C | [nop ^o 'late] | “minha garganta” |
| | c. | C__C | [hũ'ap ^o rɐ] | “corujão” |

[^o] posterior médio fechado arredondado breve ocorre em sílabas pré-tônicas e pós-tônica seguida de sílaba iniciada por consoante.

Exemplos:

- | | | | | |
|------|----|------|--------------------------|---------|
| (55) | a. | C__C | [t ^o 'lolo] | “sapo” |
| | b. | C__C | ['set ^o ro] | “cedro” |

3.4.5 Descrição dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos breves surdos

[¹i] anterior alto fechado não-arredondado breve surdo ocorre em sílabas pré-tônicas, seguida de sílaba iniciada por consoante surda.

Exemplos:

- (56) a. C__C [ˌrap¹çiˈtate] “ele boceja”
 b. C__C [ˌk¹saˈtiçi] “areia”

[¹i] central alto fechado não-arredondado breve surdo ocorre em sílabas pré-tônicas, seguida de sílaba iniciada por consoante surda.

Exemplo:

- (57) a. C__C [ˈsat¹ˈkakə riʃiˈpɛ:ʃjɛ] “eles saem um a um”

[⁹ɨ] central médio alto fechado não-arredondado central breve surdo ocorre em sílabas pré-tônicas ou pós-tônica, seguida de sílaba iniciada por consoante surda.

Exemplos:

- (58) a. C__C [hĩˈat⁹kɛ] “ele vai”, “pessoa indo”
 b. C__C [harĩ t⁹ˈpɛkɛ] “ele bate”

[⁹ɨ] posterior médio fechado arredondado breve surdo ocorre em sílabas pré-tônicas, seguida de sílaba iniciada por consoante surda.

Exemplo:

- (59) a. C__C [t⁹paˈhõne] “cuias dela”

Identificamos, até o presente momento, apenas alofones surdos monomoraicos das vogais /a, i, ɨ, o/ em sílaba átona final.

Exemplos:

- (60) a. [rat⁹laˈlatɔ] /ratalalata/ “ele queimou”, “vai queimando”
 b. [piˈhaliʃĩ] /pihaliʃi/ “teu olho”
 c. [hawˈrakilɨ] /hawrakili/ “raio”
 d. [ˌhĩçiˈripitɔ] /hiçiripito/ “ponta”

CAPÍTULO IV

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA FONOLOGIA SEGMENTAL DO MANXINERU

Neste capítulo apresentamos nas seções 4.1.1 e 4.1.2 o inventário de fonemas consonantais e o inventário de fonemas vocálicos da língua, seguidos de exemplos de pares mínimos e análogos que ilustram contrastes entre sons que compartilham propriedades fonéticas e que poderiam levantar suspeitas de serem realizações das mesmas entidades fonológicas. Na seção 4.1.3, mostramos a distribuição das realizações fonéticas dos fonemas, ou unidades contrastivas subjacentes.

4.1 OS FONEMAS DA LÍNGUA MANXINERU

Dos dados analisados da língua Manxineru, depreendemos 16 fonemas consonantais – /p/, /t/, /k/, /ts/, /tʃ/, /cç/, /s/, /ç/, /ʃ/, /h/, /m/, /n/, /r/, /l/, /w/, /j/ – e cinco fonemas vocálicos – /i/, /e/, /i/, /a/, /o/. Como mostramos nas tabelas que seguem, as realizações fonéticas dos fonemas consonantais distinguem seis pontos de articulação – labial, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal – e seis modos de articulação – oclusivo, africado, fricativo, nasal, líquido, aproximante; já a realização dos fonemas vocálicos distinguem dois graus de altura da língua, +alto e –alto, duas distinções de avanço/recuo da língua +anterior e –anterior, e arredondamento dos lábios, +arredondado e –arredondado.

4.1.1 Inventário fonológico das consoantes

TABELA 14 — INVENTÁRIO FONOLÓGICO DAS CONSOANTES DO MANXINERU

	Labial	alveolar	alveopalatal	palatal	velar	glotal
Oclusivo	p	t			k	
Africado		ts	tʃ	cç		
Fricativo		s	ʃ	ç		h
Nasal	m	n				
Líquido		l r				
Aproximante	w			j		

4.1.1.1 Inventário fonológico das consoantes em uma interpretação da Escola de Praga

TABELA 15 — INVENTÁRIO FONOLÓGICO DAS CONSOANTES DO MANXINERU EM UMA INTERPRETAÇÃO DA ESCOLA DE PRAGA

Obstruintes descontinuas	p	t ts	tʃ	çç	k
Obstruintes continuas		s	ʃ	ç	x
Soantes	m	n		j	w
Flapes		r ɹ			

O inventário fonológico das consoantes apresentado na tabela 15 acima é uma interpretação alternativa como base em um modelo fonológico que contempla a noção de traços distintivos, em uma abordagem interpretativa das oposições fonológicas em que se organiza o sistema. Essa abordagem é defendida pelos teóricos da Escola de Praga como Trubetzkoy ([1939] 1976) entre outros. No inventário da tabela 15, reinterpretemos o /h/ como /x/ com base na percepção do quadro fonológico, assim também reinterpretemos o /l/ (representado no quadro como flape lateral /ɹ/) e /r/ como pertencentes à classe dos flapes, e não às soantes, por estas poderem ocorrer na posição de *coda*. Assim, nesta nova interpretação, consideremos ainda o /w/ pertencente à classe natural das velares.

4.1.2 Inventário fonológico das vogais

Apresentamos nesta seção o inventário dos fonemas vocálicos que identificamos no Manxineru.

TABELA 16 — INVENTÁRIO FONOLÓGICO DAS VOGAIS DO MANXINERU

	+Anterior	-Anterior	
		-Arredondado	+Arredondado
+Alto	i	i	o
-Alto	e	a	

4.1.3 Demonstrando contrastes

Demonstramos, em seguida, por meio de pares mínimos e/ou análogos, contrastes que fundamentam a existência de dezesseis fonemas consonantais e cinco fonemas vocálicos em Manxineru.

4.1.3.1 Contrastes entre fonemas consonantais

/p/ vs. /w/

- (61) a. [wi'ko:tɛ] /wikota/ “nosso queixo”
 [pⁱ'ko:tɛ] /pikota/ “seu queixo”
- b. ['çɛpⁱtʃi] /çepitʃi/ “piolho”
 ['çɛwtʃi] /çewtʃi/ “pulga”
- c. [kati'pali] /katipali/ “algo torto”
 ['wale] /wale/ “ele”

/p/ vs. /m/

- (62) a. ['mati] /mati/ “sabiá”
 [iwi'peti] /iwipati/ “tesourinha”

/m/ vs. /w/

- (63) a. [kahĩ'mali] /kahimali/ “som”
 ['wale] /wale/ “ele”

/m/ vs. /n/

- (64) a. [t^o,kaʃu'nale] /tokaʃonale/ “ariranha”
 [kasa'mali] /kasamali/ “pano”

/n/ vs. /r/

- (65) a. [ra'ʃiʃa] /raʃiʃa/ “cérebro dele”
 [na'ʃiʃa] /naʃiʃa/ “meu cérebro”
- b. [niha'ni:ri] /nihani:ri/ “marido”
 ['ri:ri] /ri:ri/ “pai dele”

/n/ vs. /l/

- (66) a. [pa'nɛrɛ] /panere/ “tribo”
 [nũmo'lɛnɛ] /nomolene/ “família”
- b. [hɛçi'nɛnɔ] /hɛçinana/ “coisas”
 [nũmo'lɛnɛ] /nomolene/ “família”

/n/ vs. /j/

- (67) a. [ka'jatĩ] /kajati/ “paca”
 [,nioka'nati] /niokanati/ “eu mando”

/n/ vs. /s/

- (68) a. [pi'naʃĩ] /pinaʃi/ “ânus de você”
 ['saʃĩ] /saʃi/ “barriga”

/n/ vs. /t/

- (69) a. [kaʃĩ'noli] /kaʃinoli/ “dor”
 [kamo'tolo] /kamotolo/ “abelha arapuã”

/t/ vs. /l/

- (70) a. [kapa'tɛri] /kapateri/ “pessoa vergonhosa”
 [kĩhi'lɛri] /kihileri/ “ele é feliz”, “feliz”, “coisa boa”

/t/ vs. /r/

- (71) a. [ko'ʃiro] /koʃiro/ “faca”
 [ma'ʃito] /maʃito/ “facão”

/t/ vs. /s/

- (72) a. [rɛn'sa:tɛ] /ransata/ “ele dança”
 [,hɛpɛra'ta:lɛ] /heparatali/ “achatado”, “ele é achatado”

/t / vs. /tʃ /

(73)	a.	['hĩʃa]	/hiʃa/	“vocês”
		['hĩta]	/hita/	“eu”
	b.	[raj 'çĩ:ti]	/rajçiti/	“coluna dele”
		['ku:iʃĩ]	/koitʃi/	“veia”
	c.	['koʃĩ]	/koʃi/	“rato”
		[ʃĩ 'kote]	/ʃikote/	“macaco preto”

/l/ vs. /r/

(74)	a.	[po 'nik ^o lo]	/panikolo/	“é gostoso”
		[kow 'iro]	/kowiro/	“nambú preto”
	b.	[t ^o 'lolo]	/tololo/	“sapo”
		[ko 'wiro]	/kowiro/	“nambú preto”
	c.	[p ^o ra 'ʃĩne]	/paratʃine/	“teu animal de estimação”
		[,p ^o la 'tsoli]	/palatsoli/	“martim pescador”
	d.	[p ^o la 'ʃĩne]	/palaʃine/	“pomo de adão”
		[p ^o ra 'ʃĩne]	/paratʃine/	“teu animal de estimação”
	e.	[mĩnti 'rĩne]	/mintirine/	“meninos”
		[nũmo 'lĩne]	/nomolene/	“família”

/ʃ/ vs. /s/

(75)	a.	[hi ,anãmsate]	/hianamsata/	“ele reclamou”
		[hĩ 'ʃate]	/hiʃata/	“enxada”

/tʃ/ vs. /ʃ/

(76)	a.	[ha ,nu 'ka:ʃĩri]	/hanokaʃĩri/	“inchado” “algo inchado”
		['maʃĩri]	/maʃĩri/	“pente”

/tʃ/ vs. /j/

- (77) a. [ˈmajuli] /majoli/ “urubu”
 [çiˈʃuli] /çiʃoli/ “cigarra”

/tʃ/ vs. /ts/

- (78) a. [kuˈtʃi:ʃi] /kotsiʃi/ “veia”
 [ˈʃiʃi] /ʃiʃi/ “fogo”

/tʃ/ vs. /ç/

- (79) a. [ˈʃiçi] /ʃiçi/ “terra”
 [ˈçiʃi] /çiʃi/ “pé”
- b. [ˈʃiʃi] /ʃiʃi/ “fogo”
 [ˈçeçi] /çeçi/ “terra”

/tʃ/ vs. /h/

- (80) a. [ˌritʃkaˈha:tɐ] /ritʃkahata/ “ele cuspiu”
 [ramuˈʃa:tɐ] /ramoʃata/ “ele está mastigando”

/tʃ/ vs. /k/

- (81) a. [ramuˈʃa:tɐ] /ramoʃata/ “ele está mastigando”
 [raʃiˈka:tɐ] /raʃikata/ “ele morde”

/k/ vs. /h/

- (82) a. [ˌnɛ̃mikaˈhĩ:ntɐ] /nɛ̃mihahinta/ “eu dormi”
 [naˌsiˈkẽ:ntɐ] /nasikanta/ “eu estou correndo”

/ç/ vs. /ʃ/

- (83) a. [ˈçɛpiʃi] /çepiʃi/ “orelha”
 [ˈʃɛpiʃi] /ʃepiʃi/ “piolho”

- b. [,çimale'hĩti] /çimalehiti/ “carne assada”
 ['ʃĩ:mə] /ʃĩma/ “peixe”

/ç/ vs. /ts/

- (84) a. [kẽ,mĩ'tsiri] /kamĩtsiri/ “porco espinho”
 ['peçiri] /peçiri/ “cotia”

/ç/ vs. /çç/

- (85) a. ['hĩçiri] /hiçiri/ “bico”
 [ki'saççeri] /kisacçeri/ “traíra”
- b. [çĩ'mekə] /çimeka/ “mandioca”
 [ççĩ'joçiri] /ççijoçiri/ “jacaré”

/ç/ vs. /s/

- (86) a. [çĩ'ʃapeli] /çĩʃapeli/ “tatu canastra”
 ['siʃu] /siʃo/ “mulher”

/ç/ vs. /h/

- (87) a. [çĩ'utʃi] /çiotʃi/ “cabeça”
 [hĩ'fiðçi] /hihoçi/ “rosto dele”
- b. [kata'çiri] /kataçiri/ “algo brilhante”
 [kata'hĩri] /katahiri/ “estrela”

/ts/ vs. /h/

- (88) a. ['tsapi] /tsapi/ “timbó”
 [salu'hapi] /salohapi/ “remo”

/ts/ vs. /s/

- (89) a. ['tsa:pi] /tsapi/ “agulha”
 ['sa:ti] /sati/ “um” (1)

/ts/ vs. /j/

- (90) a. [ku'tsi:tʃi] /kotsitʃi/ “veia”
 [ka'ja:ti] /kajati/ “paca”

4.1.3.2 Contrastes entre fonemas vocálicos

/i/ vs. /e/

- (91) a. [ri'okɐ] /rioka/ “ele acorda”
 [re'po:kolo] /repokolo/ “ele racha algo”
- b. [nĩma'le:tĩli] /nimaletĩli/ “eu proibi ele” (de fazer algo)
 [ni'ʃitĩli] /niʃitĩli/ “eu permiti algo”

/i/ vs. /ĩ/

- (92) a. ['tsapi] /tsapi/ “timbó”
 ['tsapĩ] /tsapĩ/ “agulha”

/i/ vs. /a/

- (93) a. [ro'makĩli] /roməkĩli/ “ele ergueu algo”
 [.riheri'ka:lĩ] /riherikalĩ/ “ele esqueceu algo”
- b. ['sa:ti] /sati/ “um” (1)
 [rẽn'sa:tɐ] /rasata/ “ele dança”

/ĩ/ vs. /o/

- (94) a. ['sartĩ] /sati/ “um” M
 ['sarto] /sato/ “um” F
- b. ['pitĩ] /pitĩ/ “vagalume”
 ['potĩ] /potĩ/ “vários”

c.	[mæki'liçi]	/makiliçi/	“rapaz”
	[maki'loçi]	/makiloçi/	“moça”

/a/ vs. /e/

(95)	a.	['wale]	/wale/	“ele”
		['walɐ]	/wala/	“ela”

/o/ vs. /a/

(96)	a.	['hẽfo]	/hafo/	“morcego”
		['hõfɐ]	/hoʃɐ/	“mata”

/e/ vs. /o/

(97)	a.	[pasi'retɐ]	/pasiretɐ/	“do outro lado”
		[hĩçi'rotɐ]	/hiçiroʃɐ/	“testa dele”

4.1.4 Fonemas e alofones

4.1.4.1 Fonemas consonantais e distribuição alofônica

4.1.4.1.1 O fonema /p/

O fonema fricativo alveolar surdo /p/ possui um único fone [p], que ocorre em posição de *onset*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(98)	a.	['pihẽmɐ]	/pihama/	“você tropeçou”
	b.	['papa]	/papa/	“pai”
	c.	[.pʲĩni'tsũnɐ]	/piʃinitsona/	“só um momento”
	d.	['pʲlo:ʃi]	/pilofʲi/	“umbigo”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(99)	a.	[io'çipẽnɐ]	/ioçipana/	“emborcado”
------	----	-------------	------------	-------------

- b. [hẽ,ka pə'laka] /hakapalaka/ “ele passa por cima”
 c. [ha,pati'çetɐ] /hapatiçeta/ “reunião”

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (100) a. [hĩ,ʃatu'kape] /hĩʃatokape/ “ele segurou algo” (algo que caiu)

4.1.4.1.2 O fonema /t/

O fonema fricativo alveolar surdo /t/ possui um único fone [t], que ocorre em posição de *onset*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- (101) a. [ti'çirɐ] /tiçira/ “aquele”
 b. [tej'a:kɐ] /tejaka/ “andar rápido”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- (102) a. ['so:tɪli] /sotili/ “pedra”
 b. [hĩs'takɐ] /histaka/ “ele cortou”

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (103) a. ['po:te] /pote/ “vários”

4.1.4.1.3 O fonema /k/

O fonema fricativo alveolar surdo /k/ possui um único fone [k], que ocorre em posição de *onset*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- (104) a. ['kopɪrɐ] /kopire/ “algo atravessado, no meio do caminho”
 b. [ki'wiko] /kiwiko/ “coisa nojenta”
 c. [k^htiw'reɾi] /kitiwreɾi/ “salgado”, “algo salgado”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- (105) a. [is'kitɐ] /iskita/ “gancho”

- | | | | |
|----|----------------|--------------|----------------------|
| b. | [mihẽ' nokilĩ] | /mihenokilĩ/ | “onça” |
| c. | [ha' kakɐ] | /hakaka/ | “eles espantam algo” |
| d. | [ʃĩni' kɛnʃĩ] | /ʃinikantʃĩ/ | “pensamento” |

Em posição de *onset* em sílaba final:

- | | | | |
|----------|-------------|-----------|--------------------|
| (106) a. | [ha' wakɐ] | /histaka/ | “ele subiu o rio” |
| b. | [hĩs' takɐ] | /histaka/ | “ele corta” |
| c. | ['ʃa:ko] | /ʃako/ | “cuidado” |
| d. | [hĩ' pakɐ] | /hipaka/ | “deixou no chão” |
| e. | ['pʰkɐ] | /pika/ | “só” |
| f. | ['puko] | /poko/ | “local de moradia” |

4.1.4.1.4 O fonema /ts/

O fonema fricativo alveolar surdo /ts/ possui um único fone [ts], que ocorre em posição de *onset*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|----------------------|-----------------|----------|
| (107) a. | ['tsiri tso' leçi] | /tsiri tsoleçi/ | “velho” |
| b. | [, tsa' pi:ʃfi] | /tsapiʃfi/ | “cinto” |
| c. | [tsĩ, niʃfi' ma:pa] | /tsiniʃfi mapa/ | “bexiga” |
| d. | ['tsũ:mi] | /tsomi/ | “berne” |

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|---------------|------------|-----------------------|
| (108) a. | [ma'tsawa] | /matsawa/ | “pessoa cega”, “cego” |
| b. | [ku' tsi:ʃfi] | /kotsiʃfi/ | “veia” |
| c. | [hĩ' tse:po] | /hitsepo/ | “topo” |

Em posição de *onset* em sílaba final:

- | | | | |
|----------|---------------|-------------|--------------|
| (109) a. | [noçi'witse] | [noçiwitsa] | “meu cabelo” |
| b. | [juki' litsɐ] | [jokilitsa] | “corda” |

4.1.4.1.5 O fonema /tʃ/

O fonema fricativo alveolar surdo /tʃ/ possui um único fone [tʃ], que ocorre em posição de *onset*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|---------------|--------------|--------------------------------|
| (110) a. | [ˈtʃĩnu] | /tʃĩno/ | “dor” |
| b. | [tʃĩtʃĩˈkʲsĩ] | /tʃĩtʃĩkʲsĩ/ | “arma de fogo”, “cano de fogo” |
| c. | [ˈtʃẽni] | /tʃani/ | “hoje” |

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|-----------------|---------------|--------------|
| (111) a. | [piˈtʃẽnɐ] | /pitʃana/ | “seu” |
| b. | [mɐˈtʃifĩ] | /matʃihi/ | “folhagem” |
| c. | [ˌmajˈtʃakɐ] | /majtʃaka/ | “ele erra” |
| d. | [ˌmapisiˈtʃũne] | /mapasitʃone/ | “3 feminino” |

Em posição de *onset* em sílaba final:

- | | | | |
|----------|------------|-----------|----------|
| (112) a. | [ˈkotatʃĩ] | /kotatʃi/ | “queixo” |
| b. | [ˈhĩtʃã] | /hitʃa/ | “vocês” |

4.1.4.1.6 O fonema /s/

O fonema fricativo alveolar surdo /s/ possui um único fone [s], que ocorre em posição de *onset* e em posição de *coda*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|------------|----------|---------|
| (113) a. | [ˈso:tĩli] | /sotĩli/ | “pedra” |
| b. | [ˈse:jo] | /sejo/ | “mas” |

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|-------------|------------|--------------|
| (114) a. | [hẽˈsẽnɐ] | /hasana/ | “roçado” |
| b. | [haˈsikɐ] | /hasika/ | “ele corre” |
| c. | [pʲiˈsɛrɐ] | /pisere/ | “engraçado” |
| d. | [nisaˈnati] | /nisanati/ | “meu roçado” |

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (115) a. ['mu:sa] /mosa/ “coruja”, “caboré”

Em posição de *coda* de sílaba inicial:

- (116) a. [kas'pikə] /kaspika/ “soltar”
 b. [hĩs'takə] /histaka/ “ele cortou”

Em posição de *coda* em sílaba medial:

- (117) a. [nokⁱ'si:stʃĩ] /nokisistʃĩ/ “minha perna”

4.1.4.1.7 O fonema /ʃ/

O fonema fricativo alveopalatal surdo /ʃ/ possui um único fone [ʃ], que ocorre na posição de *onset* e na posição de *coda*, mas nunca ocorre seguindo a vogal /i/.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- (118) a. [ʃapⁱ'letʃĩ] /ʃapiletʃĩ/ “grito”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- (119) a. [,mapⁱ'ʃahẽ] /mapiʃaha/ “noite”
 b. [hĩʃatu'kape] /hiʃatokape/ “ele apara, segura algo”
 c. [pi'ʃahẽ] /piʃaha/ “sua sobrancelha”
 d. [ra'ʃĩʃa] /raʃĩʃa/ “cérebro” “cérebro dele”

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (120) a. ['hĩtⁱʃĩ] /hitʃĩ/ “costas dele”
 b. ['hẽʃo] /haʃo/ “morcego”
 c. ['hĩʃa] /hiʃa/ “ele procura”

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

- (121) a. ['ha:ʃkə] /haʃka/ “ele morde”

Em posição de *coda* em sílaba medial:

(122) a. [p^hko'la:ʃʃi] /pikolaʃʃi/ “queixo de você”

4.1.4.1.8 O fonema /cç/

O fonema /cç/ possui um único fone [cç], que ocorre na posição de *onset* e sempre diante de /i/ ou /e/. Não ocorre em sílaba final.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(123) a. [,cçi'joçiri] /cçijoçiri/ “jacaré”
 b. [cçiw ç'i'ripi] /cçiw çiripi/ “cobra do jacaré”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(124) a. [,kisa'cçeri] /kisacçeri/ “traíra”

4.1.4.1.9 O fonema /ç/

O fonema /ç/ possui um único fone [ç], que ocorre na posição de *onset* e na posição de *coda*, sempre diante de /i/ ou /e/.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(125) a. [ç'i'mekə] /çimeka/ “macaxeira”
 b. [çime'rere] /çimerere/ “trabalhador”
 c. ['çi:ʃi] /çitʃi/ “pé”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(126) a. [ti'çire] /tiçira/ “aquele”
 b. [pi'çini] /piçini/ “espaço estreito”,
 c. [hĩ'çitʃi] /hiçitʃi/ “pé de vocês”
 d. [,notso'çeri] /notsoçeri/ “meu cotovelo”
 e. [hĩpi'çekə] /hipiçeka/ “ele explodiu”

Em posição de *onset* em sílaba final:

(127) a. [mĩ'niçe] /miniçe/ “não é aquilo”

- b. [ˈʃiçi] /ʃiçi/ “terra”
 c. [niçiʃi taˈtaçi] /niçiʃi tataçi/ “migalha”, “resto de comida”

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

- (128) a. [koçˈpa:kə] /koçpaka/ “tirar”
 b. [ˈno:çʃi] /noçʃi/ “pescoço”

4.1.4.1.10 O fonema /h/

O fonema fricativo glotal aspirado /h/ possui dois alofones: [h] e [h̥]. O alofone vozeado ocorre em posição de *onset*, sempre entre vogais. O alofone desvozeado ocorre entre vogais, em posição de *onset* de sílaba inicial e em posição de *coda*.

Exemplos:

[h̥] fricativo glotal sonoro.

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- (129) a. [piˈhaliʃi] /pihaliʃi/ “teu olho”
 b. [iˈhiʃi] /ihiʃi/ “dente”

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (130) a. [ˈhõhõ] /hoho/ “por cima”

[h] fricativo glotal surdo.

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- (131) a. [haˈwakə] /hawaka/ “ele sobe morro acima”
 b. [hĩˈahõni] /hiahoni/ “também”
 c. [haˈliʃe] /haliʃa/ “ele tem fé”, “pessoa de fé”
 d. [hẽˈsẽne] /hasana/ “roçado”
 e. [hĩˈahle] /hiahle/ “queixada”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- (132) a. [ˈhõhĩ] /hohi/ “dia”
 b. [hõmˈka:hĩ] /homkahi/ “ele continuou”, “ele seguiu”
 c. [pⁱhẽˈtɛ] /pihata/ “você inventa”

d. [,no'pahõne] /nopahone/ “minhas cuias”

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

(133) a. ['nĩhmɛ] /nihma/ “eu tropesei”

Em posição de *coda* em sílaba medial:

(134) a. [hõ'wĩhkɛ] /howĩhka/ “longe”

4.1.4.1.11 O fonema /r/

O fonema aproximante alvelar sonoro /r/ possui um único fone: [r], que se realiza em qualquer posição da palavra e com qualquer vogal, mas sempre na posição de *onset*. Não ocorre precedido de consoante nasal.

Exemplos:

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

(135) a. ['retɐ] /reta/ “ele viu”
 b. [risa'natẽnɛ] /risanatana/ “roçado deles”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(136) a. [pi'rikɛ] /pirika/ “de manhã”, “manhã”
 b. [çime'rere] /çimerere/ “trabalhador”
 c. [hẽ'saʃĩ'rikɛ] /hasaʃĩrika/ “ele é arredio”
 d. [hĩ'piro'takɛ] /hipirotaka/ “ele se virou”
 e. [hĩçi'rikɛ] /hiçirika/ “ele caiu”

Em posição de *onset* em sílaba final:

(137) a. [paj:'nɛri] /pajneri/ “outra pessoa”
 b. ['kaʃĩri] /kaʃĩri/ “espingarda”
 c. [ʧĩ're] /ʧĩra/ “lâmina, taboa”
 d. [p^h'sere] /pisere/ “algo engraçado”

4.1.4.1.12 O fonema /m/

O fonema /m/ possui só um fone [m], que ocorre em qualquer posição silábica em *onset* e em *coda*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|----------------------------|--------------|--------------------|
| (138) a. | ['mẽnaçi] | /manaçi/ | “fruta comestível” |
| b. | [,map ⁱ 'jahẽ] | /mapijaha/ | “noite” |
| c. | [mẽ'jokø] | /majoka/ | “latir” |
| d. | [mi'ta:ʃi] | /mitaʃi/ | “pele” |
| e. | [mihẽ'nokili] | /mihenokili/ | “onça” |

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|----------------|--------------|-------------|
| (139) a. | [çi'møkø] | /çimeka/ | “macaxeira” |
| b. | [ka'møø] | /kamoø/ | “pomba” |
| c. | [hĩ,mø'taʃiri] | /himetaʃiri/ | “bêbado” |

Em posição de *onset* em sílaba final:

- | | | | |
|----------|------------|----------|----------------|
| (140) a. | [hĩ'çẽ:mø] | /hiçema/ | “ele escultou” |
| b. | ['ĩmø] | /ima/ | “com” |

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|-------------|-----------|----------------|
| (141) a. | [hõm'ka:hĩ] | /homkahi/ | “ele continua” |
|----------|-------------|-----------|----------------|

Em posição de *coda* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|------------|-----------|-----------------------------|
| (142) a. | [hø'põmkø] | /hepomkø/ | “ele se curou da bebedeira” |
|----------|------------|-----------|-----------------------------|

4.1.4.1.13 O fonema /n/

O fonema nasal alveolar /n/ possui só um fone [n], que ocorre na posição de *onset* e em posição de *coda*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|------------|----------|----------|
| (143) a. | ['nĩhømø] | /nihama/ | “eu cai” |
|----------|------------|----------|----------|

- | | | | |
|----|------------|-----------|---------------------|
| b. | [na'ʃitʃa] | /naʃitʃa/ | “meu cérebro” |
| c. | [noj'hali] | /nojhali/ | “meu olho” |
| d. | [nõ'ʃahẽ] | /noʃaha/ | “minha sobrancelha” |

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|---------------|--------------|-----------|
| (144) a. | [hĩ'napəle] | /hinapale/ | “direção” |
| b. | [mihẽ'nokilĩ] | /mihenokilĩ/ | “onça” |

Em posição de *onset* em sílaba final:

- | | | | |
|----------|---------------|-------------|------------|
| (145) a. | [hĩ'afhõni] | /hiahoni/ | “e então?” |
| b. | [,hõj'etʃĩno] | /hojetʃĩno/ | “noite” |

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|--------------|------------|----------------|
| (146) a. | [tsĩn'di:çi] | /tsinliçi/ | “periquitinho” |
|----------|--------------|------------|----------------|

Em posição de *coda* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|----------------|------------|---------|
| (147) a. | [,tsa'pẽ:ntʃĩ] | /tsapanʃĩ/ | “bolsa” |
|----------|----------------|------------|---------|

4.1.4.1.14 O fonema /w/

O fonema aproximante labial /w/ possui dois alofones: [w] e [β]. O alofone fricativo labial ocorre sempre seguido de vogais /i/ e /e/. O alofone [w] ocorre nos demais ambientes, podendo ocorrer em posição de *coda* ou de *onset*.

Exemplos:

[β] o fricativo labial sonoro

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

- | | | | |
|----------|--------------|------------|-------------------|
| (148) a. | [βi'çiʃĩ] | /wiçiʃĩ/ | “nossos pés” |
| b. | [,βenũ'nahẽ] | /wenonaha/ | “margem”, “beira” |

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- | | | | |
|----------|----------------|--------------|-------------------|
| (149) a. | [,hẽβirẽ'pukẽ] | /hewirẽpoka/ | “ele chegou aqui” |
|----------|----------------|--------------|-------------------|

Em posição de *onset* em sílaba final:

(150) a. [ˈhɛwβi] /hewwi/ “aqui”

[w] aproximante labial sonoro

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(151) a. [ˈwale] /wale/ “ele”
 b. [ˈwakɐ] /waka/ “vaca”

Em posição de *onset* em sílaba final:

(152) a. [kaˈnawɐ] /kanawa/ “canoa”
 b. [makoˈkawa] /makokawa/ “nambu”
 c. [ˈsi:wɐ] /siwa/ “tamanduá”
 d. [noˈçi:wɐ] /noçiwa/ “minha cabeça”

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

(153) a. [ˈʃi:wɾɐ] /ʃiwɾe/ “arrepio”
 b. [ˈsɛwʃi] /sewʃi/ “pulga”

4.1.4.1.15 O fonema /j/

O fonema aproximante palatal /j/ tem um só fone [j], que pode ocorrer seja em posição de *onset*, seja em posição de *coda*.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(154) a. [jotiˈpakɐ] /jotipaka/ “levantar alguém”
 b. [joˈkẽ:ndi] /jokanli/ “através”

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(155) a. [mẽˈjokɐ] /majoka/ “latir”
 b. [seˈju:kɐ] /sejoka/ “nada mais”
 c. [poˈhaja ˈtẽ:ndi] /pohaja tanli/ “você alisa”

Em posição de *onset* em sílaba final:

(156) a. [ˈsejɔ] /sejo/ “mas”

Em posição de *coda* em sílaba inicial:

(157) a. [ˌmajˈʃakɐ] /majʃaka/ “erro”

Em posição de *coda* em sílaba final:

(158) a [ˈpoj] /poj/ “boi”

4.1.4.1.16 O fonema /l/

O fonema lateral alveolar /l/ possui um único fone [l], que ocorre em posição de *onset*. Nunca ocorre em início de palavra e nem precedido de consoantes nasais.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba medial:

- (159) a. [haˈliʃɐ] /haliʃa/ “ele tem fé”
 b. [ʃapˈiˌleʃi] /ʃapileʃi/ “grito”
 c. [ˈhalũɐ] /halona/ “ele está voando”
 d. [ˈhẽka pəˈlakɐ] /haka palaka/ “passar por cima”
 e. [kəlaˈtɛli] /kalatali/ “branco”

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (160) a. [hĩˈahle] /hiahle/ “queixada”
 b. [hĩˈnapɐle] /hinapale/ “direção”
 c. [ˈhẽmalĩ] /hamali/ “ele sente cheiro de algo”
 d. [mĩhẽˈnokili] /mĩhenokili/ “onça”
 e. [ˈwalɐ] /wala/ “ela”
 f. [ˈkĩhĩle] /kihile/ “bom”

4.1.4.2 Vogais

Todas as vogais Manxineru têm variedades fonéticas alongadas e variedades reduzidas, o que nos levou a classificar as suas respectivas realizações fonéticas de

monomoraicas, bimoraicas e reduzidas. As variedades fonéticas bimoraicas e reduzidas serão tratadas no final desta seção.

4.1.4.2.1 O fonema /i/

O fonema anterior alto não-arredondado /i/ possui três alofones monomoraicos, dois orais, [i], [ɪ], e um nasal [ĩ].

O alofone [ɪ] flutua com [i] em posição átona.

Exemplos:

- (161) a. [po'leɾɪ] ~ [po'leɾɪ] /poleri/ “verde”
 b. [hĩmi'hali] ~ [hĩmi'hali] /hĩmihali/ “ano”

O alofone [ĩ] ocorre precedendo consoantes nasais e, frequentemente, seguindo /h/em ambiente nasal.

- (162) a. [hĩçi'pa:tɐ] /hiçipata/ “ele saiu”
 b. [pi'ehĩ] /piehi/ “sua moradia”
 c. [ha'ʃĩnɐ] /haʃina/ “atrás”, “atrás deles”

O alofone [i] ocorre nos demais ambientes.

Exemplos:

- (163) a. [ĩ,popri'ka:tɪ] /hipoprikati/ “calmo”, “pessa acanhada”
 b. [pi'rikɐ] /pirika/ “de manhã”
 c. [pi'çĩni] /piçini/ “espaço “estreito”
 d. ['tiçire] /tiçira/ “aquele”
 e. ['nĩ:hĩ] /nihi/ “gordura”
 f. ['hĩtĩfi] /hitifi/ “costas”
 g. [ha'liʃɐ] /haliʃa/ “ele terminou”
 h. [ha'sikɐ] /hasika/ “ele corre”
 i. [,saʃi'rikɐ] /saʃirika/ “revolver”
 j. [,mũhũ'ʃĩri] /mohofiri/ “fumo”
 k. ['pẽ:ʃĩ] /paʃi/ “casa”
 l. [k³la'tali] /kalatali/ “branco”

4.1.4.2.2 O fonema /e/

O fonema /e/ tem três alofones monomoráicos, dois orais [e], [ɛ] e um nasal: [ẽ].

Exemplos:

O alofone [ɛ] varia livremente com [e] em sílabas tônicas:

- (164) a. [pi'sewatɛ] ~ [pi'sewatə] /pisewata/ “sua unha”
 b. [hĩni'ɛka] ~ [hĩni'eka] /hinieka/ “mutum”
 c. [kɛa'ʃĩhẽ pɛ'rɛrɛ] ~ [kɛa'ʃĩhẽ pɛ'rere] /keatʃiha perere/ “serração”

O alofone [ẽ] ocorre precedendo consoantes nasais e, frequentemente, seguindo [h]:

- (165) a. ['hẽhẽ] /hehe/ “sim”
 b. [hẽ.pahõ'nẽne] /hapahonene/ “cuias dele”
 c. [hĩ'çẽ:mɛ] /hiçema/ “ele ouviu”

4.1.4.2.3 O fonema /a/

O fonema /a/ tem quatro alofones monomoráicos [a], [ɐ], [ə] e [ã].

Exemplos:

Os alofones [ɐ] e [ə] variam livremente em sílabas átonas finais:

- (166) a. [hĩma'katɐ] ~ [hĩma'katə] /himakata/ “ele é capaz”
 b. [hẽkaho'akɐ] ~ [kaho'akə] /kahoaka/ “ele esperou”
 c. [hĩ'pa:kɐ] ~ [hĩ'pa:kə] /hipaka/ “ele deixou no chão”
 d. [hiʃĩkɐ'mapɐ] ~ [hiʃĩkə'mapə] /hiʃĩkamapa/ “estômago dele”

O alofone [ã] ocorre precedendo consoantes nasais e frequentemente seguindo /h/.

Seguindo /h/:

- (167) a. [hẽ'ka pa'lakɐ] /haka palaka/ “ele passou por cima”
 b. ['hĩpẽnɐ] /hipana/ “ele morreu”, “ânus dele”
 c. [ta'hẽnatʃĩ] /tahanatʃi/ “ombro”
 d. [ʃĩ'ʃĩpãhẽ] /ʃĩʃĩpiha/ “fumaça”

Precedendo consoante nasal:

- (168) a. ['hapẽ ni'tẽndĩ] /hapa nitanli/ “ele se vingou”

- b. ['hĩpẽnɛ] /hipana/ “ele morreu”, “ânus dele”

O alofone [a] ocorre nos demais ambientes:

- (169) a. [paj: 'nɛri] /pajneri/ “outra gente”
 b. ['wata] /wata/ “bambu”
 c. [hĩfatu 'kape] /hĩfatokape/ “ele aparou”, “segurou algo”
 d. [çĩ 'na:kuʃĩ] /çinakoʃĩ/ “ouvido”
 e. [is 'ta:ʃĩ] /istaʃĩ/ “tórax”
 f. [haha 'pitsa] /hahapiʃa/ “cipó”

4.1.4.2.4 O fonema /o/

O fonema /o/ possui quatro alofones orais monomoráicos, dois orais [o] e [u], e dois nasais, [õ] e [ũ].

Exemplos:

Os alofones [o] e [u] variam livremente:

- (170) a. [ha 'kotɛ] ~ [ha 'kutɛ] /hakota/ “ele auenta”, “algo afiado”
 b. [toj 'hale] ~ [tuj 'hale] /tojhale/ “olho dela”
 c. [to 'ko:tɛ] ~ [tu 'ku:tɛ] /tokota/ “queixo dela”

Os alofones [õ] e [ũ] ocorrem precedendo consoantes nasais ou, frequentemente, seguindo /h/. Estes dois alofones flutuam livremente.

Exemplos:

- (171) a. [hõ 'ap^ora] ~ [hũ 'ap^ora] /hoapara/ “corujão”
 b. ['hõpⁱʃĩ] ~ ['hũpⁱʃĩ] /hopiʃĩ/ “pato”
 c. ['põndo] ~ ['pũndo] /ponlo/ “centopeia”
 d. [pa 'hõne] ~ [pa 'hũne] /pahone/ “tua cuia”, “cuia de você”
 e. ['hõhĩ] ~ ['hũhĩ] /hohi/ “dia”

Observamos que a palavra para boi, que é empréstimo do Português, nunca ocorre com o alofone [u]:

- (172) a. ['poj] /poj/ “boi”

4.1.4.2.5 O fonema /i/

O fonema /i/ possui cinco alofones, três monomoraicos, dois orais [i] e [ɨ], e um nasal [ĩ], um bimoraico e um reduzido. Como já mencionado anteriormente, trataremos das vogais reduzidas e alongadas no final desta seção.

O alofone nasal ocorre precedendo consoantes nasais e, frequentemente, seguindo [h]. O alofone [ɨ] flutua livremente com [i] em final de palavra. O alofone [i] ocorre nos demais ambientes.

Exemplos:

O alofone [ĩ]:

- (173) a. [fĩ'miri ha'letɔ] /tĩmiri haleta/ “ela pisca”
 b. [mĩn'tiri] /mĩntiri/ “criança”

Os alofones [ɨ] ~ [i]:

- (174) a. [po,ʃua'kisurɨ] ~ [po,ʃua'kisuri] /poʃoakisori/ “cana”
 b. [mĩn'tiri] ~ [mĩn'tiri] /mintiri/ “criança”

O alofone [i]:

- (175) a. ['so:tĩli] /sotĩli/ “pedra”
 b. [,nija'niʃi] /nijaniʃi/ “eu despedi”
 c. [mĩn'tiri] /mĩntiri/ “criança”

4.1.4.2.6 Realizações bimoraicas

Quando há em Manxineru concatenação morfológica envolvendo certos morfemas, o acento se desloca para a sílaba seguinte. A vogal desta sílaba ocorre então alongada.

Exemplos:

- (176) a. [mẽ'ʃi:re] /maʃira/ “macaco preto”
 b. [no-maʃi'ra:-te] /nomatsirate/ “meu macaco preto”
 c. ['nõ:n-dĩ] /nonli/ “minha língua”

d. [ĩn-'di:-tʃĩ] /inliʃĩ/ “língua”

4.1.4.2.7 Realizações reduzidas das vogais

Em Manxineru, em temas com acento na penúltima sílaba, quando há concatenação morfológica envolvendo certos afixos, como o sufixo retrospectivo *-fi*, o qual não provoca deslocamento de acento, a vogal da sílaba pós-tônica final do tema é automaticamente reduzida.

Exemplos:

- (177) a. [hĩ-tʃĩka'mapa] /hiʃĩkamapa/ “estômago parte do corpo”
 b. [hĩ-tʃĩka'map^o-tʃĩ] /hiʃĩkamapaʃĩ/ “estômago fora do corpo”

Quando há deslocamento de acento, é a vogal da sílaba inicial que é reduzida.

Exemplos:

- (178) a. ['kĩ:nɛ] /kina/ “macaco capelão”
 b. [nⁱ-kĩ'na:-te] /nikinate/ “meu macaco capelão”

Vogais pretônicas também são reduzidas, como nos casos de vogais de prefixos pessoais, quando esses prefixos se combinam com temas com acento na segunda sílaba, da esquerda para a direita.

Exemplos:

- (179) a. ['pahõ] /paho/ “cuiã”
 b. [t^o-pa'hõ-ne] /topahone/ “cuias dela”

Há casos em que o tema original já apresenta vogais reduzidas.

Exemplos:

- (180) a. [m^hhe'nok^hlu] /muhenokolo/ “onça”
 b. [t^o'lolo] /tololo/ “sapo”

4.1.4.2.8 Ensurdimento vocálico em sílaba átona final

Verificamos que as vogais monomoraicas [a, i, ɨ, o] variam livremente com as surdas [ã, ɨ̃, ɨ̃, ɔ̃] em posição átona de sílabas finais.

Exemplos:

- (181) a. [rat^ola'lat̚] ~ [rat^ola'lat̚] /ratalalata/ “ele queimou”

- b. [pi'haliʃĩ] ~ [pi'haliʃi] /pihaliʃi/ “teu olho”
- c. [haw'rakilĩ] ~ [haw'rakili] /hawrakili/ “raio”
- d. [,hĩçi'ripito] ~ [,hĩçi'ripito] /hiçiripito/ “ponta”

4.1.4.2.9 Adaptações fonológicas pelo Manxineru de empréstimos do Português: breves considerações

Verificamos que os empréstimos do Português no Manxineru podem ajudar a entender aspectos da sua fonologia. Em seguida, apresentamos algumas observações sobre as adaptações fonológicas feitas pelos Manxineru com respeito a empréstimos dessa língua:

i) ['set^oro] (do Português “cedro”) nos mostra que não existe em Manxineru fonema oclusiva vozeada /d/, pois o /d/ do Português é substituído por /t/;

ii) ['seʃka] (do Português “cerca”) demonstra que a língua Manxineru não permite sequências como *CVC.CV*, onde a *coda* da primeira seja /h/ e o *onset* da segunda seja uma obstruinte;

iii) ['waka] (do Português “vaca”) confirma o caráter consonantal de /w/, em *onset*;

iv) ['poj] (do Português “boi”) reafirma que o /j/ pode ocorrer em posição de *coda*. Esse exemplo mostra ainda que não existe consoante oclusiva bilabial vozeada /b/, já que é substituída por /p/.

CAPÍTULO V

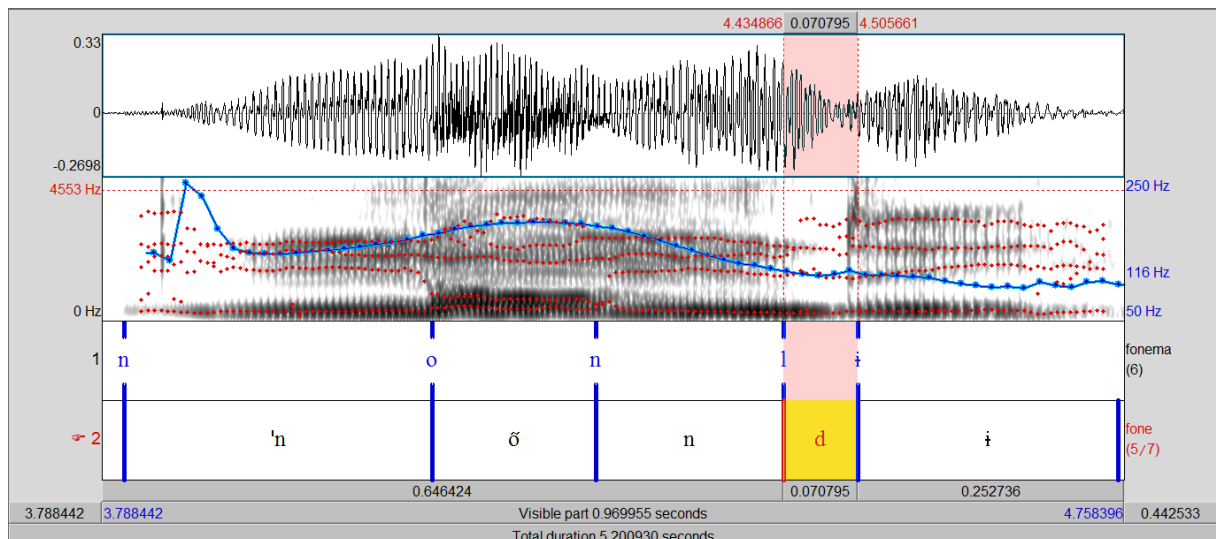
5. PROPAGAÇÃO¹⁷ DOS TRAÇOS: DESSOANTIZAÇÃO, VOZEAMENTO E NASALIDADE

Neste capítulo tratamos dos processos de dessoantização, nasalização, vozeamento e formação de aparentes grupos consonantais com concomitante redução vocálica, que ocorrem na língua Manxineru. Esses fenômenos juntos fazem dessa língua uma língua única no sub-ramo da família Aruák a que pertence. O processo de dessoantização é restrito a lateral /l/ e será tratado na seção 5.1; o processo de vozeamento será tratado nas seções 5.2 e 5.3; os processos de nasalidade são tratados na seção 5.3; e os processos de redução vocálica que podem eventualmente resultar em formação de grupos consonantais serão tratados na seção 5.4.

5.1 DESSOANTIZAÇÃO¹⁸

Em Manxineru o fonema /l/, quando precedido de /n/, sofre um processo de dessoantização, realizando-se como [d], como mostram os seguintes exemplos:

(182) ['nõ:ndi] /nonli/ “minha língua”

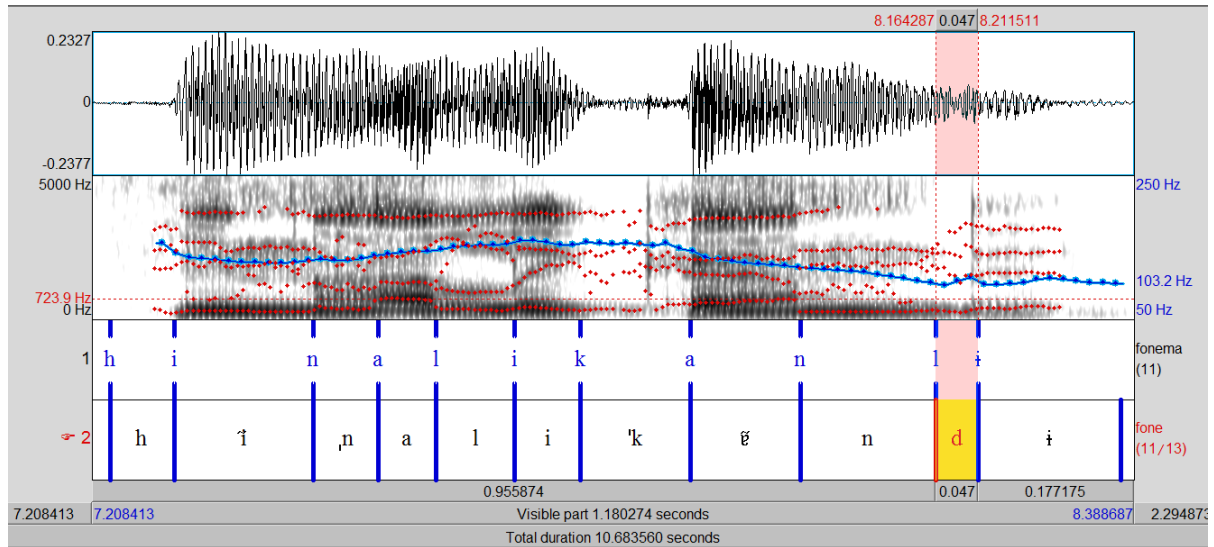


Espectrograma 1¹⁹ — Processo de dessoantização do /l/ na palavra ['nõ:ndi]

¹⁷ Estamos adotando, para esta dissertação, a terminologia “propagação” em lugar de “espraiamento” (terminologia utilizada pela teoria autosssegmental, adaptado do inglês “*spreading*”) e/ou espalhamento.

¹⁸ Adotamos o termo “dessoantização” para o fenômeno da língua Manxineru em que o /l/, que é +soante, se realiza como [d], que é –soante, quando precedido por /n/.

(183) [hĩːnaliˈkẽːndĩ] /hinali kanli/ “eu não quero”



Espectrograma 2 — Processo de dessoantização do /l/ na palavra [hĩːnaliˈkẽːndĩ]

Matteson (1965), que trata o fonema /l/ do Piro enquanto flepe, assume que /l/ nunca é precedido pela continuante sonora /n/ e que /l/ e /r/ formam a classe de flepes na língua. Observa ainda que nem /l/ precede /r/ nem /r/ precede /l/ (*op. cit.*, p. 46).

Hanson (2010, p. 16) trata /r/ e /l/ da variedade Piro como pertencente à classe das líquidas, análise que também havíamos assumido independentemente em nosso estudo da variedade Manxineru. Hanson faz considerações relevantes sobre características distribucionais dos fonemas /r/ e /l/, que merecem ser postas em destaque:

However, the contrast between the lateral and rhotic is neutralized to /r/ following the vowels /i/, /e/, and /i/; and following /n/, the segment surfaces as a voiced alveolar stop [d]. This neutralization has a significant impact in the morphology because of the relatively large number of suffixes that begin with /l/; [...] The liquids are also the only class of consonants that are restricted in their distribution within the phonological or grammatical word. Setting aside obvious loanwords (such as *lapi* ‘pen, pencil’ from Spanish *lapiz*), the lateral never occurs word-initially, and the rhotic only does so as a 3SGM / 3PL pronominal prefix. Neither is attested root-initially, but affixes beginning with both are attested. (HANSON, 2010, p. 23).

Em nossa análise, consideramos /r/ e /l/ fonemas distintos em Manxineru, mas pertencentes à mesma classe das líquidas. Em Manxineru, diferentemente do Piro (Yine), o

¹⁹ Nos espectrogramas, o primeiro nível mostra a transcrição fonológica e o segundo nível mostra a transcrição fonética.

fonema /l/ ocorre seguido de /e/, como em *kihilerĩ* “(é) bonito”, assim como seguindo /ĩ/, como em *kapiřfulĩ* “sujo, sujeira”.

Ao analisarmos /l/ e /r/ em Manxineru como pertencentes à classe de líquidas, consideramos o fato de que ambos sofrem o processo de dessoantização antes de n, um processo compartilhado apenas por esses dois fonemas. Consideramos também o fato de que tipos comuns de laterais têm sido agrupados junto com os róticos sob o nome de líquidas, como observam Ladefoged e Maddieson (2006, p. 183). Segundo esses autores, laterais e róticos são agrupados juntos porque compartilham similaridades fonéticas e fonológicas. Assim, eles estão entre as consoantes foneticamente mais sonoras das consoantes orais. Os autores também ressaltam que as líquidas frequentemente formam uma classe especial na fonotática das línguas por apresentarem grande liberdade de ocorrência em grupos consonantais (*op. cit.*, p. 182)

Retornando ao processo de dessoantização que sofrem /r/ e /l/ na língua, o fato de que esse fenômeno ocorre apenas depois de /n/ e não depois de /m/, revela que o traço coronal da consoante nasal é fundamental para que o processo ocorra. Considerando esses fatos sobre o processo de dessoantização das consoantes /l/ e /r/, formulamos a seguinte regra:

[+líquida +soante] → [oclusiva] / [+nasal], [+coronal] ____

Exemplos:

- | | | | |
|----------|------------------|-------------|----------------------------|
| (184) a. | ['nõ:ndĩ] | /nonli/ | “minha língua” |
| b. | [,hĩ'řĩ:ndo] | /hiřĩnlo/ | “ele disse a ela” |
| c. | [,hapẽ'nẽ:ndĩ] | /hapaneni/ | “ele descansa” |
| d. | [,piřa'kũ:ndĩ] | /piřakonli/ | “você toma algo de alguém” |

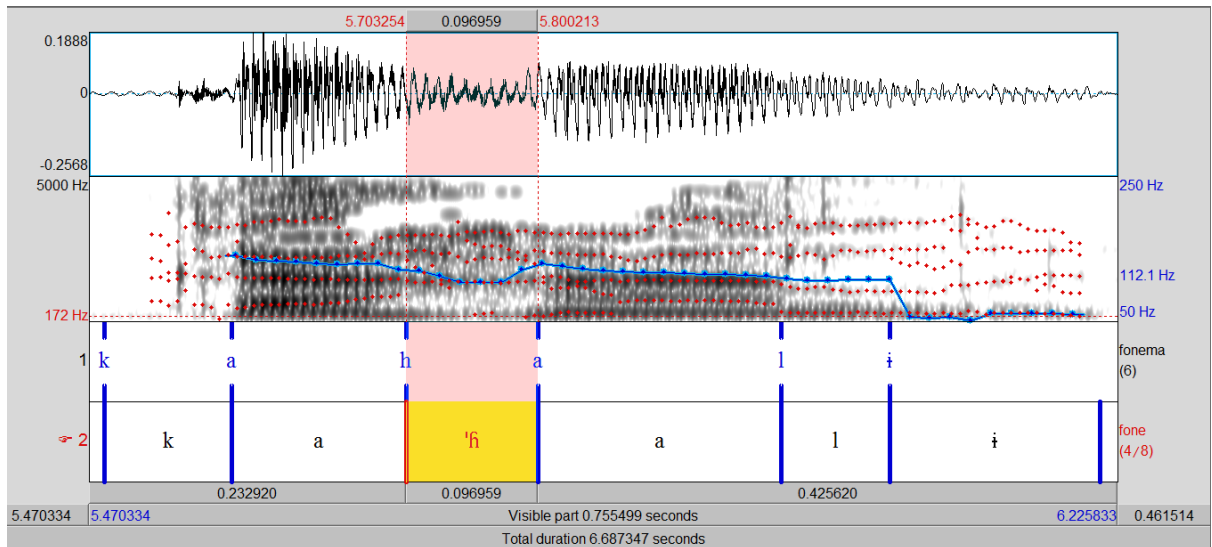
5.2 O VOZEAMENTO DO /h/

Em Manxineru, a consoante fricativa /h/ pode se tornar mais sonora entre vogais. Apresentamos, em seguida, alguns espectrogramas que evidenciam esse processo assimilativo:

(185) [ka'fia:li]

/kahali/

“líquido”

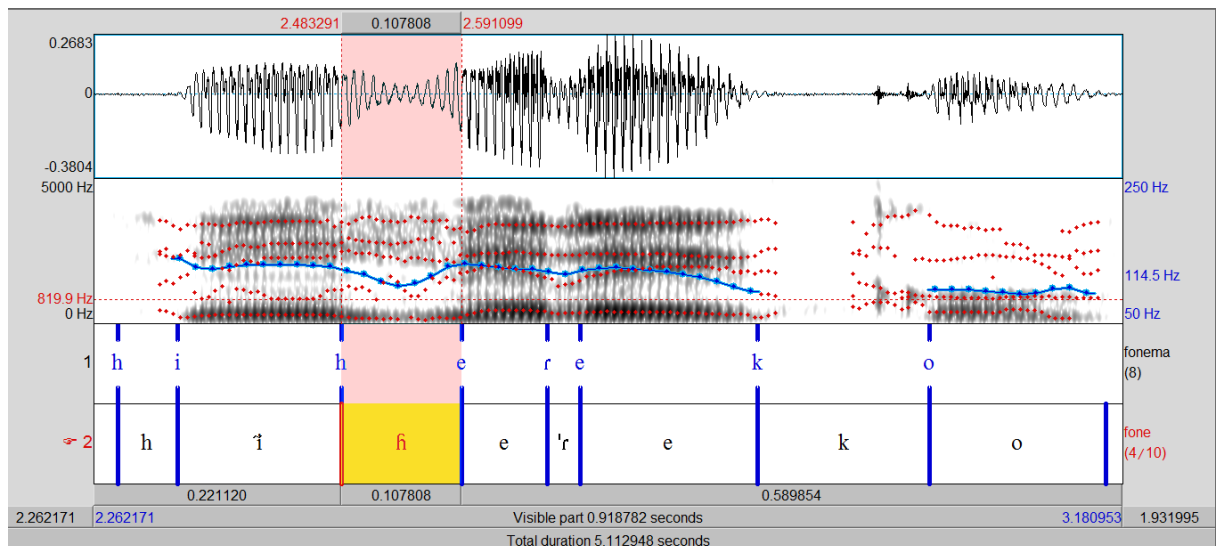


Espectrograma 3 — Processo de vozeamento do /h/ na palavra [ka'fia:li]

(186) [,hĩfe'reko]

/hihereko/

“ele está dentro”

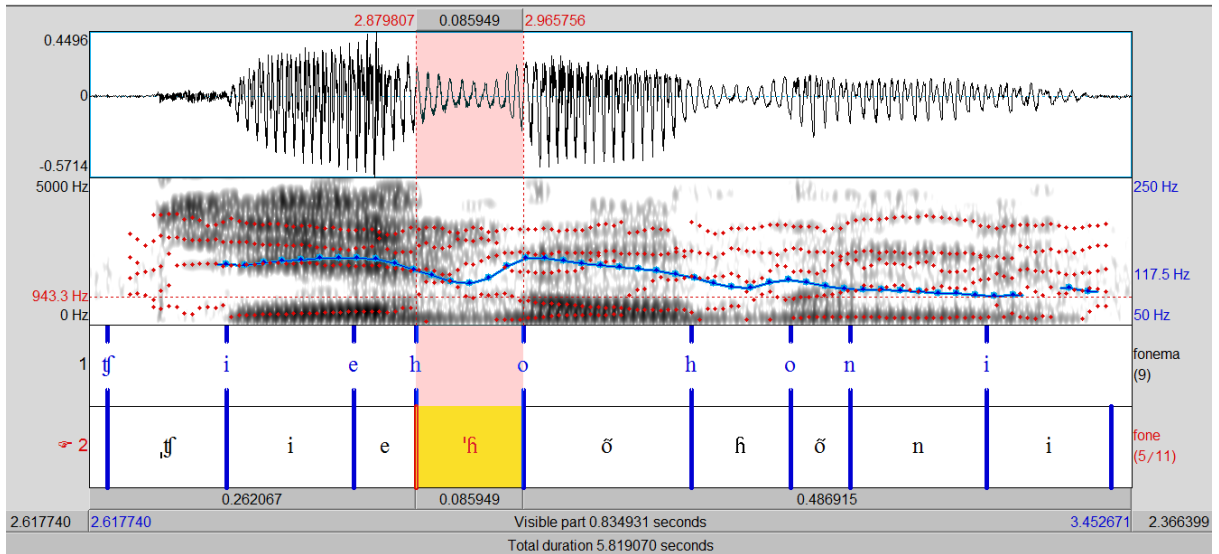


Espectrograma 4 — Processo de vozeamento do /h/ na palavra [,hĩfe'reko]

(187) [ˌtʃieˈhõhõni]

/tʃiehohoni/

“hoje”



Espectrograma 5 — Processo de vozeamento do /h/ na palavra [ˌtʃieˈhõhõni]

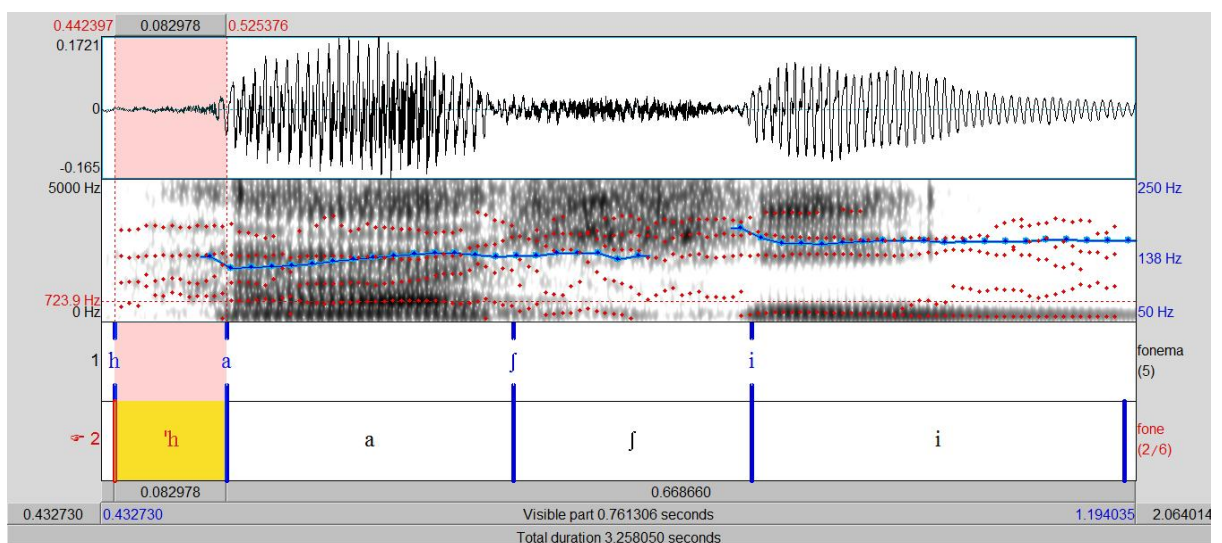
A sonorização da fricativa glotal não foi reportada em trabalhos precedentes sobre a fonologia Manxineru, mas é um processo recorrente nessa língua, embora a variedade surda tenha uma carga funcional maior, principalmente em início de palavra, mas também em contexto intervocálico, do que a variedade sonora.

Exemplos:

(188) [ˈha:ʃi]

/haʃi/

“coração”

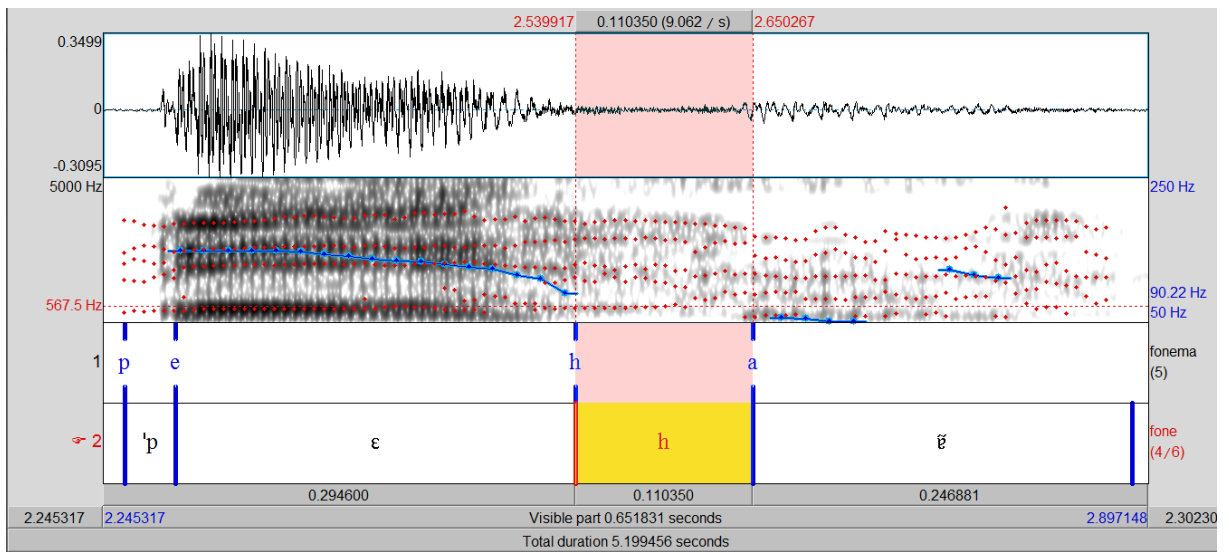


Espectrograma 6 — Exemplo do /h/ em realização surda na palavra [ˈha:ʃi]

(189) ['pe:hẽ]

/peha/

“gaivota”



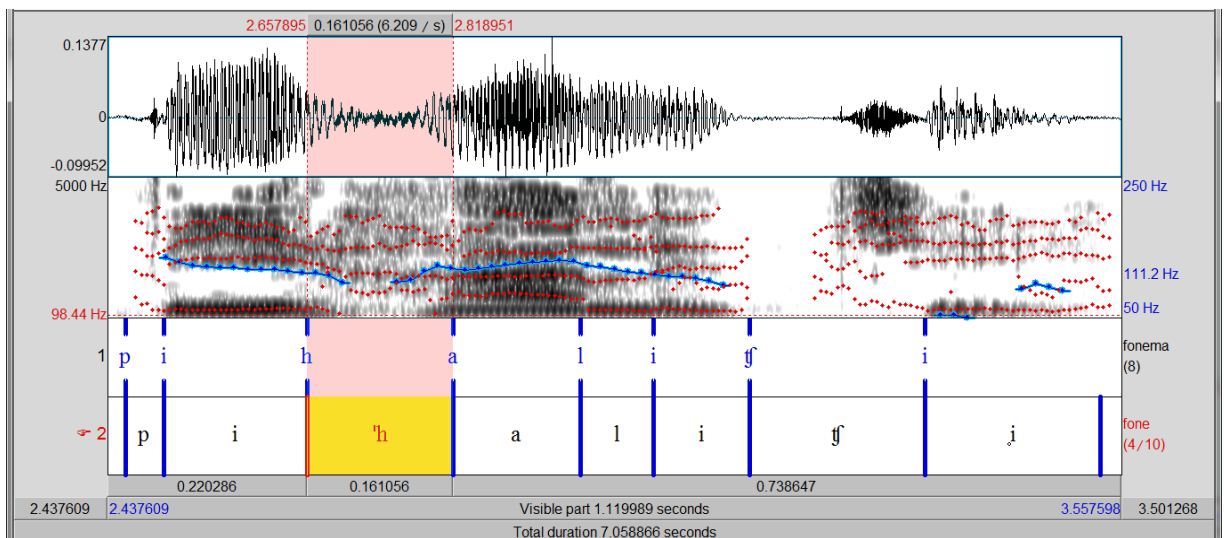
Espectrograma 7 — Exemplo do /h/ em realização surda na palavra ['pe:hẽ]

Ressaltamos que, embora o fonema /h/ seja fonte de nasalidade vocálica em Manxineru, como mostraremos na seção seguinte, nem toda realização surda da fricativa glotal funciona como fonte de nasalidade, como mostram os exemplos seguintes:

(190) [pi'haliʃĩ]

/pihaliʃi/

“teu olho”

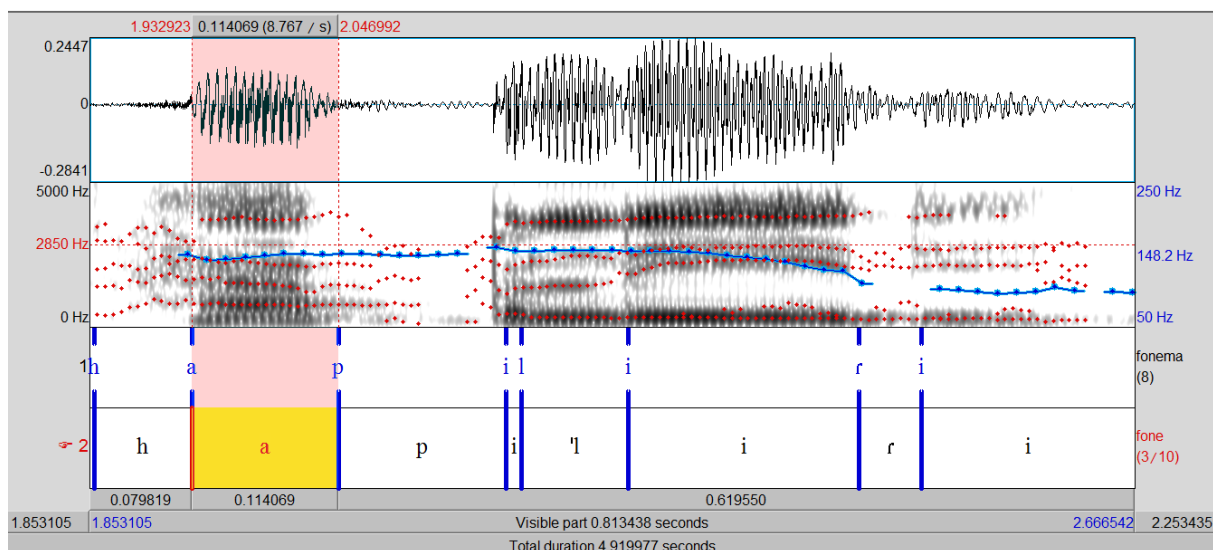


Espectrograma 8 — Exemplo de vogal oral diante do /h/ na palavra [pi'haliʃĩ]

(191) [hapⁱliri]

/hapiliri/

“ele vomita”

Espectrograma 9 — Exemplo de vogal oral diante do /h/ na palavra [hapⁱliri]

Na nossa análise, verificamos que, diferentemente de algumas línguas da família Aruák, como Apurinã, para a qual é descrito um contraste entre vogais orais e nasais - 5 vogais orais e 5 nasais – (cf. FACUNDES, 2000), na língua Manxineru não há esse tipo de contraste. Verificamos também que em Manxineru além das nasais /m/ e /n/, a fricativa glotal /h/ é também fonte de nasalidade.

Conceber um som como o som [h] como um acionador de nasalidade pode suscitar dúvidas, visto que não é um elemento classificado naturalmente com traço [+nasal]. O que poderia então levar um som fricativo surdo a acionar um processo de propagação de nasalidade?

Rodrigues, em seu artigo, “Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras” (2003, p. 12) propõe que o silêncio, enquanto ausência de sons ou ruídos produzidos pelo aparelho fonador, é acusticamente nulo e pode ser considerado articulatoriamente neutro. Entretanto, a postura neutra do aparelho fonador coincide, necessariamente, com o abaixamento do véu palatino. Com a postura própria da nasalidade, isto é, da produção de ressonância nasal: o véu palatino fica abaixado para permitir a respiração normal através da cavidade nasal. Uma consequência desse fato, segundo Rodrigues, com base em Brosnahan e Malmberg (1970, p. 69-71), é que, quando em qualquer língua vai-se proferir um enunciado que deva iniciar-se por um som não nasal, uma das primeiras articulações a ser acionada é a que levanta o véu palatino; analogamente, quando se acaba de emitir um enunciado terminado em um som nasal, tem-se de abaixar o véu palatino.

Rodrigues observa sobre a língua Baré, uma língua também Aruák, como o Manxineru, o seguinte:

Em Baré (família Aruak) a situação é praticamente a mesma observada no sueste da Asia, apenas mais reduzida, já que nesta língua não há sílabas começadas por oclusiva glotal. Também não há vogais intrinsecamente nasais, mas nas sílabas finais constituídas por fricativa glotal e vogal, esta, aparentemente com qualquer qualidade, é nasalizada.

(RODRIGUES, 2003, p. 18)

Pode-se observar que existem alguns fatores como: pausa, silêncio e realizações na laringe que propiciam, ou pelo menos influenciam, a nasalização de sons não nasais.

É natural da articulação da fricativa glotal [h] que a laringe esteja relaxada. Na língua Manxineru, esse relaxamento pode naturalmente ir além da região laríngea e expandir-se pela região supra-laríngea, propiciando o abaixamento do véu palatino, acionando, assim, a propagação de nasalidade para os sons vocálicos imediatamente seguintes. Essa poderia ser uma explicação factível para o acionamento de propagação de nasalidade para os sons vocálicos que seguem a fricativa laríngea surda em Manxineru.

5.3 A PROPAGAÇÃO DE NASALIDADE EM MANXINERU

Apresentamos, nesta seção, uma análise dos segmentos [h] e [h̃] do Manxineru como fonte de nasalidade, ou melhor, como propagadores do traço [+nasal] para elementos [+vocálico –nasal]²⁰ (cf. RODRIGUES, 1993; BROSNAHAN & MALMBERG, 1970; LADEFOGED & MADDIESON, 1995).

Sobre a nasalização de vogais seguindo /h/, Matteson (1995) chega a dizer que: “A nasalização é mais marcada seguida de /h/” (1965: p. 26). Silva não aponta nada sobre esse fenômeno, mas Sebastián (2006) e Hanson (2010) postulam a existência de um fonema /h̃/. Esta última análise é problemática, pois dificulta uma explicação para o fato de que /h/ pode não nasalizar as vogais seguintes. Por essa razão tratamos o fonema /h/ como uma fonte de nasalidade potencial, mas evitaremos tratá-lo como um fonema nasal.

Apresentamos, em seguida, a formalização do processo de propagação de nasalidade da fricativa glotal para as vogais:

²⁰ Os traços distintivos que utilizamos nesta dissertação são baseados na teoria gerativa sobre a propriedade distintiva dos sons. Essa teoria assume que segmentos, isto é, consoantes e vogais, possam ser decompostas em unidades menores, as quais são denominadas de traços distintivos, que expressam características específicas dos sons, sejam elas acústicas ou articulatórias. Essa teoria é contemplada na obra: *The Sound Pattern of English* (SPE) de Chomsky e Halle (1968).

[–nasal, +silábico] → [+nasal] / [+laríngeo] ____

Exemplos de nasalização da vogal /a/ seguindo de /h/:

- (192) a. [kⁱ'tɛhẽʃi] /kitehaʃi/ “lágrima”
 b. [ha'hẽ:mtɛ] /hahamta/ “embira”
 c. [hẽni'kaçi] /hanikaçi/ “meio”

Exemplos de nasalização da vogal /i/ seguido de /h/:

- (193) a. [rõfi'tat^okɛ] /rohitataka/ “amanhecer”
 b. [hi'wakili] /hiwakili/ “ele apagou algo”
 c. ['hĩmẽnɛ] /himana/ “cobra”
 d. ['hĩke] /hike/ “não”

Exemplos de nasalização da vogal /o/ seguido de /h/:

- (194) a. ['jahõt^o'kakili] /jahotakakili/ “ele brigou”
 b. [hõnẽ'nafo] /honanaho/ “sede”
 c. [hõa'wakeli] /hoawakali/ “mordida”
 d. [hõ'sẽ:nɛ] /hosana/ “roçado”
 e. [u,pahũ'nẽne] /opahonene/ “nossas cuias”
 f. [,mũhũ'ʃiri] /mohoʃiri/ “fumo”
 g. [hũ,sa fi'rikili] /hosaʃirikili/ “curva”

Exemplos de nasalização da vogal /e/ precedido de /h/:

- (195) a. [pi'ehi] /piehi/ “você tem”
 b. ['hẽkⁱʃi] /hekⁱʃi/ “camarão”
 c. ['hẽpⁱʃi] /hepⁱʃi/ “machado”
 d. ['hẽhẽ] /hehe/ “sim”

Exemplos de nasalização da vogal /i/ precedido de /h/:

- (196) a. ['wa:pahi] /wapahi/ “algodão”
 b. [hiɛ,hi'nẽku] /hiehinako/ “novamente”
 c. ['hi po'nikuli] /hiponikoli/ “sem gosto”

Os exemplos apresentados até aqui evidenciam o processo de nasalização acionado e/ou propagado pela fricativa glotal /h/ em Manxineru.

5.3.1 /n/ e /m/ como propagadores de nasalidade vocálica

Na língua Manxineru /m/ e /n/ podem nasalizar vogais que o precedem.

[–nasal, +silábico] → [+nasal] / ____ [+nasal]

- (197) a. [hĩ'nẽmɐ] /hinama/ “boca dele”
 b. [tʃĩ'ẽni no'nẽmɐ] /tʃieni nonama/ “isto é minha boca”
 c. [u,pafũ'nẽne] /opahonene/ “nossas cuias”

5.4 REDUÇÃO VOCÁLICA

Nesta seção, trataremos do processo de redução vocálica ativo na Língua Manxineru, o qual cria aparentes encontros/grupos consonantais. Trata-se de um processo intrinsecamente condicionado. Concordamos com Lin (1997, 1997.a), segundo o qual, o que analisamos de redução vocálica e que ele chama de grupos consonantais é um processo morfofonológico que afeta a estrutura fonológica das palavras Manxineru.

O primeiro trabalho mais aprofundado sobre esse fenômeno foi de autoria de Yen-Hwei Lin (1997). Este autor examina como as estruturas silábicas e moraicais interagem com o apagamento de segmentos com alongamento compensatório em Piro. Ele propõe que a sílaba, em Piro, constitui-se apenas de consoante + vogal, enquanto que outras consoantes são extrassilábicas, embora moraicais, e defende ainda que o apagamento de vogais é bloqueado pela restrição motivada pela boa formação prosódica, e que o alongamento compensatório é um fenômeno de compensação moraicais.

Lin (1997) observou que Matteson (1965) foi a primeira a descrever grupos consonantais para o Piro. Observa que a autora propõe que o Piro permite até três consoantes em posição de *onset*, formando os padrões C₁V, C₁C₂V e C₁C₂C₃V, os quais ocorrem no início da palavra.

Para Lin (1987, 1987a), a distribuição de grupos de três consoantes é resultado de concatenações morfológicas que envolvem afixos monoconsonantais (LIN, 1997, p. 405):

Exemplos:

- a. n-knoyate → nkno.ya.te “my turtle”

my-turtle

- b. hasuka+m+ta+kaka- → ha.su.ka.mtka.ka 'cause to run'
to flee-TRANSITORY-THEME CLOSURE-CAUSATIVE

Segundo Lin (1987, 1983 e 1997b), não existe restrição de sonoridade na combinação de consoantes em Piro (LIN, 1997, p. 405):

Exemplos:

a. tpa	“curve”	pto	“... ‘s group”
b. mwenutu	“cheap”	wmahatya	“we lack”
c. wyoptota	“we receive”	ywalitxa	“hip”
d. ksu	“tube”	skota	“lower abdomen”
e. tmennu	“flaw”	mtenotu	“short”
f. smota	“blunt point”	msa	“empty corn cob”
g. nnika	“I eat”	wwuhene	“our child”

Para Lin (1997b), as exceções da liberdade de agrupamento consonantal são combinações de obstruentes que são similares em ponto e em modo de articulação (LIN, 1997, p. 405)

Exemplos:

- a. *rr, *rl, *ll, *lr, *nl
- b. *pp, *tt, *kk, t-ts, *t-ts', *t-tx
- c. *fricative-fricative
- d. *affricate-affricate
- e. *ts-s, *ts-s'', *ts-x, *ts'-s, ts s
- f. x-ts) *x-ts

Lin (1997), baseado em Pike (1958) e em Matteson (1965, p. 129-134), ressalta que o importante da estrutura silábica em Piro é que toda consoante que não esteja em posição pré-vocálica emerja ou como uma consoante silábica ou tenha que ser seguida de uma vogal epentética muito curta.

Lin deixa claro que Matteson considera que a silabidade de consoantes é diferente de vogais fonêmicas. Para Lin (*op. cit.*), as consoantes silábicas do Piro não

constituem *peak* silábicos fonológicos, uma vez que eles nunca são sensíveis a processos fonológicos relacionados à sílaba. Lin conclui que, o que é descrito como consoante silábica para o Piro, seria melhor tratado como um fenômeno fonético.

Lin explica que a criação de grupos consonantais em Piro é na verdade a descrição do apagamento vocálico em fronteiras de morfemas: (LIN, 1997, p. 406)

a. Boundary Vowel Deletion (BVD)

$V \rightarrow \emptyset / ______] \text{ stem} +$

Então, Lin descreve duas restrições para o acionamento deste processo: uma é que alguns sufixos não acionam esse apagamento, e outra é que existe uma condição fonológica que proíbe a criação de grupos com três consoantes. Ao tratar o fenômeno em uma abordagem da morfologia cíclica, propõe que o apagamento vocálico se aplica no menor domínio morfológico e fonológico, antes de seguir para o próximo domínio maior. (LIN, 1997, p. 407)

Exemplos:

- | | | |
|----|------------------------|---------------------|
| a. | koko + yma + ru + NE | 'those with uncles' |
| | uncle-with-ENTITY-PL | |
| | cycle 1 koko + yma | → kokoyma |
| | cycle 2 kokoyma + ru | → kokoymaru |
| | cycle 3 kokoymaru + NE | → kokoymarune |
| b. | nika + ya + waka + lu | 'to eat it there' |
| | to eat-LOC-place-it | |
| | cycle 1 nika + ya | → nikya |
| | cycle 2 nikya + waka | → nikyawaka |
| | cycle 3 nikyawaka + lu | → nikyawaklu |

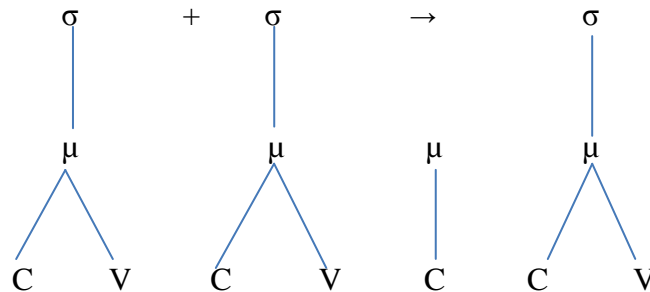
Lin (*op. cit.*) explica que em (7a) BVD é bloqueado nos primeiro e segundo ciclos para evitar a criação de um grupo consonantal com três consoantes; nenhuma vogal é eliminada no último ciclo porque /ne/ não aciona BVD. Em (7b) a vogal final do radical /nika / é suprimida, e o encontro consonantal derivado [ky] tem o efeito de bloqueio BVD no segundo ciclo. Em se tratando de regra da fonologia Generativa, bloqueio deste tipo é usualmente atribuído a restrições de derivações de sílabas bem-formadas (cf. KISSEBERTH, 1970a, b). No entanto, numa consideração tradicional derivacional, onde as restrições são

invioláveis, é um mistério o fato de haver uma restrição contra tais grupos que, se aglomerados, formam grupos com três consoantes permissíveis.

Lin, ao analisar os dados do Piro, assume a distinção entre componentes lexicais e pós-lexicais com base na Fonologia Léxical (cf. KIPARSKY, 1982, 1985; MOHANAN 1986). Lin segue também a fonologia moraica (HYMAN, 1985; McCARTHY & PRINCE, 1986; HAYES 1989; ZEC, 1994), que classifica segmentos moraicos e não moraicos, como mostra o exemplo:

(LIN, 1997, p. 411)

a.



Lin (1997b, p. 713) propõe que o Piro tem um padrão silábico C_1V , e permite consoantes moraicas extrassilábicas. E assim, ele oferece uma abordagem OT (cf. PRINCE'S & SMOLENSKY, 1993; McCARTHY & PRINCE, 1993a, b, 1995) da estrutura prosódica do Piro.

Segundo Lin (idem), se Piro tem apenas CV e permite consoantes moraicas não ressilabificadas, nenhuma restrição de sonoridade é violada. E CL torna-se, nessa língua, uma consequência natural da conservação moraica. Por outro lado, Lin observa o fato de que a silabificação fonética dessas consoantes flutua enormemente e levanta questões sobre a necessidade de conceber essas consoantes como pertencentes à sílaba precedente ou seguinte. Dessa forma para Lin, seria melhor tratá-las como consoantes extrassilábicas.

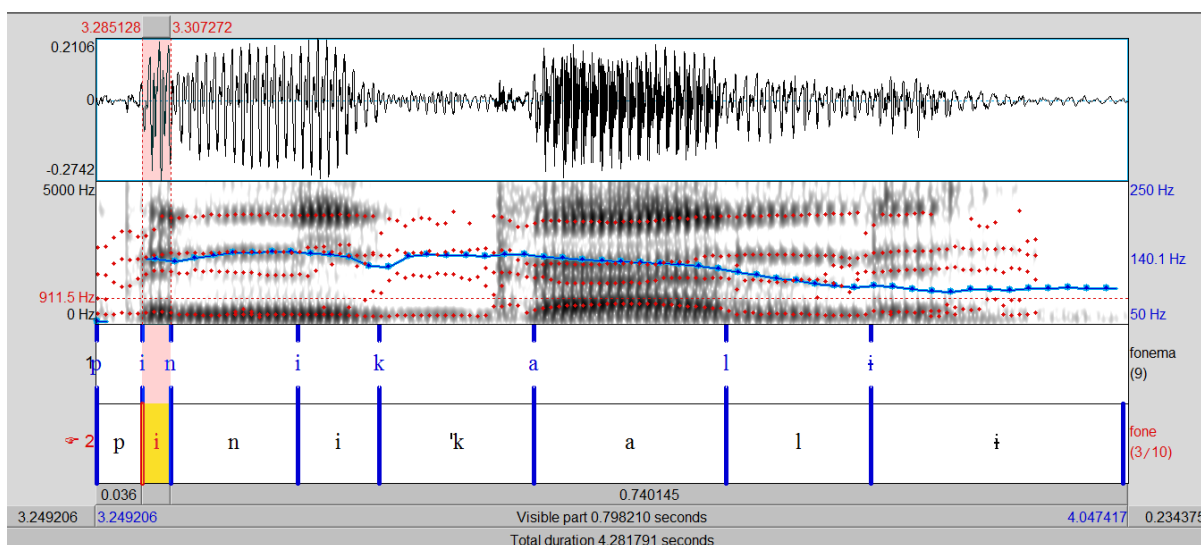
Lin (1997) conclui que a solução encontrada para os grupos consonantais seria tratar essas consoantes como extrassilábicas. Também, segundo ele, como as consoantes foneticamente silábicas são moraicas, mas independentes do grupo silábico, nenhuma sílaba defeituosa é criada.

Na presente dissertação, lançamos mão de espectrogramas para verificar a existência ou não de grupos consonantais na língua. Apresentamos em seguida, alguns exemplos que mostram claramente que o que tem sido analisado como grupos consonantais são, na realidade, sílabas que tiveram suas vogais reduzidas em decorrência de concatenações morfológicas e/ou fatores puramente prosódicos.

Apresentamos, em seguida, alguns exemplos que ilustram as reduções vocálicas na língua Manxineru.

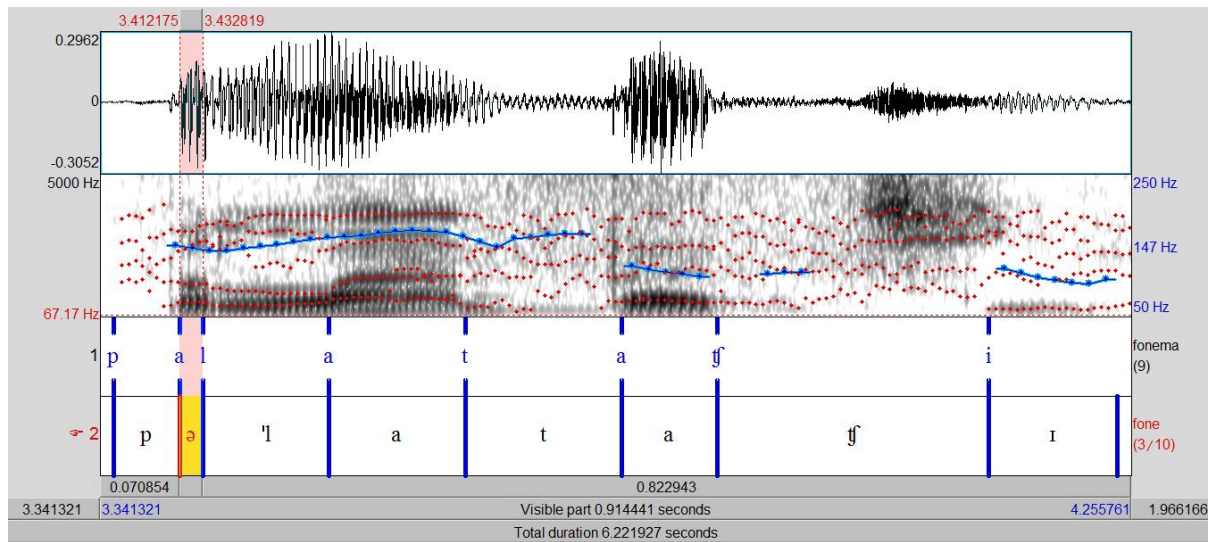
Exemplos de redução vocálica em sílaba inicial

(198) [pⁱni'ka:lɨ] /pinikali/ “carne de você”

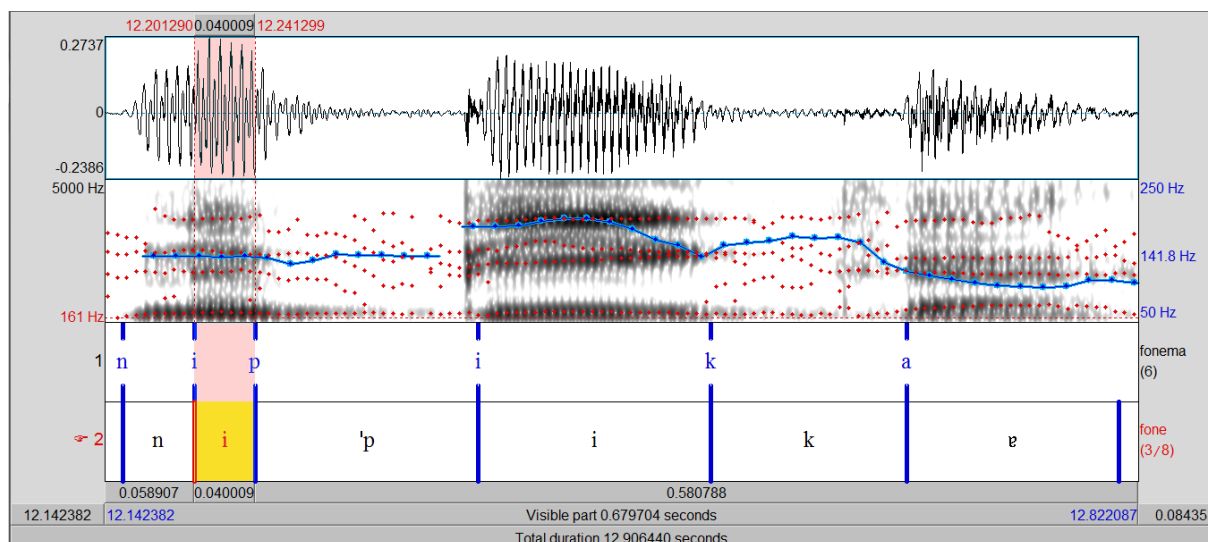


Espectrograma 10 — Redução vocálica em sílaba inicial na palavra [pⁱni'ka:lɨ]

(199) [p^a'latɐfi] /palatafi/ “sua garganta”

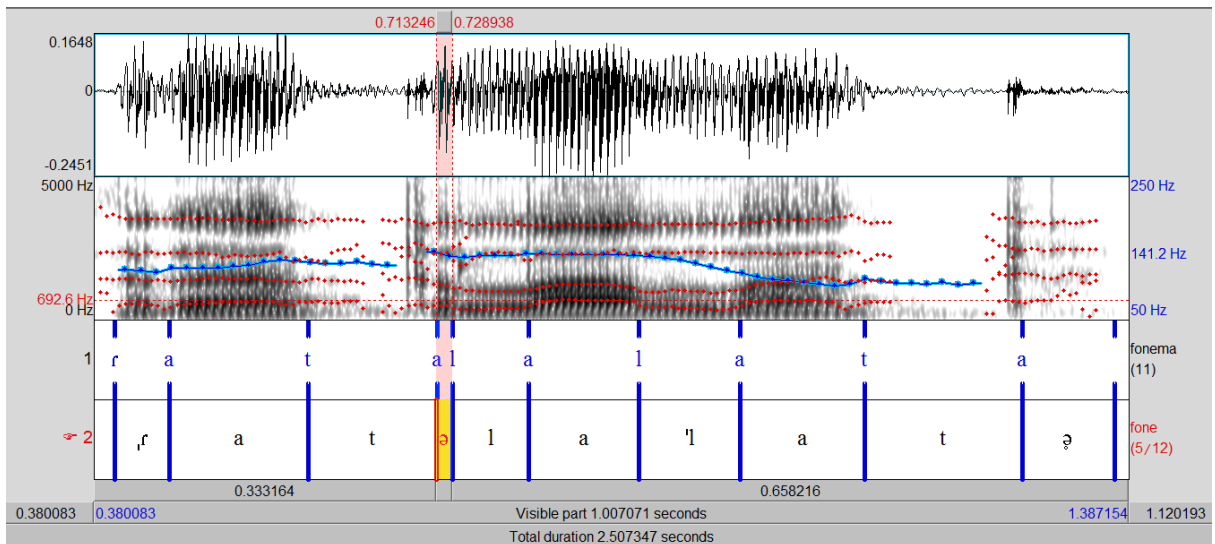


(200) [nⁱ'pi:kɐ] /nipika/ “eu tenho medo”



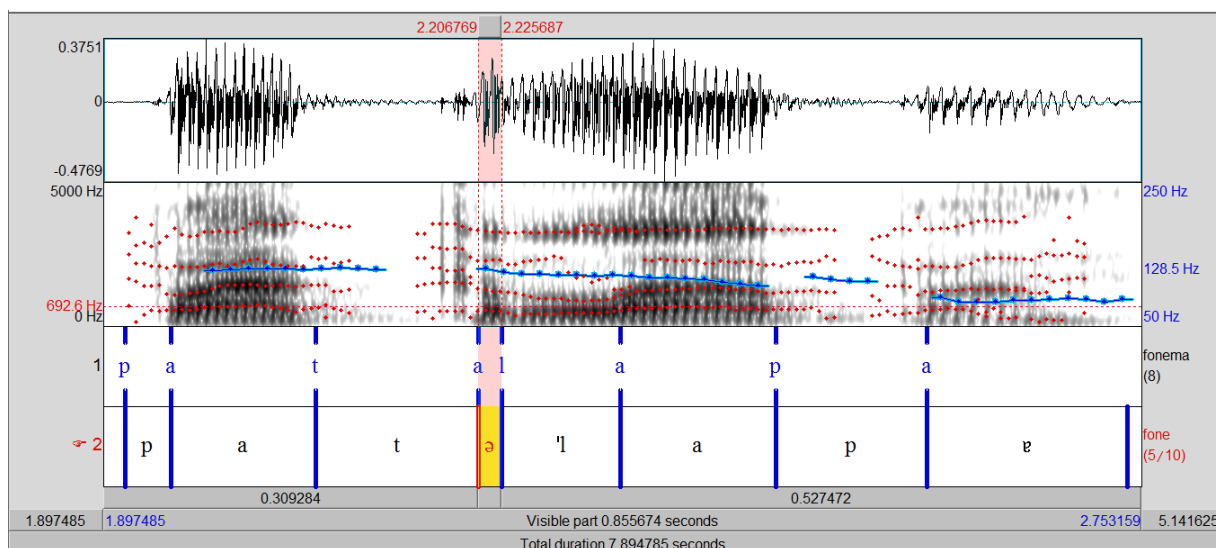
Exemplos de redução vocálica em sílaba medial

(201) [ˌrat̚laˈlat̚] /ratalalata/ “ele queimou”, “vai queimando”



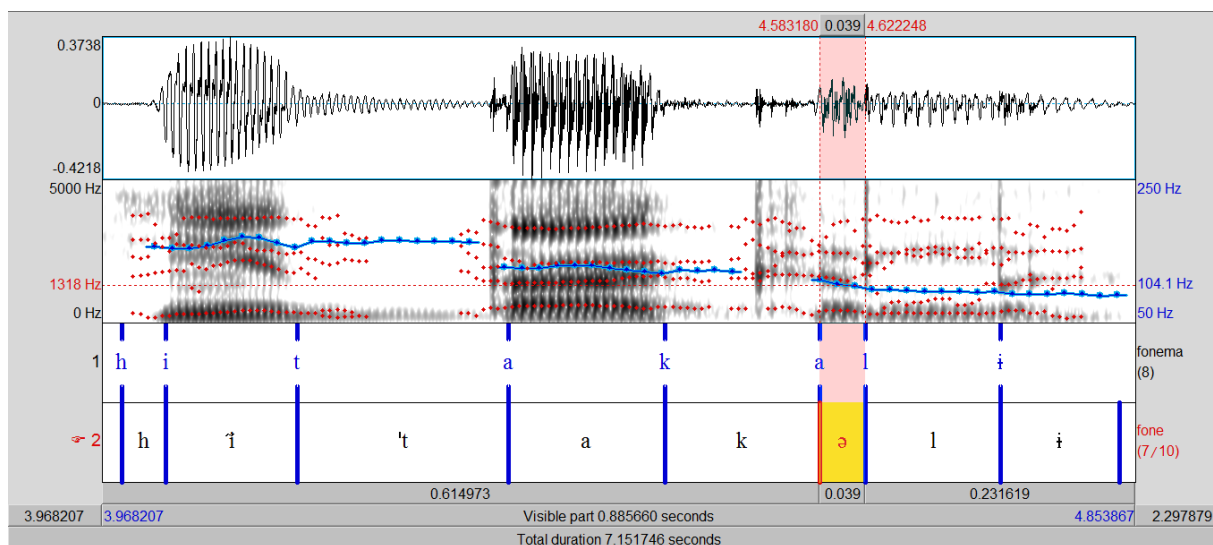
Espectrograma 13 — Redução vocálica em sílaba medial na palavra [ˌrat̚laˈlat̚]

(202) [pat̚ˈlap̚] /patalapa/ “galinha”



Espectrograma 14 — Redução vocálica em sílaba medial na palavra [pat̚ˈlap̚]

(203) [hĩ'tak^əli] /hitakali/ “planta”



Espectrograma 15 — Redução vocálica em sílaba medial na palavra [hĩ'tak^əli]

Com bases nos dados expostos até aqui, afirmamos que a redução, na variedade Piro, é um processo morfológico motivado pela concatenação de morfema com reflexo prosódico.

CAPÍTULO VI

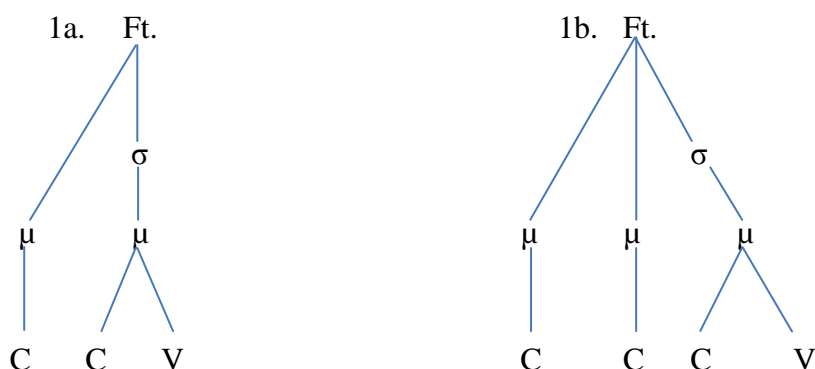
6. PADRÃO SILÁBICO EM MANXINERU

Neste capítulo descrevemos os padrões silábicos da língua Manxineru. Apresentamos na seção 6.1 os tipos de sílabas encontrados nessa língua. Na seção 6.2 tratamos da projeção máxima e mínima das palavras, e fazemos uma breve descrição de aspectos da marcação de acento. Na seção 6.3 descrevemos aspectos fonotáticos do Manxineru.

6.1 A SÍLABA

Como mencionado no capítulo V, a primeira abordagem feita sobre a sílaba em uma variedade da língua Yine, no caso o Piro, foi proposta por Matteson (1965). Segundo essa autora os padrões silábicos em Piro são: C_1V , C_1C_2V ou ainda na projeção máxima $C_1C_2C_3V$.

Lin (1997), ao propor uma análise para a estrutura moráica em Piro, com base nos dados de Matteson, apresenta o padrão silábico C_1V , já que para ele, o padrão proposto por Matteson (*op. cit.*, p. 24) não ocorre, sendo os padrões que apresentam grupos consonantais C_1C_2V e $C_1C_2C_3V$, consoantes extrassilábicas, o que só acontece porque estas consoantes são licenciadas pela estrutura moráica do Piro. Os exemplos 1a. e 1b. demonstram o que Lin propõe para o padrão silábico em Piro:



Observa-se que, segundo Lin (1997), toda sílaba tem apenas C_1 , e não grupos consonantais.

Sebastián (2006) também propõe que na variedade Piro só existe o padrão silábico C_1V . Por outro lado, Matteson (1965) e Silva (2008) propõe o padrão silábico C_1C_2V ,

respectivamente para o Piro e para o Manxineru, sendo que, para Matteson (*op. cit.*) há também um padrão com até três consoantes ($C_1C_2C_3V$).

Hanson (2010, p. 25) reconhece a existência de um padrão C_1C_2V em Piro, mas o padrão $C_1C_2C_3V$, seria, segundo ela, restrito à posição inicial de palavra, e resultante da concatenação de certos prefixos, como mostra o exemplo seguinte:

- a. n-mtʃira-te
1sg-spider.monkey-pssd “my spider monkey”

Por outro lado, Hanson (p. 26) reconhece que nasais ocorrem em posição de *coda* na língua Piro, como mostra o exemplo seguinte:

- a. rethimamtkanna
r-heta-hima-m-ta-ka-na-na
3-ver-QUOT-NONDUR-VCL-PASS-CMPV-3PL
“Eles foram vistos / viu.”
- b. ricamtna
r-HICA-m-ta-nd
3-ser-VCL-3PL
“Eles foram (como tal) por um tempo.”

Em nossa análise da variedade Manxineu, reconhecemos os seguintes padrões silábicos em Maxineru:

C_1VC_2 :

- (204) a. [ˈsuːʃfɪ] “joelho”
b. [ˈnoːspɛ] “meu lábio”
c. [paˈmẽːndi] “você colhe”

C_1V :

- (205) a. [ˈsoːtɪlɪ] “pedra”
b. [koˈʃiːro] “faca”
c. [piˈʃẽːnɛ] “seu”

VC₂:

- (206) a. [is'taʃĩ] “tórax”
 b. [is'kite] “gancho”
 c. [mi'ufʃĩ] “dedo”

V:

- (207) a. ['ĩma] “com”
 b. [u,pahũ'nēne] “nossas cuias”
 c. [hõʃĩ'ole] “gambá”

Nossa análise diverge de análises anteriores, como as de Matteson (1965), Yen (1997), Sebastián (2006), Silva (2008), Hanson (2010), pois reconhecemos a existência do padrão canônico (C₁)V(C₂), em que C₂ pode ser ou uma consoante nasal, ou uma consoante fricativa, ou uma consoante aproximante.

6.2 ACENTO

A natureza e escopo do acento na língua Manxineru merece estudos especiais. Palavras básicas podem ter acento na antipenúltima ou na penúltima sílaba, entretanto, operações morfológicas podem alterar os padrões básicos.

Palavras com acento na penúltima sílaba:

- (208) a. ['hẽʃo] “morcego”
 b. [ha'ʃĩni] “por cima”

Palavras com acento na antepenúltima sílaba:

- (209) a. ['wa:pəhĩ] “algodão”
 b. ['ʃɛ:piʃĩ] “piolho”

Exemplos de alteração no padrão básico acentual resultante de processos morfológicos são:

- (210) a. ['wa:pəhĩ] “algodão”
 [nuapə'hĩ:-te] “meu algodão”

- b. [t^o'lo:lo] “sapo”
 [t^olo'lõ-ne] “sapos”

6.3 POSSIBILIDADES DE OCORRÊNCIAS E DE RESTRIÇÕES DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS NA VARIEDADE MANXINERU

As consoantes que ocorrem em posição de *onset* precedida de silêncio (#__V) são: [p, t, k, ts, tʃ, cç, β, s, ʃ, ç, h, r, m, n, w, j].

Exemplos:

- | | | | | |
|----------|------|-------|--------------------|------------------|
| (211) a. | [p] | #__V | ['peçiri] | “cotia” |
| b. | [k] | #__V | [kaku'çeri] | “vários objetos” |
| c. | [t] | #__Ṽ | [tẽnu'ha:li] | “algo profundo” |
| d. | [ts] | #__V | ['tsiri tso'leçi] | “velho” |
| e. | [tʃ] | #__V | ['tʃiʃi] | “fogo” |
| f. | [cç] | #__V | [cçep'içi] | “axila” |
| g. | [β] | #__V | [βej'awli] | “mentira” |
| h. | [s] | #__V | [si'ri:çi] | “bunda” |
| i. | [ʃ] | #__V | ['ʃe:piçi] | “piolho” |
| j. | [ç] | #__V | [çi'uçi] | “cabeça” |
| k. | [h] | #__Ṽ | [hõfi'ole] | “gambá” |
| l. | [r] | #__V | [raka'tʃikilɪ] | “ele chuta” |
| m. | [m] | #__V | ['mu:j] | “anu” |
| n. | [n] | #__V: | ['no:spɛ] | “meu lábio” |
| o. | [w] | #__V | ['walo] | “coelho” |
| p. | [j] | #__V | [jotu'litoli] | “lontra” |

As consoantes que ocorrem em posição de *coda* (V__C) são: [m, n, s, ʃ, ç, h, w, r, j].

Exemplos:

- | | | | | |
|----------|-----|--------|--------------|----------------|
| (212) a. | [m] | Ṽ__C | [hõm'ka:hĩ] | “ele continua” |
| b. | [n] | Ṽ__C | [tsĩn'di:çi] | “periquitinho” |
| c. | [s] | V: __C | ['no:spɛ] | “meu lábio” |
| d. | [ʃ] | V: __C | ['na:ʃi] | “colar” |

e.	[ç]	Ṽ__C	[,hĩçpa'hafĩri]	“algo podre”
f.	[h]	V__C	[ʧĩ'ahli]	“choro”
g.	[w]	V__C	[tiw'tĩ:mtø]	“pulseira”
h.	[ř]	V__C	['seřka]	“cerca”
i.	[j]	V: __ #	['mu:j]	“anu”

A consoante que ocorrem em final de palavra seguida de silêncio (V__#) é: [j].

Exemplo:

(213)	a.	[j]	V__#	[si'kaj]	“ele belisca, mexe em algo”
-------	----	-----	------	----------	-----------------------------

As vogais que podem iniciar palavra precedida de silêncio (#__V) são: [i, ĩ, u].

Exemplos:

(214)	a.	[i]	#__C	[i'hĩ:ʧĩ]	“dente”
	b.	[ĩ]	#__Ṽ	[ĩn'dĩ:ʧĩ]	“língua”
	c.	[u]	#__C	[u'hẽ:ʧĩ]	“filho”

Com bases na análise e na descrição desta pesquisa, pode-se concluir que o padrão silábico canônico do Manxineru é (C)V(C), sendo esta a projeção máxima e tendo V como projeção mínima da estrutura silábica.

CONCLUSÃO

Na presente dissertação, demonstramos que a língua Manxineru possui 16 fonemas consonantais e cinco fonemas vocálicos. Essa é uma das diferenças entre a nossa análise e a análise de Silva (2008), para quem o Manxineru possui 15 fonemas consonantais.

Demonstramos também que os fonemas /w/, /l/ e /h/ possuem respectivamente os alofones [β], [d] e [f], diferentemente do que foi proposto por Silva (2008), para quem o [l] é alofone do /r/ e o fonema /h/ só possui um único fone [h]. Na análise de Silva não há referência a [d].

A análise dos sons distintivos foi feita a partir do contraste de pares mínimos e/ou análogos de palavras, com demonstração da distribuição dos alofones de cada um deles.

Amparados por princípios, procedimentos e instrumentos da fonética acústica, descrevemos o padrão silábico canônico (C)V(C) para o Manxineru, podendo V ter seu tempo de produção reduzido, resultando em vogal brevíssima, sonora, em ambientes sonoros – quando contíguo a consoante sonora; e surdo, quando em ambientes surdos – entre duas consoantes surdas. Essa análise difere da que postula ao invés de C^v, CC. Mostramos de forma breve que as reduções vocálicas são resultantes de mudança no padrão acentual, ocasionada por afixação de certos morfemas. Mostramos também que a nova sílaba acentuada ocorre, na maioria das vezes, alongada.

Demonstramos a existência em Manxineru dos processos de propagação/assimilação de vozeamento, dessoantização e nasalidade.

Quanto à nasalização, demonstramos que vogais nasais são decorrentes de sua contiguidade a /h/, seguindo-o, ou de sua contiguidade a /m/ ou /n/, precedendo-os. Todos os dois processos são locais e automáticos. Propusemos uma explicação física para o /h/ como fonte de nasalidade, considerando que o relaxamento da região glotal na produção de [h] atingiria a região supraglotal, provocando o abaixamento do véu palatino na produção da vogal seguinte.

Demonstramos também que o fonema /l/ sofre dessoantização seguindo /n/, e não seguindo /m/ pela natureza coronal de [n] e de [l].

Ressaltamos que a análise acústica dos sons, por meio de espectrogramas, foi fundamental para a demonstração da maioria dos fatos discutidos aqui sobre a fonética da língua Manxineru.

Esperamos, na continuidade do estudo da língua Manxineru, proceder a uma análise aprofundada de sua fonética e de sua fonologia, desenvolvendo hipóteses que expliquem a riqueza da organização de seu sistema fonológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (Org.). *The Amazon languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.
- BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 5 ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010.
- BLEVINS, Juliette. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- BORGES, Dinah Rodrigues. *Manchineri: às margens dos altos rios*. In: NETO, Antônio Pereira et al. *Povos do Acre: histórias Indígenas da Amazônia Ocidental*. Rio Branco: Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour (FEM), 2002.
- BROSELOW, Ellen. *Skeletal Positions and Moras*. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à Fonologia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, Publisher, 1968.
- CLEMEN, G. N.; HUME, Elizabeth V. *The Internal Organization of Speech Sounds*. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- CORREIA, Cloude de Souza; COSTA, Eliza Mara Lozano; VIVAN, Jorge Luiz. *Etnozoneamento da Terra Indígena Mamoadate: relatório final*. Rio Branco – Acre: SEMA/IMAC, 2005.
- CORREIA, Cloude de Souza; COSTA, Eliza Mara Lozano; VIVAN, Jorge Luiz. *Etnozoneamento da Terra Indígena Mamoadate: relatório final*. Rio Branco, SEMA, 2005.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 411f. 1998. [Tese de Doutorado em Linguística] – UNICAMP, Campinas, SP 1998.
- _____. *Sistema Fonológico do Português: Rediscutindo o Consenso*. Delta, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002.
- FACUNDES, Sidney da Silva. *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)*. New York: University of New York at Bufallo, 2000. [Tese de Doutorado]. 693 p.
- FUNAI (Fundação Nacional do Índio). *Jaminaua e Machineri do Alto Rio Iaco*. Brasília: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, Fundação Nacional do Índio, Ministério do Interior, 1977.
- GOLDSMITH, John A. *Phonological Theory*. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- GONÇALVES, M. A. *Acre: História e Etnologia*. Rio de Janeiro: Núcleo de Etnologia Indígena, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- HANSON, Rebecca. *A Grammar of Yine (Piro)*. Bundoora, Victoria, Australia: 2010. p. 382 [Tese de Doutorado].

HAVERROTH, M. *Relatório da Viagem à Terra Indígena Mamoadate*. Rio Branco: Comissão Pró- Índio. Programa de Saúde Sujo, Limpo e Contaminado. Capacitação de Agentes de Saúde em Higiene e saneamento Ambiental e Assistência Primária de Saúde, 1999.

JAKOBSON, Roman. *Princípios de Fonologia Histórica*. Tradução de Wilmar da Rocha D'angelis. Campinas, SP: Cut Nimuendaju, 2008.

KISSEBERTH, Charles. Vowel elision in Tonkawa and derivational constraints. In SADOCK, Jerrold N.; VANEK, Anthony L. (eds.) *Studies presented to Robert B. Lees by his students*. Edmonton: Linguistic Research, 1970. p. 109-138.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Iam. *The Sounds of the World's Languages*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

_____. *Vowels and Consonan: an Introduction to the Sounds of Languages*. Malden/MA, USA: Blackwell, 2001.

_____. *Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Malden/MA, USA: Blackwell, 2003.

LIN, Yen-Hwei. Syllabic and Moraic Structures in Piro. In: *Phonology*, v. 14, n. 3, p. 403-436, 1997.

_____. *Cyclic and noncyclic affixation in Piro*. In: BOOIJ, G. E.; WEIJER, J. M. van de (eds.) *Phonology in progress – progress in phonology*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997a. p. 167-188.

_____. *Piro affricates and edge effects*. Ms, Michigan State University, 1997b.

MATTESON, Esther. *Piro myths*. 4. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers. 1951.

_____. *Piro phonemes and morphology*. 11. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers, 1954.

_____. *Analyzed Piro text: a boy and a jaguar*. 12. Kroeber Anthropological Society Papers, 1955.

_____. *The Piro (Arawakan) language*. California, USA: University of California, 1965.

MCCATHY, John J.; PRINCE, Alan S. *Prosodic Morphology*. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (orgs.). *Introdução à Linguística 1: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. V. 1.

PIKE, Kenneth. *Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Techinique for the Pratical Description of Sounds*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, [1943].

_____. *Phonemics a Techinique for Reducing to Writing*. Ann Arbor. The Universite or Michigan Press, 1947.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igana. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Silêncio, Nasalidade e Laringalidade em Línguas Indígenas Brasileiras. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 11-24. 2003.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igana; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (Orgs.). *Novos Estudos Sobre Línguas Indígenas*. Brasília: UnB, 2005.

SANTOS, I. M. *Terras Indígenas: Mamoadate, cabeceira do rio Acre e Caeté*. Revisão do componente indígena do EIA-RIMA BR-317. (Brasiléia, Assis Brasil). Rio Branco, 2001.

_____. MANXINERU, S.; MANXINERU, R. *Relatório de viagem à terra indígena Mamoadate*. Rio Branco: 1991.

SEBASTIÁN, Rittma Urquía. *Yine: Ilustraciones fonéticas de lenguas ameríndias*. In: MARLETT, Stephen A. Lima: SIL International y Universidad, 2006.

SILVA, Edineide dos Santos. *Fonética e Análise Fonológica Preliminar da Língua Manxinéri*. 33f. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

STORTO, Luciana R.; DEMOLIM, Didier. The phonetics and phonology of South American Languages. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The indigenous languages of South America: A comprehensive Guide*. Berlin/Boston: Lyle Campbell e Verónica Grondona, 2012. p. 331-390.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. Tradução de Christiane A. M. Baltaxe. Los Angeles: University of California Press, 1969.

VAN DER HULST, Harry; WEIJER, Jeroen van de. Vowel Harmony. In: GLODSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Malden/MA, USA: Blackwell, 1996. Disponível em: <<http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?>>. Acesso em: 31 dez. 2007.